

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY  
RIBEIRO

CATADORES DA SOBREVIVÊNCIA: ESTUDO DO TRABALHO E DAS RELAÇÕES  
DE TRABALHO ENTRE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE RUA NO  
MUNICÍPIO DE BOM JESUS DO ITABAPOANA - RJ EM 2008

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES

Campos dos Goytacazes/RJ  
Junho/2009

CATADORES DA SOBREVIVÊNCIA: ESTUDO DO TRABALHO E DAS  
RELAÇÕES DE TRABALHO ENTRE CATADORES DE MATERIAIS  
RECICLÁVEIS DE RUA NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DO  
ITABAPOANA- RJ EM 2008

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES

**ORIENTADOR: Prof. Dr. HERNAN ARMANDO MAMANI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Hernan Armando Mamani.

Campos dos Goytacazes/RJ  
Junho/2009

**CATADORES DA SOBREVIVÊNCIA: ESTUDO DO TRABALHO E DAS  
RELAÇÕES DE TRABALHO ENTRE CATADORES DE MATERIAIS  
REICLÁVEIS DE RUA NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DO ITABAPOANA-RJ  
EM 2008**

**CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais, sob a orientação da Prof. Dr. Hernan Armando Mamani.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Comissão examinadora:

---

Denise Chrysóstomo de Moura Juncá (Doutora em Ciências – ENSP/ FIOCRUZ)

---

Vera Lúcia Marques da Silva (Doutora em Saúde Coletiva – IMS/UERJ)

---

Silvia Alicia Martinez (Doutora em Educação – PUC/RIO)

---

Hernan Armando Mamani (Doutor em Planejamento urbano e regional –  
IPPUR/UFRJ)  
Orientador

Este trabalho é dedicado a Deus, que nunca desistiu de mim, que me guia, me protege, me ilumina e me abençoa, mesmo não sendo merecedor de tantas glórias. ELE fez com que eu inventasse dentro de mim, a coragem de lutar ao lado da coragem de amar, em busca de meus sonhos. A ELE toda honra e toda glória sempre...

## AGRADECIMENTOS

*Este é um dos momentos mais difíceis, visto que as palavras nem sempre conseguem expressar o quanto sou grato a tantos familiares e amigos, que venho construindo ao longo de minha caminhada. No entanto, com sentimento veemente, traçarei algumas linhas dedicadas a pessoas que tornaram meu percurso mais feliz. Sejam elas:*

*Meus pais, João e Sônia, que me criaram com dificuldades, mas em todos os momentos, priorizaram a oportunidade de estudar a seus filhos. Agradeço por me ensinar a amar o próximo, por terem me formado com valores humanos básicos a uma vida com dignidade. Mas também, sou muito grato pelo abraço apertado, pelo sorriso no rosto, pelo colo de minha mãe (que é tão especial) nos momentos tristes ou de medo, pelo amor que recebo e por estarem me deixando voar em busca de meus sonhos que, certamente, são seus...*

*Minha irmã, que torce muito para que eu vença os desafios que a vida me coloca e alcance conquistas, que muitas vezes, parece ser mais dela do que minhas. Obrigado por torcer e acreditar em mim...*

*Familiares que torcem e estão comigo em momentos alegres ou tristes... meu muito obrigado!!!*

*Meus amigos, em especial, Ariane, Fernanda, Rose, Anderson, Nilmar, Roberta, Elaine, Taís, Carmem Lilia e Allan, que me incentivaram com palavras de carinho, além de me proporcionarem momentos de alegrias incomparáveis. Amo vocês meus amigos!*

*Professores do Mestrado de Políticas Sociais, muito obrigado pela oportunidade de aprendizado e construção. Em especial, agradeço ao Professor Marcos pelas dicas sugeridas no Seminário de dissertação que fizeram a diferença neste estudo.*

*Amigos do Mestrado, em especial, a Josete, Regina, Gisele, Edimilson, Marilene, Claudiméia, Paulo, Ana Paula, Wanessa, Valdir e Bia. Pessoas que agradeço pela*

*companhia, troca de experiências, estudos conjuntos e amizade dedicadas... Obrigado por terem feito parte de minha vida em um momento tão especial e de maneira diferenciada...*

*Meu Orientador Hernan Mamani, que me possibilitou a construção permanente de um olhar crítico e objetivo, de modo não trabalhado antes por mim. Obrigado pelas críticas construtivas, pela atenção e amizade dedicadas a mim, que espero continuar para além deste estudo. Meus sinceros agradecimentos a orientações que fizeram a diferença em nosso trabalho.*

*Aos Professores e alunos da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes muito obrigado pelo apoio e torcida. Pessoas que me tornaram um Assistente Social apaixonado pela academia. Especialmente, agradeço a Katarine, parceira na elaboração de artigos, na construção de uma carreira comprometida e nas “maluquices” do dia-a-dia. E, além disso, minha “comparte” neste novo desafio: o doutorado! Não posso deixar de agradecer ainda, a Rita Márcia e Verônica, que mais do que Professoras, são amigas especiais.*

*Aos membros do GRIPES (Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Cotidiano e Saúde) da UFF- Campos. Grupo unido e batalhador, com pessoas extremamente dedicadas e amigas. Agradeço pelo carinho especial de Denise, Josi, Ana, Ellen, Tia Celma, Katarine e Verônica.*

*A Denise Juncá. Pessoa iluminada por Deus. Expressar o quanto a admiro e possuo um amor maternal para/com ela é impossível. Mestre dedicada, Doutora admirada, amiga singular. Estas características expressam poucos atributos de uma pessoa tão abençoada e que tanto me ensinou e ensina.*

*Sou consciente do quão pouco sei, mas do pouco que sei, muito aprendi com ela. Obrigado, não expressa meu agradecimento e carinho por você, Denise!*

*A Professora Silvia Martinez, meus sinceros agradecimentos por aceitar participar de minha banca avaliadora. Profissional que possui uma postura atenta à construção crítica de conhecimento de maneira harmoniosa.*

*A Professora Vera Marques, meu eterno agradecimento, por participar deste momento de extrema importância de minha vida. Meus sinceros agradecimentos pela participação em minha banca examinadora.*

*A Ana Paula Caputo, Secretária do Mestrado em Políticas Sociais, pela dedicação e carinho dispensados a mim ao longo destes dois anos.*

*A bolsa concedida pela FAPERJ ao longo do mestrado.*

*Aos catadores que deram lições de vida e superação que, muitas vezes, mostraram que não há tempo a perder e, portanto, há necessidade de ousar. A estes que sonham com dias melhores ou aqueles, que já não conseguem sonhar mais, muito obrigado por realizarem o meu sonho e terem me concedido a possibilidade de aprender que a vida deve ser reinventada sempre...*

*A todos, que de uma forma ou de outra, contribuíram para este trabalho, meu muito obrigado!!!*

## **Todo ponto de vista é a vista de um ponto**

*“Ler significa reler e compreender, interpretar.*

*Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.*

*Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.*

*A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças os animam. Isso faz parte da compreensão sempre uma interpretação.*

*Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.”*

**(Leonardo Boff).**

## **RESUMO**

A dissertação ora apresentada objetiva estudar o trabalho e as relações de trabalho dos catadores de lixo reciclável de rua no município de Bom Jesus do Itabapoana - RJ em 2008, buscando compreender se a recente proliferação destes trabalhadores possui relação com as transformações no mundo do trabalho. Para tanto, além de ampla pesquisa bibliográfica (com acesso a livros, revistas, jornais, sites), realizamos uma pesquisa de campo (sob uma perspectiva essencialmente qualitativa), entrevistando 10 trabalhadores, com a proposta de compreender os seguintes eixos analíticos: relatos de vida (relacionados ao trabalho com o lixo); Trabalho e relações de trabalho do catador; políticas sociais, além de identificá-los, a fim de compreender quem eles são. Em complemento as entrevistas, trabalhamos com observação e diário de campo. Os resultados encontrados demonstram uma realidade de pobreza e precariedade, em que estes catadores possuem baixo nível de escolaridade, sofrem preconceitos e discriminações por parte da sociedade ao realizarem suas atividades, além de não terem informações acerca da cadeia produtiva e de seu papel no circuito da reciclagem, apesar de enfatizarem a colaboração de seu trabalho para o meio ambiente urbano. Além disso, demonstraram estar inseridos neste ramo, por necessidade de complementar seus rendimentos ou para garantir sua sobrevivência, na medida em que desempenham exclusivamente esta ocupação, sugerindo assim, que o rendimento, atrelado à falta de qualificação profissional e o não acesso a melhores oportunidades de trabalho, são os principais eixos que contribuem para a proliferação destes trabalhadores em pequenos municípios. Trabalhadores que estão vulneráveis a mudanças econômicas, políticas, culturais, sociais sem nenhum mecanismo de proteção social.

Palavras – chave: Catador, Trabalho, Informalidade, Proteção Social, Políticas Sociais.

## **ABSTRACT**

The dissertation here presented objectives to study the work and the work relations of the street's garbage's recyclable collectors in the city of Bom Jesus do Itabapoana - RIO DE JANEIRO in 2008, searching to understand if the recent proliferation of these workers possesses relation with the transformations in the world of work. That way, beyond ample bibliographical research (with access the books, magazines, periodicals, sites), we achieved a field research (through an essentially qualitative perspective), interviewing 10 workers, with the proposal to understand the following analytical axles: life stories (related to the work with the garbage); Work and work relations of the collector; Social policies, and also identifying them, in order to understand who they are. In complement to the interviews, we worked with observation and field journal. The results found demonstrate a reality full of poverty and precariousness, in which these collectors possess low level of scholarship, suffer preconceptions and discriminations from the society when achieving their activities, and beyond that they don't have information concerning the productive chain and its paper in the circuit of recycling, although they emphasize the contribution of their work to the urban environment. Moreover, they had demonstrated to be inserted in this branch, for the necessity of complementing their income or to guarantee their survival, based on the fact that they accomplish exclusively this occupation, thus suggesting, that the income, hitched to the lack of professional qualification and the non-access to better chances of work, are the main axles that contribute for the proliferation of these workers in small cities. Workers who are vulnerable to the economic, politics, cultural and social changes, without any mechanism of social protection.

Key words: Collector, Work, Informality, Social protection, Social Policies.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I - Implicações e conseqüências das “transforma – ações” do mundo do trabalho na sociedade contemporânea</b>	<b>17</b>
I.I - O debate sobre o trabalho e o mercado de trabalho na atualidade	17
I.II - Exclusão social e cidadania	24
I.III – Estigma	34
<b>CAPÍTULO II - Espaço do lixo: de onde vem? Para onde vai?</b>	<b>37</b>
II.I - Na rota do lixo: tópicos sobre o circuito da reciclagem	37
<b>CAPÍTULO III - Notas sobre o trabalho e as relações de trabalho dos catadores de materiais recicláveis no contexto de Bom Jesus do Itabapoana – RJ</b>	<b>47</b>
III. I – A matéria viva por detrás do lixo	47
III. II - Entre as ruas: o processo de trabalho dos catadores de materiais recicláveis no município de Bom Jesus do Itabapoana – RJ	64
<b>CAPÍTULO IV – Políticas Sociais, trabalho informal e catadores de lixo</b>	<b>75</b>
IV. I – Para além do trabalho: reflexões acerca de alternativas para trabalhadores do lixo	75
<b>Afinal, que processos construímos?</b>	<b>81</b>
<b>Apêndices</b>	<b>96</b>
<b>Apêndice II</b>	<b>101</b>

## Introdução

A dissertação ora apresentada objetiva estudar o trabalho e as relações de trabalho dos catadores de lixo reciclável de rua no município de Bom Jesus do Itabapoana - RJ em 2008. O interesse originou-se há 03 anos, ao perceber um número não negligenciável de catadores pelas ruas centrais da Cidade. Número que parece retroceder no momento atual, em função da mudança do preço dos recicláveis, a partir da crise econômica mundial, que demonstra uma integração de Bom Jesus com as redes e fluxos econômicos contemporâneos.

Situado no Estado do Rio de Janeiro, localizado na região Noroeste Fluminense, na divisa com o Espírito Santo, Bom Jesus possui uma população em torno de 35 mil habitantes, com uma faixa etária predominante entre 10 e 39 anos. Sua economia está voltada para agropecuária e setores comercial e de serviços, além de pequeno parque industrial.

O Município possui dificuldades em relação a necessidades básicas<sup>1</sup>, ao aumento de oportunidades de ascensão social<sup>2</sup>, ao autodesenvolvimento e auto-satisfação<sup>3</sup>, com carências que estabelecem uma estreita relação entre Bom Jesus e as cidades vizinhas, como Campos dos Goytacazes. Relações expressas quando bonjesuenses locomovem-se em busca de uma oportunidade no mercado de trabalho, de um curso técnico profissionalizante de maior qualidade ou um curso superior. Tendo, muitas vezes, que deixar a cidade e passar a residir em outras localidades, a partir das condições oferecidas no Município.

---

<sup>1</sup> Neste sentido considerou-se: Alfabetização dos jovens e infra-estrutura das escolas; Mortalidade na infância; Nascimentos com pré-natal; Déficit habitacional; Inadequação por infra - estrutura; **Formalidade das relações de trabalho**; Equipamentos esportivos, culturais, de informação e lazer; Direito à vida; Comércio varejista de bens cotidianos e freqüentes; Acessibilidade; Telefone público; Rendimento de trabalho; Existência e funcionamento de conselhos municipais e órgãos de justiça. (Estudo sócio econômico, outubro de 2003, p. 27).

<sup>2</sup> Para tanto se considerou: Instrução dos adultos; Dependências escolares; Mortalidade por doenças do aparelho circulatório; Disponibilidade de leitos; Favelas; Iluminação e pavimentação das vias urbanas; Tempo de permanência no emprego; Equipamentos esportivos, culturais, de informação e lazer; Direito à integridade física; Comércio varejista de bens cotidianos, freqüentes e pouco freqüentes; Transporte público intermunicipal; Telefones; Rendimento de trabalho; Existência e funcionamento de conselhos municipais (Estudo sócio econômico, outubro de 2003, p. 27).

<sup>3</sup> Neste caso, foram analisadas as seguintes categorias: Instrução dos jovens; Ensino superior, mestrado e doutorado; Mortalidade de idosos; Procedimentos assistenciais de alta complexidade; Conforto domiciliar; Regulação e controle de uso e ocupação do solo; Qualidade da remuneração; Equipamentos esportivos, culturais, de informação e lazer; Direito à propriedade; Comércio varejista de todos os bens; Transporte particular; Internet; Rendimento; Existência e funcionamento de conselhos municipais.

Estas condições contribuem para o crescimento da economia informal<sup>4</sup> na geração de novos postos de trabalho. De acordo com o IBGE (apud SEBRAE), em 2003 cerca de 4609 pessoas possuíam carteira assinada em Bom Jesus. Mas se o número de pessoas com carteira de trabalho assinada corresponde, no período, a menos de 15% da população bonjesuense, e relatamos anteriormente que a faixa etária predominante no Município no ano de 2005 está entre 10 e 39 anos, isso pode ser indicativo de que o número de trabalhadores com carteira assinada seja modesto em relação à faixa etária, já que é uma população basicamente jovem.

Atualmente com “a idéia de que o indivíduo é capaz de identificar as melhores opções e, de que o mercado - livre das amarras impostas pelo Estado – poderia oferecer oportunidades a todos” (Theodoro, 2000, p.1906), torna a informalidade reforçada, apoiada em suas características básicas para que possa absorver parcelas da força de trabalho e consolidar-se como um instrumento de combate ao desemprego.

Neste caso, se observa em Bom Jesus, um número considerável de pessoas que se dedicam a ocupações como: Pedreiro, Diarista, trabalhadores do transporte informal, da zona rural, vendedores autônomos, catadores de lixo, dentre outros. Trabalhadores que, em alguns casos, se dedicam a ocupações informais por falta de acesso ao mercado formal de trabalho e, assim, garantem sua sobrevivência. Além disso, não se pode desconsiderar a função social das ocupações exercidas, na medida em que muitas possuem sua relevância trazendo contribuições para a sociedade de maneira geral.

Esse é o caso do catador de lixo, que desempenha uma atividade relevante diante do consumismo desorganizado na sociedade atual, que provoca o aumento no volume do resíduo, produzindo diariamente em torno de 1 kg de lixo por brasileiro. Por outro lado, há uma estrutura mais complexa: o mercado do lixo e o circuito da reciclagem, que relacionam diferentes atores em que, a partir da atividade desenvolvida com o resíduo, ocuparão níveis diferenciados dentro da cadeia produtiva e, conseqüentemente, terão seus rendimentos maiores ou menores, assim como, diferenciadas condições de trabalho.

Muitos estudos tratam a questão do lixo (ARAÚJO, 1997; BASTOS, 2008; GONÇALVES, 2004; JUNCÁ, 2004; NOGUEIRA, 1996; SOUZA, 1995). No entanto, suas análises estão, sobretudo, relacionadas a grandes metrópoles, além de considerarem, na

---

<sup>4</sup> Esta dissertação não tem por objetivo realizar um debate acerca da terminologia mais apropriada acerca da informalidade (Se seria mercado não formalizado, economia informal, informalidade, mercado informal...). Estes termos serão trabalhados aqui como sinônimos.

maioria das vezes, discussões de identidade, reconhecimento, além de contribuições do catador em relação ao meio ambiente no desenvolvimento de sua atividade.

Desta forma, esta dissertação se torna relevante ao ter por objetivo principal estudar o trabalho e as relações de trabalho dos catadores de lixo reciclável no município de Bom Jesus do Itabapoana - RJ em 2008, buscando compreender se a recente proliferação destes trabalhadores possui relação com as transformações no mundo do trabalho.

Abordamos assim a problemática da cidadania em contexto de informalidade e aparente retrocesso da Proteção Social garantida através do emprego (CASTEL, 1998; SANTOS 1994). Considerando ainda que em Bom Jesus do Itabapoana não há nenhum tipo de organização por parte dos Catadores, visto que cada um desempenha sua ocupação de forma independente em busca de garantir sua sobrevivência e de sua família, diferente do que alguns estudos (CUNHA; MELCHIOR, 2005) tem apontado em grandes metrópoles: certa organização por parte dos Catadores, através de Associações, Cooperativas e Movimentos que reivindicam, muitas vezes, o reconhecimento desta categoria, as promessas políticas de candidatos e os seus direitos enquanto trabalhadores. Portanto, interessamos conhecer se há relação com mudanças no mundo do trabalho ou se é uma nova expressão da “velha marginalização” rural e de habitantes de cidades pequenas.

O tema refere-se à problemática da economia e do setor informal e seus vínculos com a cidadania, que no Brasil, permitiram caracterizá-la como “regulada” (SANTOS, 1994). Além disso, representa uma discussão da informalidade e das estratégias de sobrevivência (LAUTIER, 1993, 1994), pouco tratadas em campos profissionais das políticas sociais como a assistência social.

Pretendemos contribuir com um conhecimento sobre trabalhadores pobres em pequenos municípios, com o objetivo de estudar o trabalho e as relações de trabalho existentes entre os catadores; compreender seus relatos de vida (relacionados ao trabalho); identificar sua percepção acerca de seu trabalho, assim como, de que forma ele observa que as outras pessoas da Cidade caracterizam o seu fazer e, finalmente, analisar a relação destes trabalhadores com as políticas sociais.

Para tanto, além de ampla pesquisa bibliográfica (com acesso a livros, revistas, jornais, sites), realizamos uma pesquisa de campo (sob uma perspectiva essencialmente qualitativa), optando por trabalhar com a amostragem não probabilística “bola-de-neve”. Selecionamos aquelas pessoas que possuem as qualidades pesquisadas solicitando aos próprios selecionados que nos indicassem outros que possuíssem as mesmas qualidades.

Além disso, percorremos as ruas da cidade, realizando o que denominamos de “caminhada investigativa” a fim de encontrar e abordar os catadores para desenvolver o estudo.

Desenvolvimento pautado em entrevistas “orientadas” com atenção focada na experiência dos catadores e seus efeitos, direcionadas a 10 trabalhadores, com a proposta de compreender os seguintes eixos analíticos: relatos de vida (relacionados ao trabalho com o lixo); Trabalho e relações de trabalho do catador; políticas sociais, além de identificá-los, a fim de compreender quem eles são. Em complemento às entrevistas, trabalhamos com observação e diário de campo. Para este último, seguimos os critérios: local, dia, hora e entrevistado. Além disso, priorizamos o estilo “escrevendo enquanto participa” preservando o sentido original da fala, de forma que não violasse a informação. Em paralelo, optamos pelo uso de máquina fotográfica e gravador (com devida permissão dos entrevistados), a fim de registrar de forma mais fidedigna possível a realidade.

Assim, foi possível estreitar contatos e conhecer de maneira mais aprofundada trabalhadores que são caracterizados de diferentes formas e, por isso, se tornou importante além de compreender quem eles são, o desenvolvimento de seu trabalho e as relações estabelecidas, considerar sua relação com o processo de coleta do lixo, havendo possibilidade de gerar concorrência ou até mesmo solidariedade entre os Catadores.

A fim de proporcionar um ordenamento e, conseqüentemente, a compreensão destas informações coletadas e analisadas, subdividimos esta dissertação em capítulos. O capítulo 1 “Implicações e conseqüências das ‘transforma – ações’ do mundo do trabalho na sociedade contemporânea” busca compreender as principais mudanças no mundo do trabalho a partir da década de 1970 e suas conseqüências para a sociedade atual, seja enquanto expansão da informalidade, flexibilização do trabalho e de suas relações, aumento no número de trabalhos precários e desprotegidos socialmente, gerando um grande número de excluídos e estigmatizados sociais. Desta forma, analisamos, sob uma perspectiva mais teórica, a possível relação entre exclusão social, cidadania e estigma com a realidade dos catadores de materiais recicláveis.

No segundo momento, os estudos mantiveram-se acerca do seguinte: “Espaço do lixo: de onde vem? Para onde vai?”. A preocupação pautou-se em compreender o lugar em que os catadores se inserem dentro do circuito do lixo, além de buscar entender a rota pelo qual o resíduo percorre.

Já no terceiro capítulo intitulado “Notas sobre o trabalho e as relações de trabalho dos catadores de materiais recicláveis de rua no contexto de Bom Jesus do Itabapoana – RJ” trabalhamos a partir de duas perspectivas: no primeiro momento, a intenção é identificar a

“matéria viva por detrás do lixo”, isto é, quem é o trabalhador que esquadrinha caminhos em busca do resto, da sobra, para transformá-la em um produto reutilizável. Além disso, trabalhamos com relatos, histórias acerca da atividade do catador com o resíduo. No outro item, apresentamos e analisamos a forma pela qual o trabalho se desenvolve, assim como que relações são estabelecidas a partir do exercício da atividade de catador.

No quarto capítulo: “Políticas sociais, trabalho informal e catadores de lixo” traçamos algumas reflexões sobre a relação destes trabalhadores com a política social. Acreditamos que, mesmo que a experiência seja restrita a Bom Jesus, ela é expressiva de um universo maior.

Esses temas e alguns de seus derivados são os principais focos desta dissertação. Nossa preocupação está em oferecer um ponto de vista “alternativo” a partir do qual se possam avaliar circunstâncias da vida atual que vem se ocultando ao longo dos tempos, já que diz respeito a uma dinâmica que muitos preferem não ver. No entanto, há, em tal dinâmica, vida, que “às luzes da ribalta” (Bauman, 2005, p.15) proporcionarão análises críticas por parte do leitor que as tornarão contextualizadas, compreendidas e apreciadas. Neste sentido, este estudo deve ser lido como um convite a um olhar sobre um mundo supostamente familiar, que todos compartilhamos e habitamos, mas que se apresenta entrelaçado por questões pouco refletidas por nós cidadãos. Leitor, está em suas mãos a possibilidade de construção crítica conjunta, a fim não apenas, de ampliar análises, mas de operacionalizar propostas de intervenção.

## **Capítulo 1 - Implicações e conseqüências das “transforma – ações” do mundo do trabalho na sociedade contemporânea**

Este capítulo busca identificar as principais mudanças ocorridas a partir de 1970 no trabalho e nas relações de trabalho, enquanto fruto de alterações políticas, econômicas e culturais que implicam conseqüências para a sociedade, através da expansão da informalidade, flexibilização do trabalho e de suas relações, aumento no número de trabalhos precários e desprotegidos socialmente, gerando um grande número de excluídos e estigmatizados sociais.

A partir de uma abordagem ampliada acerca destas transformações ocorridas no mundo do trabalho, buscaremos realizar um debate conceitual acerca da exclusão social, da cidadania e do estigma.

### **I. I – O debate sobre o trabalho e o mercado de trabalho na atualidade**

Ao longo dos anos a sociedade vem passando por profundas transformações econômicas, políticas e culturais. Neste contexto, as novas tecnologias possuem um papel expressivo ao integrar aceleradamente os mercados, com transformações nos meios de transporte e comunicação, projetando as pessoas para dentro de uma realidade ainda mais globalizada (ARAÚJO, 1997). Entretanto, não existe uma relação de causa – efeito entre globalização e universalização do bem – estar, embora suas vantagens possam ser vivenciadas por algumas pessoas de alguns países desenvolvidos (Estados Unidos, Japão...), havendo um elevado número de exclusão daqueles desprovidos de capital e tecnologia. Ou seja, não há uma generalização do bem – estar, não são todos os membros das sociedades em processo mais desenvolvido de globalização que possuem acesso às novas tecnologias, a melhores condições de vida, visto que surgem conseqüências, no que diz respeito ao mundo do trabalho, que se relacionam a um novo arranjo econômico, político e social (modo de regulação) formado a partir da crise estrutural de 1970<sup>5</sup>.

Esse novo arranjo e suas conseqüentes transformações propiciaram a retomada do controle social do capital, a partir da desvalorização da força de trabalho e fragmentação da

---

<sup>5</sup> Esta que foi evidenciada a partir da crise do Petróleo, que muda o sistema de relações internacionais, a ótica da competição e cooperação entre nações, além do papel do Estado na ótica de provedor de bem-estar ter começado a atingir patamares de declínio (BURSZTYN, 2000).

classe trabalhadora (MACHADO, 2008), o que tem contribuído para redefinição das relações sociais a partir da década de 70 (PELEGRINO, 2006).

Nesse período (1970 – 1980) toma forma um novo regime de acumulação denominado por Harvey (1992) “Regime de acumulação flexível”. Flexibilidade que perpassa pelo processo de trabalho, relações de produção, tipos de produtos, etc., diferente de toda a rigidez, a produção em massa, os grandes estoques... do modelo taylorista – fordista. (LEMOS, 2001; MACHADO, 2008). E se o toyotismo, segundo Antunes (1999), tem sua produção (flexível) conduzida diretamente pela demanda, o que produz relações de trabalho flexíveis (BALANCO; PINTO, 2005), essas novas formas de gestão/organização do trabalho, produzem modificações que consubstanciam para Harvey (1992) no crescimento econômico e na expansão do setor terciário, tornando o mercado de trabalho mais heterogêneo e precarizado a partir da terceirização (que forma a maior parte da economia) e subcontratação.

Desta forma, no processo produtivo, há uma “aceleração do ritmo de vida” que torna habilidades tradicionais, obsoletas e desnecessárias, ao mesmo tempo, em que a qualificação, sinônimo de conhecimento teórico, prático e multifuncional passa a ser uma exigência em crescente acentuação, na medida em que há a recusa ao trabalhador fortemente especializado.

Esta exigência atrelada ao discurso de criatividade, espírito de liderança, tomada de decisão, etc. são direcionadas ao trabalhador enquanto responsável por seu desemprego, além de apresentadas como condição para evitar vulnerabilidade. Caso não se tenha estas e outras características/qualidades, corre-se um risco ainda maior de não conseguir conquistar um espaço formal no mercado de trabalho, podendo, em maior proporção, ocupar posições precárias quanto a estabilidade, salário, condições de trabalho e, conseqüentemente, de vida.

Por outro lado, há que se considerar que essas exigências contribuem para que ocorra um aumento quantitativo de mão – de – obra excedente, dividida em desempregados, subempregados, com regimes e contratos flexíveis, além do enfraquecimento do poder sindical. “A segurança do pleno emprego foi substituída pelo desemprego de tom perene”. (RAMALHO e SANTANA, 2003, P.12). Além disso, ocorre a tendência à terceirização e tornam os empregos cada vez mais precários e desprotegidos.

Isto é, existem profundas transformações em relação aos processos de inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho, que não se desenvolvem de forma isolada, mas acabam, enquanto “fruto” de mudanças políticas, econômicas e culturais, acarretando conseqüências no que diz respeito ao trabalho, as relações de trabalho, ao processo de trabalho e interferindo na vida, ou seja, na totalidade de relações vivenciadas pelos homens.

Além dos trabalhos autônomos, das subcontratações, terceirizações, trabalho temporário, precarizado, informal, desemprego em massa, que caracterizam esses novos arranjos de trabalho, há que agregar a tendência igualmente excludente, de transferir para a sociedade as responsabilidades alocadas antes à esfera estatal, havendo redução da ação reguladora, em especial, das funções legitimadoras do Estado.

Assim, há a perda da centralidade do trabalho assalariado, da cidadania salarial e o surgimento da chamada “nova questão social”. No entanto, OFFE (1989) ressalta outra dimensão deste debate: o fato de a sociedade não se mobilizar mais como no passado, em lutas relacionadas a conquistas trabalhistas, havendo a perda do potencial político e politizador do trabalho.

Cabe considerar, no entanto, que esse quadro “estimula” o crescimento do número de pessoas que se dedicam a necessidade de biscates e outras atividades precárias e mal remuneradas, sendo um indício de acentuação e expansão da pobreza e da informalidade.

Em relação a essa discussão, deve-se considerar que a questão da flexibilização das condições de inserção no mundo do trabalho vai muito além de estar se perdendo conquistas históricas por parte dos trabalhadores. O fato é, está se perdendo algo teorizado, mas ainda incipiente no que tange a sua institucionalização, orientação e operacionalização em relação a grande massa populacional. Pessoas com baixa formação profissional, pouca participação política e frágil orientação social. E, dessa forma, torna-se mais fácil flexibilizar algo pouco efetivado e que é claro a uma parcela ainda pequena de homens trabalhadores.

Outro aspecto, é que muitos direitos, transvertidos em políticas sociais, estão relacionados aos trabalhadores incluídos no sistema formal de trabalho, mesmo que alguns países tenham se criado o seguro – desemprego, este pressupõe uma condição prévia de emprego. A regulamentação da previdência, as férias remuneradas e o descanso semanal relacionam-se aos empregados. E isso dificulta a realidade daqueles que não estão empregados, que participam dos circuitos econômicos marginais ou estão socialmente excluídos, como é o caso das populações de rua, dos sem teto, dos Catadores de lixo (BURSZTYN, 2000).

Há aqui uma relação de causa – efeito: o não pertencimento ao mercado de trabalho formal traz como consequência, e em maior probabilidade, o não acesso aos mecanismos de proteção social, que se tornam, cada vez mais, reduzidos, inclusive, entre os trabalhadores formais. E esta problemática se complexifica na medida em que se incentiva que a solução a tais situações está relegada à ação individual de trabalhadores. Ou seja, a partir do momento em que a sociedade se habitua a conviver com situações de extrema pobreza, falta de

proteção social, “empurrando” as pessoas cada vez mais para a informalidade, em situações precárias de sobrevivência, a solução dos problemas fica, ainda mais, direcionada a ação individual. (SOUZA, 1995). Além disso, não se pode deixar de considerar neste contexto as questões relacionadas ao clientelismo político, na medida em que a falta de acesso a mínimos necessários a sobrevivência do homem, faz com que alguns que possuem mecanismos facilitadores a tal acesso utilizem de tais mecanismos em troca de favores, como por exemplo, o voto.

Diante do exposto, é relevante considerar que, se as transformações propagadas contemporaneamente no mundo do trabalho proporcionam maior comodidade, conforto e qualidade para uns, para outros (a maioria) permanece sem proteção social, em uma realidade precária, de pobreza e incertezas... Se a dinâmica dessas transformações se tornam tão intensas ao ponto de umas profissões passarem a ser desnecessárias, enquanto surgem novos papéis e novas formas de atuação dentro do mercado de trabalho, o que podemos chamar por trabalho? Há uma definição que consegue abarcar tamanha complexidade, heterogeneidade? Qual sua relevância na sociedade atual? Ele se expressa enquanto categoria teórica e empírica principal na sociedade moderna? A ação protetora do Estado em relação a restituição da cidadania seria a alternativa mais plausível em um contexto de desemprego?

Independente da polêmica em torno da centralidade do trabalho, em que uns defendem a idéia de que ele perde a capacidade de organizar, estruturar e determinar a vida social, como já demonstrado anteriormente (OFFE, 1989), outros, argumentam que a saída seria a restituição da cidadania através de uma ação protetora do Estado (CASTEL, 1998). O que deve ser ressaltado é que o trabalho se apresenta enquanto necessidade. E essa necessidade se relaciona a variáveis diferenciadas, seja enquanto identidade e status do trabalhador (ZALUAR, 1984), aonde se destaca as discussões acerca do reconhecimento, seja enquanto luta pela sobrevivência.

Sendo assim, há possibilidades de afirmar a centralidade do trabalho na sociedade atual, pelo fato de haver uma relação social entre os trabalhadores, em que são estabelecidos contatos, ao produzir prazer, sofrimento, reconhecimento, dignidade, acesso a serviços e meios básicos à sobrevivência do homem. Contudo, diante das transformações ocorridas no mundo do trabalho, havendo aumento do desemprego e o surgimento de uma “nova questão social” (CASTEL, 1998) os trabalhadores estão desenvolvendo novas possibilidades para garantir a sobrevivência e tornando-se, como já ressaltamos, desprotegidos socialmente e distantes do que é concebido enquanto cidadãos.

Neste contexto de pobreza e desigualdades, muitos possuem acesso precários àquilo que lhes seriam garantidos por políticas sociais. Ou seja, suas atividades não lhes garantem a possibilidade de contratar serviços básicos (saúde, educação...) e, em muitos casos, estas atividades não são protegidas (em relação a direitos trabalhistas) pelo fato de estarem na informalidade.

Informalidade que está sofrendo um processo considerável de expansão. E quando se fala em defini-la, isso se torna complexo pelo próprio “caráter heterogêneo” da economia informal (LAUTIER, 1999), visto que ela não se limita a diversas atividades precárias, autônomas, nem a pequenas empresas não legalizadas, tampouco a trabalho assalariado não registrado.

Diante desta heterogeneidade relacionada a economia informal, vão pesar as diferentes realidades, experiências históricas e formações sociais em que ela se desenvolve. (LEMOS, 2001, P.13). Isto quer dizer que, perante todas estas formas contemporâneas de organização do trabalho, a questão da informalidade passou a mover-se em “uma fronteira pantanosa” tornando-se polêmica e complexa de definir.

Para Noronha (2003), é necessário, num primeiro momento, compreender o sentido atribuído à formalidade para, em seguida, detectar o significado da informalidade em determinado País<sup>6</sup>. Este mesmo autor (2003, p.112) coloca que o entendimento popular destes tipos de trabalho no Brasil está relacionado à ordem jurídica. “São informais os empregados que não possuem carteira assinada.”. Complementa que estas noções (formalidade e informalidade) foram construídas aos poucos no País.

As estatísticas indicam um longo processo de formalização das relações de trabalho sedimentado, sobretudo por leis federais e, apenas secundariamente, por contratos coletivos. A legislação do trabalho estabelecia, de maneira cada vez mais detalhada, quais eram as regras mínimas de relações de trabalho justas: salário mínimo, jornada de trabalho, férias anuais e outros... Muitos direitos sociais também foram garantidos aos trabalhadores, aqui entendidos como trabalhador formal. (NORONHA, 2003, P.113).

---

<sup>6</sup> De acordo com Kowarick (1981), o tipo de emprego no Mercado Formal (MF) tem uma definição legal, existe a relação entre empregador – empregado, tende a ser um emprego estável e, assim, contínuo e regular, existe a carteira assinada, certo reconhecimento legal, onde os empregados passam a fazer jus aos direitos e deveres previstos na legislação trabalhista, além de salário mínimo, férias remuneradas e reconhecimento social. Mas não há no MF apenas este tipo de emprego.

Já o Mercado Não Formalizado (MFN), segundo Kowarick (1981), caracteriza-se pela multiplicidade de padrões, ou até mesmo, o trabalho autônomo, há a falta de reconhecimento jurídico, a segurança da ocupação depende do trabalhador. Além disso, este mercado é instável em relação ao preço da mercadoria, seja ela a força de trabalho ou o próprio produto deste trabalho. A característica das relações de trabalho neste mercado é a substituição da proteção legal pela busca em criar laços de clientela com maior número possível de padrões.

Relacionada à ordem jurídica, a construção da noção de informalidade se refere à cidadania e ao direito social. Aludindo a esta noção, a informalidade, presente no mercado de trabalho brasileiro a partir de 1930, passa por profundas transformações (NORONHA, 2003). Se antes possuía uma concepção transitória, passa-se a constatação de que é um fenômeno bem mais persistente do que se pensava. (LEMOS, 2001).

De 1970 a meados de 1980 o discurso era o seguinte:

Transitória era a existência de um setor informal, entre intensas migrações e uma criação de emprego estatutário momentaneamente mais lento, mais regular. Transitória era também a pequena parte da população coberta pelo seguro social: convinha manter seu quadro jurídico, pronto a fazer apelo à assistência social em certas situações críticas. Como as taxas de alfabetização cresciam, a esperança de vida aumentava, os programas de ajuda ao setor informal se multiplicavam (...), apesar de insuficientes, era visível esse discurso sobre o caráter transitório que o período atingia seu alvo em matéria de legitimação. (LAUTIER, 1991, P.115).

De acordo com Mamani (2004), Machado da Silva (2003), dentre outros, a noção de setor informal foi anunciada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1972 enquanto preocupação, por parte de economistas dos órgãos internacionais, em relação aos limites da modernização e do desenvolvimento nos países considerados periféricos, cujos mercados possuíam atividades modernas e tradicionais, consubstanciando obstáculo à modernização. Isto corrobora para o fato de que o trabalho informal possuía uma relação direta com o atraso econômico, devendo ser combatido por políticas públicas de superação da pobreza e eliminação dos obstáculos ao desenvolvimento econômico.

É verdade que desde sua origem a informalidade estava voltada para os setores desfavorecidos, proporcionando limites e condições para a integração econômica. Contudo, a idéia de que a economia informal, trabalho informal ou informalidade era algo transitório se esvanece, na medida em que há uma expansão desta atividade no momento atual. Lemos (2001) coloca que os dados do IBGE relacionados a este período (anos 2000) no que diz respeito à economia informal, destacam que metade da força de trabalho no Brasil está empregada nela.

Já Suisso (2006) ressalta que, atualmente, a informalidade recebe vários tratamentos, desde os que consideram o trabalho informal uma grave ameaça social, até os que o considera uma salvação diante da nova realidade econômica. Independente do tratamento, ela possui

algumas questões que necessitam receber uma abordagem reflexiva por parte do Governo e da sociedade de modo geral.

Relacionando economia informal ao exercício de atividades precarizadas, ela deve ser revista não apenas enquanto limites e condições para integração econômica, mas também social, através de políticas sociais que garantam o exercício básico de uma vida digna e que possam minorar percepções preconceituosas e estigmatizantes por parte da sociedade em relação aos trabalhadores de tal setor.

Tavares (2006, p. 03) diz que no momento em que o capitalismo partilha da idéia de que sua organização produtiva seria expandida de maneira coesa, equilibrada, homogênea o setor informal era considerado atraso e seria eliminado com o progresso do capital. Mas na medida em que a economia de livre mercado demonstra-se incapaz de integrar como o esperado, o setor informal se apresenta como a melhor alternativa enquanto solução do desemprego, sendo reivindicado como “ação complementar às políticas de assistência”.

Por outro lado, Machado da Silva e Chinelli (ap. cit. P.36 apud Lemos, 2001, p.28) ressaltam que a inserção dos agentes nas atividades informais se dão em uma “atitude defensiva” como forma de sobrevivência ou numa “atitude ativa” optando livremente pelo trabalho em favor da informalidade.

Ao encontro desta afirmação, estes mesmos autores (1997) ressaltam dois lados da informalidade, em posições polarizadas que procuram “engrandecer” a capacidade de inventividade, criatividade e realização ou, por outro lado, levam a percepção acerca da pobreza em que estão submetidos os agentes que se dedicam a tais atividades.

Talvez essas questões (pertinentes e relevantes ao tema) não dêem conta de tamanha complexidade e heterogeneidade no campo da informalidade, que vão desde os fatores pessoais (inerentes à pessoa, enquanto fruto de um processo de transformação da sociedade) como: experiência, qualificação, etc., até os de ordem externa: condições de trabalho, apoio do Governo, assim como a possibilidade de se obter sucesso ou não no desempenho da atividade (LEMOS, 2001).

Um outro fato que também não pode ser desconsiderado é a relação conflituosa entre o formal-informal, legal-ilegal. Lemos (2001, p.20) resalta que empresas formais possuem algum nível de informalidade na sua contabilidade e trabalham com variado grau de atividades exercidas clandestinamente e em péssimas condições.

A julgar pelo esquema de lavagem de dinheiro oriundo do tráfico de drogas e da venda clandestina de armas em paraísos fiscais e/ou em ‘empresas de

fachada’, ou até mesmo (...) casos de denúncias de tráfico de órgãos feitos por Clínicas ricas.

Para concluir esse breve panorama acerca do trabalho e do mercado de trabalho na contemporaneidade ressaltamos que, como vimos, o processo de transformação pelo qual a sociedade passa, acaba propiciando o surgimento e expansão da informalidade. Esta que não se limita a atividades precárias exercidas autonomamente, entretanto, neste estudo, estamos relacionando a informalidade a tais atividades que são realizadas, muitas vezes, com o objetivo de garantir a sobrevivência dos trabalhadores. Estes que, para alguns autores, são excluídos sociais pelo fato de estarem, sobretudo, desempenhando suas atividades no mercado informal de trabalho de maneira precarizada, estigmatizada e sem nenhuma estrutura. Além disso, são pessoas que tem acesso a poucos direitos sociais, quando muito, direitos assistenciais do governo, que não garantem sua emancipação social, tornando-se no máximo, pré-cidadãos. É acerca desta discussão que convidamos o leitor a folhear nosso próximo item com o objetivo de problematizar teoricamente algo vivenciado na prática.

## **I.II – Exclusão social e cidadania**

O debate acerca do termo exclusão social tem sua origem atribuída ao título do livro “Lês Exclus: um français sur dix”, de René Lenoir, publicado em 1974, embora seu conteúdo não tenha nenhuma elaboração teórica acerca de tal categoria. Cabe considerar ainda que o título de tal livro é embasado em obras de Foucault, sobretudo, em sua história sobre a loucura (SCOREL, 1999).

Para Foucault, o termo surge ao lado de expressões como banimento, reclusão e expulsão, contribuindo nas análises acerca das formas de distribuição de poder na sociedade, as modalidades específicas e disseminadas de controle social, “os efeitos segregadores de práticas não econômicas que criam e reproduzem diferenças estigmatizantes, exercidas de forma regular e ‘naturalizadas’.” (FONTES, 1997).

No livro de Lenoir, a idéia de exclusão é relacionada a uma dimensão mais subjetiva, tendo por interesse os pobres, e não a sua situação objetiva, econômico – ocupacional. (SCOREL, 1999).

Sob uma perspectiva oposta, Rosanvallon (1995) utiliza a noção de exclusão relacionada, sobretudo, ao mercado de trabalho, enquanto fruto do desemprego de longa duração e, ao mesmo tempo, da “nova pobreza” dos “sem teto”. Para este autor, as

concepções tradicionais de direitos sociais, inserção e emprego não são capazes de tratar do problema da exclusão quando se trata de reconstrução da solidariedade.

Isto quer dizer que se a inserção pela via do trabalho é essencial de toda luta contra a exclusão, o direito a viver de seu trabalho deve estar relacionado à função social; a ser útil. Desta forma, o autor acrescenta que para conceber de maneira nova a gestão social da desocupação é necessário repensar o Estado Providência e reconstruir a solidariedade sobre novas bases, onde o homem, enquanto membro da sociedade, tem direito a ocupar um lugar, na medida em que se nada mudar, haverá a consolidação de um novo “lupemproletariado” (ROSANVALLON, 1995).

Luciano Oliveira (2003) se aproxima da abordagem realizada por Rosanvallon, ao relacionar a noção de exclusão ao fenômeno do desemprego enquanto maior “vilão” deste processo, na medida em que este é um subproduto do desenvolvimento científico e tecnológico que não dispensa a mão-de-obra humana, a aproveitando-a de forma precária, como já foi assinalado no item anterior.

Este autor preocupa-se com a forma pela qual este conceito é empregado na atualidade, visto que todos aqueles que se diferem do padrão social, em uma situação de desvantagem e identificados sob uma pertinência étnica, comportamental ou outras, são rotulados de excluídos sociais. (OLIVEIRA, 2003).

Desta forma, o autor reserva, por razões teóricas e práticas, o termo exclusão social aos que, no primeiro momento, foram assim denominados: “Em termos bem empíricos, no Brasil são os moradores e meninos de rua, os desempregados das favelas e periferias, muitos convertidos em ‘flanelinhas’ e mesmo em delinquentes, os catadores de lixo, etc.” (OLIVEIRA, 2003, p.51).

Ainda complementa que, para a acumulação flexível, os excluídos são economicamente desnecessários, exemplificando com a área da catação de lixo, ao destacar que em 1987, estudos realizados pelo BNDES estimavam que 25 mil pessoas vivessem catando lixo pelo país (LIMAY, 1988). Já um estudo de 1993, informa que na grande Recife quase 8 mil pessoas dependem desta atividade para sobreviver. Aparentemente, estes trabalhadores são supérfluos, pois ao viverem de restos, a sua presença ou ausência, do ponto de vista da acumulação global, não faria nenhuma diferença (OLIVEIRA, 2003, p.54).

Este mesmo autor coloca que o olhar, em relação aos catadores, de forma isolada, leva a tratá-los como excluídos e desnecessários. Mas, ao considerá-los na base de sustentação para a cadeia industrial produtiva, os catadores constituem uma parte significativa no fornecimento de materiais recicláveis. Neste caso, ele passa a ser incluído no processo

mercantil e estabelece a relação social mais perversa do processo de acumulação, visto que sua mão-de-obra precária e barata é utilizada pelo atravessador para obter a posse do material catado com o objetivo de negociar com a indústria mil por cento a mais do que o valor pago ao catador. (BASTOS, 2008).<sup>7</sup>

Já Castel (1995) – para quem as transformações na esfera da produção e, principalmente, no processo de acumulação capitalista prescindem cada vez mais de força de trabalho humana - ressalta que o pilar de sustentação da coesão social está em crise de tal forma que o que unifica todas as manifestações da “nova pobreza” sob a categoria da exclusão social é que se refere aos “sem trabalho”, aos supérfluos e desnecessários ao mundo da produção e sem perspectivas de (re) inserção ocupacional.

O fato de considerar estes trabalhadores de “desnecessários à vida social, descartáveis”, é motivo de controvérsia, assim Virgínia Fontes (1997) aborda a questão de forma oposta a de Oliveira, ao refletir acerca da cadeia industrial produtiva, coloca que o termo exclusão encontra sua unidade diante da espécie de paradigma que se tornou no final do milênio. No entanto, cabe questionar o seguinte: é uma unidade diante da espécie de paradigma atual acerca da exclusão (como ressalta Fontes) ou seria preferível falar sobre “exclusões sociais”? (BOUGET e NOGUES, 1993). O mesmo Castel (1991) coloca que a ausência de recursos, a exclusão do mercado de trabalho, da educação, da formação profissional, a precariedade de habitação e de saúde constituem um eixo tão abrangente das dimensões sociais que se poderia referir ao termo exclusão no plural.

Por outro lado, Marcel Bursztyrn (2000) não difere muito de outros autores (como Oliveira (2003), por exemplo) quando apresenta como elemento de análise, ao conceituar pobreza<sup>8</sup> e exclusão social, o fato histórico da flexibilização do trabalho e de sua desregulamentação, que obriga o homem a descer níveis de condições socioeconômicas, levando – o a miséria, já que com a crise do trabalho, o desemprego se tornou preponderante na vida da população trabalhadora.

Neste sentido, o autor diferencia velhos e novos pobres: os primeiros, os que não chegaram a se beneficiar da expansão do emprego e da proteção social. Os segundos não são apenas trabalhadores empobrecidos, mas que estão fora do mercado de trabalho e, portanto,

---

<sup>7</sup> Ver discussão acerca da cadeia industrial produtiva no capítulo 2, deste estudo.

<sup>8</sup> “(...) a pobreza é uma face do descarte de mão de obra barata, que faz parte da expansão capitalista. Expansão que cria uma população sobrance, gente que se tornou não empregável, parcelas crescentes de trabalhadores que não encontram um lugar reconhecido na sociedade, que transitam a margem do trabalho e das formas de troca socialmente reconhecidas (Telles, 1998). Expansão que cria o necessitado, o desamparado e a tensão permanente da instabilidade no trabalho. Implica a disseminação do desemprego de longa duração, do trabalho precário, instável e intermitente, dos biscates e de outras modalidades de relacionamento da força de trabalho com o capital, que em sua essência representam uma mesma ordenação da vida social.” (YASBEK, 2001, p.35)

fora do sistema econômico e social. Isto é, nem no mercado informal este indivíduo está inserido, independente do grau de qualificação profissional.

A contraposição entre novo e velho processo de empobrecimento e exclusão também é utilizado por Campos et al. (2004). Para este autor, a desregulamentação do mundo do trabalho não abala apenas aos pobres, mas aos jovens desempregados, os idosos e os migrantes do primeiro mundo.

Vale a pena reconhecer, que estes autores (2004, p.32) ressaltam, ainda, que o conceito de “nova exclusão” passou a ser cada vez mais utilizado como forma de identificar a manifestação de desigualdade, como no caso dos desprotegidos pelas políticas sociais de inclusão existentes, especialmente no caso do desemprego generalizado e de longa duração, dos moradores de rua e das pessoas de elevada escolaridade sem trabalho, como nos países europeus.

Campos et al (2004) ainda acrescentam que a amplitude da exclusão social não está relacionada apenas ao fato de não ter acesso aos direitos sociais, mas também, aos constrangimentos ocasionados pela sua ausência, o que leva a obter contatos com os serviços de assistência social.

É neste ponto que Paugam (1994; 2003) destaca que, sob uma nova roupagem, as transformações das condições de vida e identidades sociais dos indivíduos configurando etapas “de um processo de desqualificação social em que os indivíduos estabelecem relações típicas com os serviços de assistência social”. (ESCOREL, 1999, p.50).

Para o Paugam (2003, p.15), ao conceito de exclusão, ainda, deve ser associada: a noção de trajetória, ou seja, de que há um processo que deve ser visto longitudinalmente, o que permite apreender o percurso temporal de indivíduos em confronto com o ambiente mais ou menos permeável; em segundo lugar, o conceito de identidade<sup>9</sup>, positiva ou negativa, de crise e de construção dessa identidade; e o aspecto da territorialidade, ou seja, a base espacial que abriga processos excludentes, incluindo a segregação.

Paugam identifica três tipos de pessoas em estado de privação - não apenas material - a partir do conceito de desqualificação social. Seriam eles: os assistidos (que passam a depender dos serviços de assistência); os fragilizados (que se distanciam de tais serviços e

---

<sup>9</sup> De acordo com Jacques (1997, p.127) “A identidade é uma expressão subjetiva e se refere a tudo aquilo que é vivenciado como eu em resposta à pergunta “quem és”, sendo apreendida através da representação de si mesmo. Inscreve-se em um contexto conceitual amplo, o que implica abordagens diferenciadas. Constituiu-se como um sistema de representações diversas (Costa, 1989) ou como múltiplos personagens que ora se conservam, ora se sucedem, ora coexistem, ora se alternam, mas com aparência unívoca e estável”.

buscam desempenhar funções autonomamente) e os marginalizados (que rompem com os vínculos sociais). (ESCOREL, 2008, 1999).

Já Martine Xiberras (1993) trata da exclusão como “uma categoria global paradoxal”. Defende a idéia de que seu “núcleo duro” está relacionado a uma interação macro e micro social em diversos processos, grupos populacionais, formas e modalidades de exclusão e excluídos, que tem como ponto em comum o rompimento dos vínculos sociais, materializados e simbólicos (ESCOREL, 1999). Entretanto, cabe considerar que, em seu livro, a dimensão simbólica da exclusão recebe maior ênfase.

Para Xiberras (1993) os excluídos não são rejeitados apenas fisicamente (racismo), geograficamente (gueto) ou materialmente (pobreza), sendo excluídos também das riquezas espirituais: seus valores não são reconhecidos e são ausentes ou excluídos do universo simbólico. Quando surgem, esses valores figuram como invertidos, atributos negativos que os situam na categoria dos estigmatizados, uma das categorias negativas.

Por outro lado, ao se referir ao rompimento com os vínculos sociais passa a se compreender que os excluídos perdem suas referências, na medida em que se inicia com as relações de trabalho chegando ao interior do vínculo parental. Essa exclusão, segundo Bastos (2008) pode - mesmo que em raros casos - ser identificada na relação direta com os catadores, quando estes deixam, por exemplo, de valorizar até a questão documental, ou seja, não requerendo Registro Civil de Nascimento, Carteira de Identidade, dentre outros, sendo mais um homem ou mulher em meio a uma população identificada.

Na perspectiva de Xiberras (1993), exclusão é ruptura dos vínculos sociais em várias dimensões: dos vínculos que unem as pessoas umas as outras e fixam os atores sociais ao modelo de sociedade, dos vínculos sociais e simbólicos, das representações que conferem à identidade social. Já o rompimento do vínculo econômico encaminha inquestionavelmente a exclusão. Esta que pode se tornar clara e materializada através de gestos e atitudes de desconfiança, rejeição, ódio, mas também podendo assumir formas mais dissimuladas de rupturas com o vínculo simbólico. (ESCOREL, 1999).

Com o objetivo de problematizar o conceito e realizar uma análise crítica, Didier (1996) identifica no conjunto de textos sobre a exclusão social um corpo de axiomas<sup>10</sup> necessários à atribuição de um sentido ao vocabulário da exclusão. A partir do último axioma identificado pelo autor “O discurso da exclusão não designa atores responsáveis pela

---

<sup>10</sup>O corpo de axiomas identificados por Didier são os seguintes: “A exclusão supõe que um ‘mundo comum’ está partido em dois; A exclusão parte essa comunidade em dois grupos diferentes mas ligados por um elo muito frágil; O corte em dois mundos é feito pelo locutor da exclusão; A exclusão condena o estado do mundo que permite pronunciar seu nome” (Escorel, 1999).

situação”, Didier coloca que “(...) o agente da exclusão é mais difícil de ser nomeado que o objeto da exclusão”. Os textos não conferem responsabilidades. Apesar disso, Escorel (1999) sustenta que o nome exclusão é um estandarte convidando a agir para mudar o estado do mundo que permite pronunciá-la.

Devemos admitir que o termo, por falta de consenso, entre os pesquisadores, não pode ser usado como um conceito claro e unívoco (ESCOREL, 1999, p. 65). E isso leva muitos autores (como Rosanvallon e Castel) a evitarem seu uso, e outros (como Martins), a criticá-lo pela sua ambigüidade, diversidade, evolução de externalidades e de dualidades.

A partir desta “problematização abstrata” que José de Souza Martins (2002) critica o modo de pensar a situação dos pobres para indicar aquilo que se apresenta enquanto concepção absoluta (no caso, a exclusão social) não é capaz de resistir ao debate acerca da diversidade social existente na sociedade contemporânea, bem como, as questões materiais e ideológicas, por meio das quais ela prende aquele que se chama de excluído, procurando torná-lo seu cúmplice.

“A categoria ‘excluído’ não é verificável na prática, na vivência dos chamados ‘excluídos’.” (MARTINS, 2002, p.25). Sob esta perspectiva Martins (2002) desenvolve suas argumentações ressaltando que o termo excluído, não corresponde a nenhum sujeito de destino.

Excluído e exclusão são construções, projeções de um modo de ver próprio de quem se sente e se julga participante dos benefícios da sociedade em que vive e que, por isso, julga que os diferentes não estão tendo acesso aos meios e recursos a que ele tem acesso (2002, p.30-31).

Isto quer dizer que por mais crítico que seja, o discurso sobre exclusão, ele parte daqueles que estão integrados ao sistema (tanto à economia quanto aos seus valores); portanto, dificilmente, será um discurso anticapitalista. Além disso, este mesmo autor evidencia que existem indicativos de que há um desencontro entre a realidade vivenciada pelas “vítimas da adversidade” e a forma pela qual os acadêmicos, militantes e religiosos analisam a situação. Isso ocorre pelo fato de pretenderem compreender o que essas pessoas querem, ao invés do que são, o que acaba contribuindo para que o termo, na compreensão das questões da atualidade, seja algo incerto e inseguro teoricamente. (MARTINS, 2002).

Quando Martins se refere as pessoas ditas excluídas, às relaciona a partir da diversificação da realidade social e da difusão das formas degradadas de vida, o que contribui para trazer, ao primeiro plano de análise, a família e sua desagregação, o desempregado, a criança de rua, o morador precário... que “(...) não protagonizam nem realizam uma

contradição no interior do processo produtivo (...). Processo que produz e/ou reproduz relações sociais fundamentais à produção de mais valia e às novas formas de acumulação de capital.

Esses trabalhadores, para Martins (2002, p.35), são, no máximo, trabalhadores de setores secundários que não possuem relevância à produção. “Por isso são excluídos”. Não podem fazer greve, recusar trabalho, impregnar internamente o processo de reprodução ampliada do capital. “A produção de novas situações e de novas relações sociais se dá sem eles. E a reprodução se dá sem sua participação direta. São descartáveis”.

Martins ainda ressalta que a categoria exclusão não toca nas contradições, apenas as lamentam. E que essa sociedade que rejeita o excluído o captura enquanto “consumidor marginal”, onde “suas necessidades (...) afirmam as liturgias da sociedade do consumo, seus valores e ideais” (MARTINS, 2002, p.36). Isto quer dizer que “os signos de consumo” (o carro, as roupas, os eletrodomésticos) se tornaram característicos diante dessa nova forma de pobreza, em que o pobre passa a aderir esse mundo que o tornou pobre.

Isso traduz a orientação valorativa disseminada pela sociedade capitalista e incorporada por aqueles que sofrem suas conseqüências de forma devastadora, desumanizada, precarizada. Ou seja, a sociedade que retira do trabalhador a possibilidade de mercantilizar dignamente sua força de trabalho, lhe exige uma máscara, um disfarce para torná-lo menos desintegrado socialmente, já que “cada um é o que parece ser e não o que é ‘de fato’.” (MARTINS, 200, p.37). Assim, a forma de protesto se revela não na busca conservadora de inclusão, ou seja, da reprodução ampliada da sociedade. Isto quer dizer que estamos integrados quando conseguimos atingir patamares relacionados entre “o ter e o parecer”.

Um outro fato ressaltado pelo autor é que aqueles que querem “ajudar” os excluídos estão em conflito com os que já se ajudam, ou seja, acreditam que eles não sabem o que fazer consigo mesmos. A partir daí, Martins (2002, p.45) argumenta que a

(...) exclusão é uma concepção que nega a história, que nega a práxis e que nega à vítima a possibilidade de construir historicamente seu próprio destino, a partir de sua própria vivência e não a partir da vivência de outrem. (...) o “excluído” é, na melhor das hipóteses, a vivência pessoal de um momento transitório, fugaz ou demorado, de exclusão – integração, de “sair” e “reentrar” no processo de reprodução social.

De todo modo, não se pode desconsiderar que “exclusão social é a negação da cidadania”. É desta forma que Sposati (1998, p.03) se refere aquilo que ela chama “conceito denúncia” de exclusão social. Se a primeira (exclusão) nega a segunda (cidadania) e há a

necessidade de construção (por parte das vítimas) de seu próprio destino e, para isso, o acesso aos direitos e o reconhecimento dos sujeitos enquanto cidadãos (ouvindo-os e possibilitando que se coloquem) podem se apresentar enquanto a opção mais coerente, cabe compreender o sentido da cidadania num contexto de fragilização das condições institucionais que suportam direitos.

De acordo com T. H. Marshall<sup>11</sup> na obra “Cidadania, Classe social e Status” a cidadania é compreendida enquanto conjunto das três esferas de direitos (civis, políticos e sociais), sendo um “status” que possibilita aos indivíduos a igualdade de participação na riqueza produzida socialmente pela sociedade. Cidadania que não é algo imutável, estático na sociedade. Ela é algo que se constrói cotidianamente nas ações e relações dos homens.

Vale a pena reconhecer que uma problemática apontada há poucos anos é o limite pelos quais alguns autores trabalham com o conceito de cidadania, considerando-a um fenômeno a - histórico adaptável a qualquer sociedade. Em contraposição, Coutinho (1997) coloca a necessidade de superação deste limite através de uma abordagem histórico – dialética.

Por outro lado, Marshall (1967) realiza uma análise histórica em que fica evidente que a grande questão é que se eliminem desigualdades por herança (privilégios). Tão é assim, que ao descrever o processo, ele começa nos tribunais. Antes disso, se alguma coisa se assemelha à cidadania é a participação de um grupo.

Como este autor relaciona cidadania a direitos, conclui-se que não existe cidadania antes de tribunais. Cidadania são esses direitos, o parlamento, os conselhos, a burocracia, os tribunais... Isto é, são institucionalidades que criam condições de trabalho abstrato. Aqui, o Estado não é negativo, ele é positivado e capaz de controlar a economia.

Diferentemente de Marshall, Wanderlei Guilherme dos Santos (1994) destaca que (no Brasil) a cidadania pode ser resumida numa “concessão” limitada, controlada, regulada de certos direitos a certas categorias de brasileiros.

Este autor entende por “cidadania regulada” o conceito cujas bases se encontram em um sistema de estratificação ocupacional definido por norma legal. Ou seja, são cidadãos aqueles que possuem suas ocupações reconhecidas e definidas em lei. Isto quer dizer que, atualmente, os cidadãos podem ser considerados privilegiados.

---

<sup>13</sup> - Marshall que privilegia a realidade da Inglaterra, “[...] foi o primeiro autor a sistematizar uma teoria da cidadania baseada em um sistema de direitos, identificando três elementos em sua composição: os direitos civis, políticos e sociais. A esse conjunto de direitos estão relacionados instituições sociais através das quais tais direitos são exercidos”. ( [www.intento.ufrgs.br/n9/a-n9a4.html](http://www.intento.ufrgs.br/n9/a-n9a4.html)).

Desta forma, cabe considerar que há uma natureza institucional que é regulada (enquanto formalização), visto que, para ele, há necessidade de se provar sua condição de trabalhador, isto é, precisa estar inserido no mercado formal de trabalho, para fazer jus aos benefícios sociais, não havendo respaldo em um código político, mas na importância da comprovação de ser trabalhador formal e reconhecido legalmente. E a nossa política social, como já foi ressaltado, está diretamente relacionada às profissões. Esta questão da cidadania regulada supõe um sistema que incorpora reivindicações a partir da divisão do trabalho, embora, no entanto, tais incorporações se dêem sob a forma de privilégios e não de direitos.

A política social brasileira contemporânea é, em realidade, inconsistente e segmentada. Acanhada e tímida no que diz respeito às políticas preventivas, colabora, para intensificar a magnitude dos problemas que procura amenizar ao nível de políticas compensatórias, as quais, por sua vez, permanecem presas a uma concepção contratualista que as torna ineficazes, a médio prazo, para atender a todas as demandas de sua própria expansão, por um lado, e as políticas preventivas deficientes do governo por outro. A vinculação das políticas redistributivas, sendo estrita, ao processo acumulativo, se, por um lado, trouxe conseqüências benéficas, por outro, compromete visivelmente a execução de um outro programa. Independentemente da administração de tais políticas, impõe-se a reformulação das vinculações entre equidade e o processo acumulativo para que se possa, efetivamente, ingressar em uma era de cidadania universal, cuja raiz encontra, neste critério, uma pauta de direitos essenciais deveria ser associada ao conceito de cidadania, os quais deveriam estar equitativamente assegurados, independentemente dos azares da acumulação.

O sistema contratual brasileiro, fazendo da prestação de serviços e do apagamento de benefício por parte da rede previdenciária, ou de suas agências, função da contribuição de cada um, associada à partilha profissional da população, produziu, imediatamente, o efeito de distinguir a capacidade dos institutos em prestar diversos serviços pela simples razão de que os recursos arrecadados por cada um variavam em função da melhor ou pior posição do grupo ocupacional na escala salarial de ganhos.

Por este aspecto, a política compensatória brasileira se inaugura segundo uma dinâmica que simplesmente mantinha, ao nível das compensações, as mesmas disparidades geradas pelo processo acumulativo.

O caráter contratual do sistema produz outros efeitos importantes, particularmente no que diz respeito ao financiamento. Como se viu, os recursos do sistema previdenciário se originam, basicamente, na massa de salários urbanos pagos no país.

A partir daí, os conceitos de marginalidade<sup>12</sup> e mercado informal de trabalho passam a abarcar não apenas os desempregados, subempregados e os empregados instáveis, mas todos que não possuem suas ocupações regulamentadas. Assim, se pode considerar que a cidadania, segundo Santos (1994) também é trabalhada via Estado, só que ao invés de objetivarem critérios universais, ela foi destinada a determinadas pessoas que possuíam suas ocupações reconhecidas e definidas em lei.

Tanto Marshall (1967) quanto Santos (1994) se referem à cidadania enquanto um processo de lutas e conquistas da classe trabalhadora em busca da igualdade, liberdade, acesso, garantia a mínimos, participação e equidade. E que isso só será possível através de concessões do Estado que visa garantir a ordem e o progresso. No entanto, a realidade histórica brasileira descrita por Santos é marcada pelo caráter excludente e não universal. Atualmente, as políticas continuam sendo segmentadas e trabalhadas de acordo com a acumulação, mantendo as trágicas escolhas entre acumulação e equidade. Acumulação que é reduzida por ele, enquanto fornecimento de bens.

Além disso, cabe considerar que, embora seja prerrogativa legal todos terem acesso ao serviço público e, no caso de desempregado ou em precárias situações de sustentabilidade, ter acesso aos direitos da política de assistência, se deve comprovar sua miserabilidade para ter acesso à “cidadania regulada” (Santos, 1979) denominada por Fleury (2007) “Cidadania invertida”<sup>13</sup>.

Esta mesma autora acrescenta que a Proteção social só ocorre para aqueles (pobres ou indigentes) que fracassaram no mercado de trabalho, tornado-se objeto da caridade privada ou pública (BASTOS, 2008).

Diante do exposto, cabe considerar que, se a “profissão” do catador não é regulamentada “embora o projeto de lei esteja tramitando no congresso e o ministério do trabalho tenha promovido sua classificação no Código Brasileiro de Ocupações (CBO).”

---

<sup>12</sup> Cabe considerar que a marginalidade pode ser pensada de diferentes formas: como situação ecológica, passividade, resíduo no desenvolvimento econômico, falta de integração, dentre outras. De maneira geral, deve-se considerar que “Ainda que as diversas definições deste conceito tenham surgido recentemente na literatura sociológica latino – americana, o fato é que o problema não é novo, refere-se a existência do desemprego e do subemprego em sociedades onde o trabalho é livre, ou seja, constitui mercadoria que é trocada em um mercado.” (BERLINCK, p.07, s/d).

<sup>13</sup> Cidadania invertida é quando o indivíduo entra em relação com o Estado no momento em que se reconhece como não cidadão. Tem como atributos jurídicos e institucionais, respectivamente, a ausência de relação formalizada de direito ao benefício, o que se reflete na instabilidade das Políticas de assistência, além de uma base que reproduz um modelo de voluntariado das organizações de caridade, mesmo quando exercidas em instituições estatais. (FLEURY, 2007, p.76).

(BASTOS, 2008, p.52), este trabalhador pode ser classificado como um “Pré-cidadão”, visto que precisa comprovar seu estado de miserabilidade para se ter acesso a algum direito social.

No entanto, arriscamos em afirmar que a realidade destes trabalhadores é fruto de um conjunto de transformações (como vimos no item 1.1 deste estudo) que a cada dia contribui para a desregulamentação do trabalho, transformando a informalidade não apenas numa opção, mas a única forma de sobrevivência daqueles que se tornam excluídos dos direitos sociais relacionados ao mercado formal.

Assim, constituem - se “pré-cidadãos” tendo que, para obter acesso a algum direito assistencial, provem a sua pobreza, o seu fracasso, desgraça e incapacidade para viver em sociedade. Isto é o que Sposati chama de “Mérito da necessidade” (apud TELLES, 2001, p.26) que transforma a ajuda numa forma de celebração pública de sua necessidade. Além disso, mesmo sendo alijados do padrão de normalidade construído pela sociedade capitalista e, por isso, sofrerem preconceitos e estigmas em face do seu fracasso e dos azares da vida (ou o contrário), são incluídos de forma perversa em alguns cenários brasileiros, como o da obrigatoriedade em relação ao voto e ao pagamento de impostos.

É acerca destes preconceitos e estigmas que abordaremos a seguir.

### **I.III – Estigma**

O termo estigma<sup>14</sup> tende a ser relacionado à desgraça, a algo pejorativo e depreciativo. Para compreendê-lo melhor se deve pensar em questões cotidianas, como por exemplo, um primeiro contato entre duas pessoas. Neste contato, os primeiros aspectos colaboram para que um possa prever a categoria e atributos do outro, atribuindo-lhe certa identidade. (GOFFMAN, 1988).

Neste sentido, a sociedade passa a criar expectativas em relação a seus membros, e surgem não apenas as idéias do que as pessoas são, mas também do que elas deveriam ser. Estes atributos, que fazem parte destas expectativas, chamadas por Goffman (1988, p.12) de “expectativas normativas”, torna o outro diferente, menos desejável e diminuído. Essas

---

11- Para Goffman (1988, p.11), é necessário referir que em sua origem o termo dizia respeito a sinais que os gregos faziam com cortes ou fogo no corpo como forma de marcar a pessoa para avisar aos outros que ela era uma escrava, criminosa ou traidora. Assim, tais sinais tinham a serventia de evidenciar algo de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava.

Esta pessoa deveria desta forma, ser evitada, principalmente, em locais públicos. Já na era cristã, são acrescentados dois tipos de metáforas ao termo estigma. A primeira estava relacionada a sinais corporais como graça divina que possuíam sob forma de flores que “nasciam” na pele. Enquanto a segunda, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico.

características constituem um estigma, principalmente quando o efeito de descrédito é muito grande. Estigma que pode ser considerado, pelos outros, como defeito, fraqueza ou desvantagem. Sempre em relação ao que o sujeito é (atributos que possui) e o que ele deveria ser.

Desta forma, Goffman (1988, p.14) destaca que existem três tipos de estigma: um relacionado a características físicas deformadoras; o segundo diz respeito a distúrbio mental, vício, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. E por fim, existem os estigmas relacionados à raça, religião e nação.

Porém, há uma característica comum em relação aos tipos de estigma. Em todos os casos a pessoa possui traços que impõe de tal forma que, muitas vezes, a impede de ser bem recebida na relação social cotidiana, ao ponto de destruir a possibilidade dos outros conhecerem seus demais atributos. O que se torna válido diante desta questão é que a partir de uma determinada “imperfeição” são criadas várias outras. Um outro aspecto característico é “(...) a vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não portador dele”.

Neste caso, não se pode desconsiderar a possibilidade do próprio catador sentir vergonha ao desempenhar suas atividades. Por outro lado, sendo o catador membro de um grupo de trabalhadores em situação discriminada pela sociedade, surpreende-se quando percebe que ele consegue construir um espaço que acaba superando as expectativas de pessoas consideradas “normais” pela sociedade.

“(...) Engana-se quem pensa que o catador ganha pouco”. (Carta Capital, 2007, p.15).

De forma mais generalizada, isso demonstra o quanto se pode surpreender com a naturalização de padrões, valores criados historicamente pela sociedade, apreendidos e disseminados por seus membros sem nenhuma reflexão crítica. Assim como é homogêneo o olhar das pessoas acerca da relação existente entre pobreza e catadores de lixo, essas pessoas também podem se tornar acostumadas e aceitar que esses trabalhadores possam alimentar-se de produtos advindos do lixo, por exemplo.

O fato a se refletir aqui é que essa realidade é múltipla, encontrando pessoas que fazem faculdade particular de dia e catam lixo a noite (Carta Capital, 2007, p.15). E isso é contraditório? Não, esses são mecanismos que as pessoas criam para sobreviverem em uma sociedade competitiva e desigual.

Outra questão a se refletir é que o estigma envolve, acima de tudo, um processo social de dois papéis no qual cada pessoa faz parte de ambos, em determinadas conexões e momentos da vida. O “normal” e o estigmatizado são perspectivas criadas em situações

sociais durante os contatos mistos, a partir de normas não cumpridas que podem atuar sobre seu encontro. De acordo com os atributos duradouros, as pessoas podem ser estigmatizadas e serem colocadas em oposição aos “normais”. No entanto, aqueles que são estigmatizados em determinados aspectos podem possuir preconceitos contra os que são em outros aspectos (GOFFMAN, 1988).

Em estudo realizado por Lautier e Pereira (1994), acerca das empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina, eles ressaltaram que em ambas as categorias as representações são marcadas pelo peso da estigmatização sempre presente, seja dentro ou fora do ambiente de trabalho. A maior parte dos peões se define de forma muito negativa, na medida em que qualquer um pode realizar o seu trabalho. Já para as empregadas, a referência vai desde receber menos atenção do patrão do que o seu cachorro de estimação até ser tratada como uma escrava.

E assim como os peões, as empregadas possuem uma representação desvalorizada de si mesmas. Fato que pode colaborar para que tenham gastos em cosméticos e roupas, em busca de “negar”, fora do ambiente de trabalho, sua identidade de trabalhadora doméstica.

Essa negação de si pode se constituir num projeto de mobilidade ou se restringir na busca de um parceiro ou parceira de melhor status social, ou ainda, pode ser a forma que encontraram para suportar sua condição objetiva, constituindo-se uma estratégia de sobrevivência.

No caso dos catadores, Bastos (2008, p.75) ao realizar pesquisa no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho – RJ constata que

Apesar da natureza da atividade empurrar os catadores para o mundo do rejeito, da discriminação, eles ainda conseguem se vêem como pessoas normais e até mais, pois valorizam as tarefas realizadas e se sentem guerreiros por encarar esse tipo de atividade.

Mas deixemos essa discussão para mais tarde, quando, no terceiro capítulo deste estudo discutirá a relação estabelecida entre catadores e estigma, particularizando a realidade de Bom Jesus. No entanto, antes de realizar esta abordagem é necessário compreender o cenário do lixo, além do lugar em que estes catadores estão inseridos neste circuito, sua relação com os atores da cadeia produtiva e, por fim, a forma que ela se manifesta em Bom Jesus. Esses aspectos serão trabalhados a seguir.

## Capítulo II – Espaço do lixo: de onde vem? Para onde vai?

Para compreender as práticas do trabalho e das relações de trabalho entre os catadores de materiais recicláveis de rua, bem como, explicar sua proliferação em municípios pequenos é necessário conhecer o circuito econômico em que a reciclagem insere os catadores, assim como fazer uma contextualização da indústria da reciclagem. Neste sentido, buscaremos traçar os caminhos percorridos pelo resíduo de forma geral, para em seguida, construir algumas considerações.

### II.I – Na rota do lixo: Tópicos sobre o circuito da reciclagem

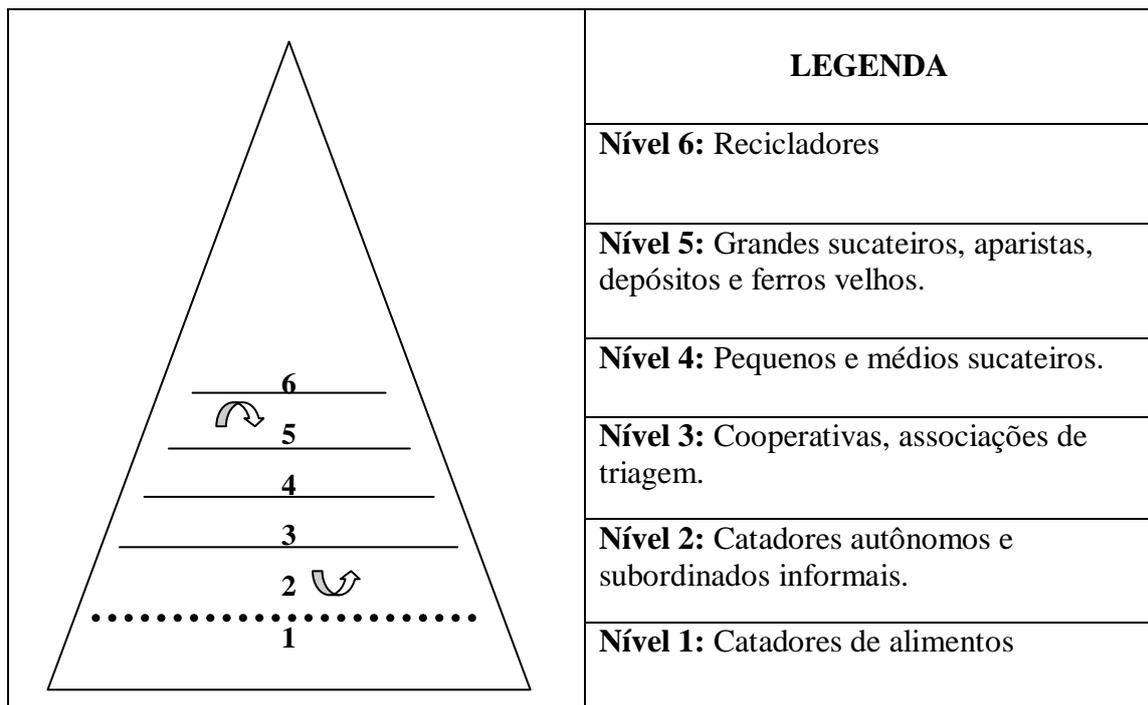
A questão do lixo é um problema mundial, mas existem tecnologias para tornar esse problema um recurso, uma potencialidade. Um exemplo disso é a reciclagem, que se apresenta enquanto uma maneira de tratamento do lixo<sup>15</sup> com vantagens traduzidas através de economia relacionada ao meio ambiente, a energia, contribuindo para o aumento da qualidade de vida da população.

Neste processo de reciclar os materiais existe um circuito, uma cadeia produtiva em que “(...) no topo está a valorizada indústria da reciclagem e no extremo oposto, ou seja, na base encontram-se os catadores, profissionais desvalorizados porque são os que fazem o trabalho considerado como ‘sujo’.” (JUNCÁ, 2004, p.77).

Nesta cadeia, que Juncá (2004, p.76) ressalta que o trabalho realizado “(...) não se desenvolve sob o olhar direto do capitalista, mas com certeza com ele/para ele converge”, há uma interação, um movimento e, de certa forma, uma relação de dominação entre eles, como se pode vislumbrar:

---

<sup>15</sup> “O tratamento do lixo pode ser feito em três processos: 1- Segregar os diversos componentes existentes no lixo visando a sua reciclagem e conseqüente redução no volume aterrado. 2- Enterrar em aterros sanitários. 3- Incinerar visando a sua redução e inertização, se possível com recuperação de energia.”

**Figura I: Circuito do lixo**

Fonte: JUNCÁ (2004, P.77).

Ao considerar a discussão realizada por Juncá (2004), verificamos que os catadores de alimentos ainda não estão inclusos nesta cadeia, por estarem próximos ao ingresso no mercado de materiais recicláveis e perceberem que podem ir além da catação de alimentos podem ser considerados pré-trabalhadores.

Já os catadores, enquanto trabalhadores, podem ser classificados nos níveis 2 e 3. Constituem a base de uma pirâmide que envolve, um trabalho precário, ao ar livre, entre perigos dos mais variados tipos e graus (do trânsito à saúde), mas que permite a reciclagem.

Acerca destas condições de trabalho dos catadores, chamamos atenção para o fato de que:

O trabalho é exercido por profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas. Trabalham para venda de materiais a empresas ou cooperativas de reciclagem. O trabalho é exercido a céu aberto, em horários variados. O trabalhador é exposto a variações climáticas, a riscos de acidente de trânsito e, muitas vezes, a violência urbana. Nas cooperativas surgem especializações do trabalho que tendem a aumentar o número de postos, como os de separador, triagem e enfardador de sucatas. (JUNCÁ, 2004, p.79).

No que se refere a Jardim Gramacho, Bastos (2008) ressalta que há uma perversa forma de catação, realizada por meio do garimpo de saco em saco, selecionando o material a

ser reciclado. Esta forma é visualmente estigmatizante e depreciativa, apesar de garantir a sobrevivência dos catadores.

Além destes trabalhadores “autônomos” ou “subordinados informais”, que prestam seus serviços para terceiros sem vínculo empregatício, existem outras formas de inserção na reciclagem do lixo como os donos de sucata, os associados, cooperados e até, os assalariados que, muitas vezes, são contratados por usinas de lixo.

Em relação às cooperativas, não entraremos na discussão de suas vantagens e/ou desvantagens em relação ao catador, mas é necessário compreender que, quando organizadas, elas possibilitam uma maior visibilidade do grupo de catadores, o que pode alterar significativamente o sistema de negociação com o sucateiro, fazendo com que o intermediário reveja suas exigências e rediscuta pesos e preços, visto que ele também necessita do material (JUNCÁ, 2004).

Estes sucateiros - que também são conhecidos como “atravessadores”, “atacadistas de lixo reciclável”, “donos de depósitos” dentre outros – são alvo de críticas pelo tipo de relação estabelecida com os catadores. Desempenham papel de intermediário, estabelecendo ligação entre os catadores e a indústria. É possível encontrar sucateiros que já trabalharam com o lixo na atividade de catação, tornando-se para alguns catadores um “modelo”, um exemplo a ser seguido, na medida em que alcançaram essa “progressão funcional” (JUNCÁ, 2004, p.80). Entretanto, para tal progressão, é necessário mais do que ser um bom catador. É preciso desenvolver habilidades inerentes à nova atividade, como: capacidade de negociação (tanto em relação aos catadores quanto aos compradores das indústrias) que lhe conferirá maiores ou menores rendimentos; “jogo de cintura” para comercializar e atrair maior número de catadores; espírito empreendedor para tornar o seu negócio, comércio mais reconhecido perante a concorrência, dentre outros.

Por outro lado, precisa ter um local disponível para armazenamento do material, bem como de uma balança e um veículo.

Na verdade, ao disporem dos meios de produção necessários à realização do comércio do lixo, bem como, de um capital de giro para agilizarem as transações comerciais cotidianas com os catadores, os sucateiros retêm parte dos lucros desta cadeia produtiva e mantêm o controle de uma relação onde a liberdade é só aparente”. (JUNCÁ, 2004, p.80).

Nesse processo, Neves (1995) estima que a rentabilidade das atividades dos intermediários oscile entre 40 a 100%. Já as indústrias obtêm um ganho mais elevado, sofrendo, no caso do papel branco, uma variação de 900% em seu preço. Assim, há uma

relação de dominação, mesmo que indireta, entre estes atores. O catador necessita do sucateiro para comprar o material catado, pesar, prensar, organizar os fardos e transportá-los, caso contrário, quem realizaria este trabalho para o catador? Já o sucateiro precisa revender este material para a indústria em busca de adquirir seu lucro e, efetivamente, ser realizada a reciclagem. E esta última (a indústria) necessita destes dois para que façam o trabalho de garimpagem e repasse do material, tornando vivo o circuito do lixo.

Tudo isso significa que a noção de melhora, ascensão não está ausente, seja em relação ao catador se tornar sucateiro ou até mesmo, no caso de um trabalhador autônomo tornar-se cooperado.

Bastos (2008, p.99-100), ao entrevistar dois donos de depósitos envolvidos no Aterro de Jardim Gramacho no Rio de Janeiro, afirma que

(...) reconheceram a importância dos catadores na cadeia industrial de reciclagem, mas procuraram justificar a importância e a necessidade da existência da categoria de sucateiros, em razão do material oriundo do Aterro ser impuro, e com isto existir uma rejeição total das indústrias quanto à compra direta. Sua atividade consiste em beneficiar este produto através da limpeza e misturá-lo com outros materiais, oriundos de compra procedente da atividade de catação nas ruas; assim vendem para outros atravessadores que ainda melhoram o material, até chegar a indústria. Outro ponto abordado por eles é a existência dos encargos e tributos que por vezes os impede de negociar diretamente, 'que dirá o catador'.

Esta negociação se dá, muitas vezes, com aquela que está no topo da pirâmide da cadeia produtiva do lixo: a indústria de reciclagem<sup>16</sup>. Esta que vem passando por um processo permanente de expansão em decorrência de vários estudos que objetivam novas maneiras de utilizar materiais descartados. De acordo com o Cempre (2001) o mercado de reciclagem no Brasil tem crescido dinamicamente nos últimos anos, com novos empreendimentos sendo abertos em diversas partes do País.

Não se pode desconsiderar que se o trabalho do catador se apresenta de maneira precarizada, o mesmo não ocorre entre os trabalhadores destas indústrias, que possuem relações de trabalho e produção modernas, a partir de instrumentos computadorizados que conseguem controlar o processo de produção.

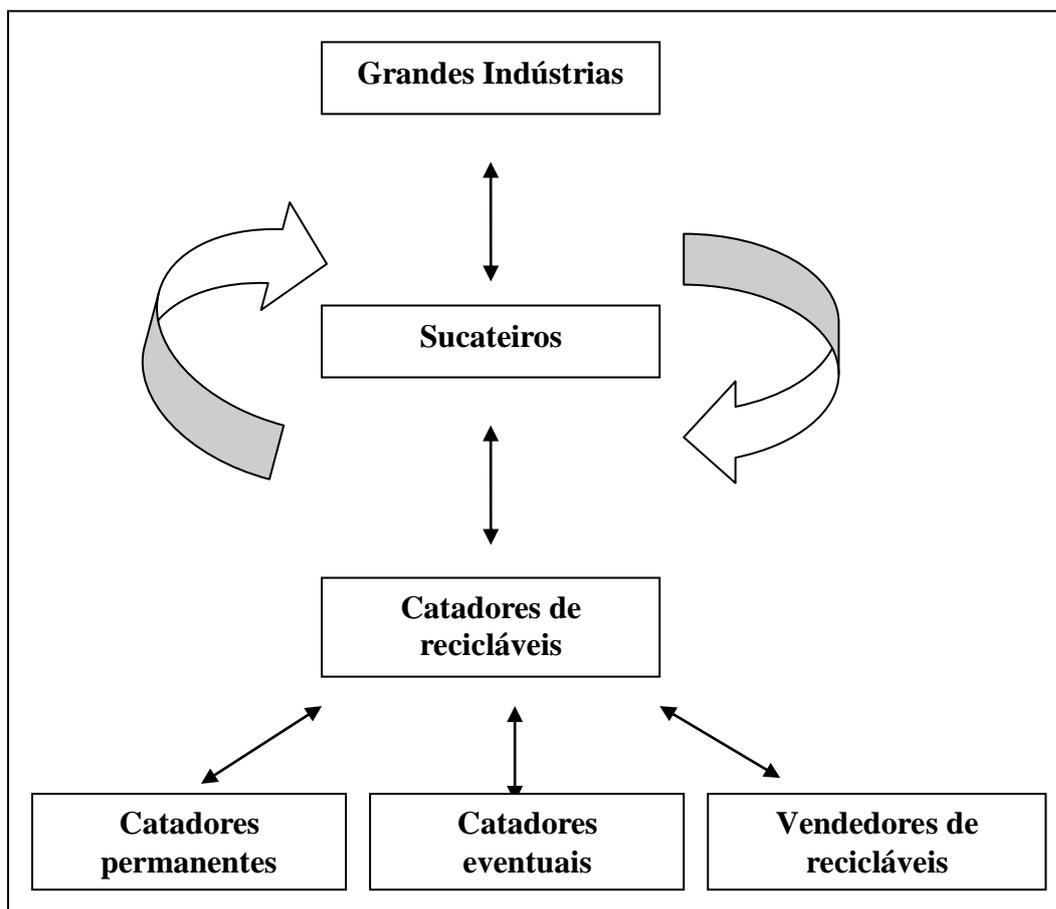
---

<sup>16</sup> Segundo informações colhidas com um dono de depósito de Bom Jesus, as principais indústrias de reciclagem brasileiras são:

- Reciclagem de ferro: Gerdal (Rio e São Paulo), Belgo Mineira (Juiz de Fora);
- Reciclagem de Plástico: New Pet (Duque de Caxias);
- Reciclagem de papel: Klabin (Est. do Rio);
- Reciclagem de Alumínio: Alupec (Rio).

Com base na abordagem apresentada, construímos um esquema para o circuito do lixo no Município de Bom Jesus do Itabapoana, que pode ser representado pela figura II:

**Figura II: Circuito do lixo em Bom Jesus**



**Fonte:** Elaboração própria.

Esta figura<sup>17</sup> classifica três tipos de trabalhadores enquadrados na base do circuito. **O catador permanente** – homens e mulheres que não possuem emprego e sustentam sua família catando lixo, desempenhando esta atividade como única forma de sobrevivência e, estando cotidianamente nas ruas da cidade em busca de materiais. **Os catadores eventuais** que desenvolvem a catação como forma de complementar renda, seja de aposentadoria ou de outros serviços executados (como de pedreiro, cozinheira de restaurante, vendedora de picolé). Exercem esta atividade em períodos alternados e de acordo com suas necessidades e

<sup>17</sup> Ao construir este esquema, não tivemos como objetivo traçar categorias fechadas, mas pensar em atributos dos catadores de rua inerentes ao contexto municipal, sem esquecer que podem ocorrer mudanças em termos de coleta de materiais. Neste momento, o objetivo é apresentar o circuito do lixo no Município sem maiores análises, visto que estas serão desenvolvidas no próximo capítulo, a partir dos resultados da pesquisa.

disponibilidades ou, até mesmo, quando possuem algum material, em suas próprias residências, que pode ser vendido. E por fim, os que chamamos de **vendedores de recicláveis**, àqueles comerciantes (donos de loja e mercado) que, nos últimos anos, também tem mercantilizado os materiais de seus estabelecimentos em busca de ampliar seus rendimentos.

Neste contexto, os catadores (sobretudo os permanentes), por serem trabalhadores autônomos, que realizam seu fazer nas ruas da cidade, expostos a precárias condições de trabalho que serão abordadas no próximo capítulo, possuem uma maior exposição em relação à sociedade, o que pode colaborar para que sofram, de forma ainda mais perversa, questões relacionadas a estigmas e diversas maneiras de preconceitos, ao terem contatos simultâneos com pessoas que não fazem parte de seu grupo, não possuam as mesmas condições de vida, não desempenhem o mesmo trabalho. Por outro lado, estes trabalhadores, diferentes daqueles que desenvolvem sua ocupação em aterros ou lixões, possuem maiores possibilidades de construção de novas redes de contatos. Isto é, arriscamos em afirmar que os catadores de materiais recicláveis de rua estão mais expostos aos olhares, opiniões, críticas (construtivas e negativas), contribuições e preconceitos da sociedade de forma geral pelo fato de se fazerem vistos no cenário cotidiano das cidades.

No entanto, seu trabalho não é melhor, nem pior do que os daqueles que estão nos lixões, aterros, unidades de triagem (seja em forma de cooperativas ou associações) centros de triagem e compostagem ou usinas de lixo, que constituem as principais fontes de coleta de lixo. Estes catadores e vendedores que trabalham de maneira autônoma comerciam diretamente com os sucateiros da cidade, que possuem seus depósitos localizados na rua principal do Bairro Lia Márcia.

Em Bom Jesus existem dois depósitos principais. Um que realiza suas atribuições há 12 anos e outro há menos de 03 anos. Ambos possuem cerca de 10 funcionários que desenvolvem atividades mais operativas como: prensar, organizar, pesar, enfardar materiais, até outras mais burocráticas, como efetuar pagamento aos catadores, dentre outras. Depois de realizado este trabalho, um dos donos de depósito da cidade ressaltou, através de conversa informal, que comercia seus materiais, sobretudo, com as indústrias New Pet e Alupech, ambas situadas no Estado do Rio.

Acerca das relações estabelecidas dentro do processo produtivo e do papel desempenhado por cada ator no contexto da reciclagem, este mesmo sucateiro expressou a relevância de seu trabalho e da atividade desempenhada pelo catador para manter a indústria em funcionamento. E acrescentou que *“Não tem como o pequeno (catador) vender direto. A*

*Indústria não pode ficar perdendo tempo com os pequenos. Ela deixa pra gente fazer esse trabalho”* (Dono de depósito da Cidade).

Para tanto, o atravessador diz que se um catador procurar uma indústria com material para vender, eles vão questionar sua localidade e indicar o dono de depósito daquela região para que seja estabelecido contato entre catador – sucateiro, para que o material não seja entregue pelo catador, mas pelo dono de depósito responsável por aquele lugar que tem parceria com a Indústria.

Isso demonstra, mais uma vez, o conjunto de regras e normas que existem no circuito do lixo, clareando a noção de que há uma hierarquia e subordinação entre estes trabalhadores. Neste caso, o cumprimento da regra, contribui ainda mais para que o Sucateiro possa ampliar seus contatos, obter a “subordinação” de mais catadores e adquirir maiores lucros. Por outro lado, ao possuir esta “garantia” por parte da Indústria, o laço entre indústria e sucateiro estreita-se ainda mais, possibilitando a continuidade da parceria.

No entanto, o dono do depósito não desconsidera a importância do catador no processo de reciclagem e ressalta que ao *“tirar das ruas, do lixo e trazer para o depósito, impedir que o material vá para o lixão”* o catador está fazendo *“o comecinho da reciclagem”*. Ao mesmo tempo ele afirma a desvalorização destes trabalhadores:

*Os catadores são desvalorizados, eles ajudam muito o meio ambiente. Eu do o maior valor, passo perto deles, é da minha família, do meu ramo, meu colega de profissão, só que é pequeno né. (...) eu acho que sou bem mais valorizado do que o catador (Dono de depósito da Cidade).*

Essas informações demonstram a subordinação existente no circuito do lixo, que ora se expressa de maneira explícita, ora apresenta-se de forma implícita. Todavia, há um consenso entre muitos destes que participam da cadeia produtiva e analistas do assunto: os catadores de materiais recicláveis são desvalorizados. Desvalorização que acaba expressando precariedade no cotidiano de trabalho, em suas condições e nas próprias relações estabelecidas. Porém, se estes sujeitos, em âmbito municipal, não se organizam, não possuem consciência acerca destas questões que são subordinadas a um contexto macro, se eles não participam, não questionam, torna-se mais complexo objetivar melhores condições de trabalho e valorização profissional.

Além disso, estas informações demonstram que há uma estreita ligação entre o local e o global, ou seja, entre estes que desenvolvem o trabalho mais precarizado e aqueles que se enquadram em padrões de trabalho modernos. E tudo isso sugere a afluência que há dentro desta cadeia, capaz de influenciar diretamente na vida de seus trabalhadores.

Neste caso, não se pode desconsiderar a crise econômica mundial, que (apesar de não ser nosso objeto de estudo e, por isso, não buscarmos aprofundamentos maiores) vem trazendo repercussões diretamente no cenário do lixo a partir da segunda quinzena de outubro do ano de 2008, em que os preços tiveram certa queda e houve paralisação na compra de sucata em alguns setores. Pátios de empresas que comercializam papel, ferrosos e não - ferrosos estão cheios em espera de melhores preços e compradores, entretanto, a previsão é de que a crise deva durar o primeiro semestre de 2009.<sup>18</sup>

De acordo com Márcio Sérgio Gonzalez - Diretor Geral da RFR Comércio e Reciclagem de Metais - “Tradicionalmente a siderúrgicas reduzem as compras de reciclagem em janeiro e fevereiro devido às compras programadas de manutenção (...)”, o problema é que em outubro de 2008 elas já reduziram em 15%, e a previsão para novembro era de queda de 40% e para dezembro 70%<sup>19</sup>.

O principal problema dos comerciantes de sucata ferrosa está relacionado a queda violenta do preço. “A tonelada de sucata ferrosa saiu de um patamar de R\$ 800 no fim de agosto para menos de R\$ 400 no fim de outubro (uma queda de 50% em dois meses)”. Isso trouxe como consequência o reajuste nos preços dos materiais não – conformes.

Segundo a revista reciclagem moderna, no mercado americano os preços da tonelada de sucata prensada caíram de US\$ 524 no mês de agosto para US\$ 195 em outubro. “Os números da Shredded aut Scra (Chicago, Estados Unidos) estimaram que em três meses o preço da tonelada de sucata caiu de US\$ 600 para US\$ 125. A tonelada do minério de ferro saiu de US\$ 188 em agosto para US\$ 70 em outubro”.<sup>20</sup>

No que se refere ao aço, Cristiano Cunha Freire, Presidente do Inda – Instituto Nacional dos distribuidores de aço, acredita que como as Usinas já estão pagando menos, em breve os sucateiros também queiram pagar menos pelos resíduos de aços planos. Já em relação ao alumínio as quedas de preços já estão sendo repassadas para toda cadeia de fornecimento, chegando a ser reduzido de 8 a 13% em Empresas como a Novelis e a Metalur.

Mesmo assim, há para 2009 estimativas de crescimento do setor automobilístico (através de investimentos do Governo Federal para a compra do carro zero), da construção civil (pela possibilidade de crédito pela Caixa Econômica Federal) e de varejo (após

---

<sup>18</sup> Informações colhidas no site <http://cviewer.com.br/RMDN/cViewer/edicao.asp?ed=13>. Acesso: 29/12/2008, Revista Reciclagem moderna, Nov. – Dez de 2008).

<sup>19</sup> Informações colhidas no site: <http://www.recycle.hpg.ig.com.br/index.htm>. Acesso em 29/12/2008.

<sup>20</sup> Informações colhidas no site: <http://cviewer.com.br/RMDN/cViewer/edicao.asp?ed=13>. (Acesso: 29/12/2008).

crescimento da classe “c” no Brasil, os mercados registraram aumento no consumo de bebidas, como cerveja e refrigerante), tudo isso contribui para um maior consumo de sucatas no mercado.

Em reportagem publicada na revista reciclagem moderna, os setores de plásticos e vidro continuam com certa estabilidade diante da crise internacional. O mesmo não se pode falar do papel, que está sofrendo a pior crise da história.

No último ano, a forte desvalorização do dólar fez cair o interesse das fábricas em jogar fibra virgem no mercado internacional. Resultado: o papel fabricado no Brasil passou a conter 100% de fibra virgem. (...) O fechamento de empresas e o desinteresse total do catador por esse tipo de sucata dão sinais de que esse setor beira a estagnação. (revista reciclagem moderna).

De forma geral, as estimativas para 2009, apesar da crise internacional, são boas. Para o Professor de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas, Evaldo Alves, “O momento é de cautela e não de paralisação”. O foco da crise está nos Estados Unidos e o Brasil diversificou suas áreas de exportação (Europa, Ásia, África e Oriente Médio), fortalecendo a economia nacional. Finaliza ainda dizendo que, no Brasil haverá um crescimento entre 2,5 e 3,0% no PIB.<sup>21</sup>

Acerca da crise econômica mundial e suas influências na reciclagem no contexto bonjesuense, podemos afirmar (a partir de uma conversa realizada com um dos donos de depósito da cidade) que não é muito diferente do contexto nacional: a demanda por compra de material caiu, os estoques aumentaram e os preços reduziram, o que caracterizou prejuízos: “*Eu perdi uns 40 mil e o meu comprador uns 10 milhões*”. (Dono de Depósito da Cidade).

Diante destas informações, fica evidente que a crise econômica não está afetando apenas o que está no ponto mais alto da cadeia produtiva (a indústria), nem ao sucateiro. Na medida em que o ritmo de demanda diminui, os materiais são estocados ou os que são vendidos proporcionam menor rentabilidade devido à baixa do preço. Isso conseqüentemente, incide também no processo de trabalho e no dinheiro obtido por parte do catador. Em seu caso, a crise econômica pode trazer um maior grau de complexidade, visto que ao abaixar o preço do material catado dificultará a manutenção de sua sobrevivência e de sua família.

Se a questão central neste momento, no que se refere às indústrias está relacionada ao norte que devem tomar, aos catadores não é muito diferente: podendo indagar se o

---

<sup>21</sup> Para maiores informações acerca desta discussão e da Revista Reciclagem Moderna, acessar: (<http://cviewer.com.br/RMDN/cViewer/edicao.asp?ed=13>). (Acesso: 29/12/2008).

apontamento de Evaldo Alves caberia a sua realidade: “O momento é de cautela e não de paralisação”.

Talvez entre estes não fosse possível paralisar, quando se tem família para sustentar, filhos para criar e educar e quando não se tem nenhuma proteção por parte do governo, por desempenharem suas atividades no mercado informal. No entanto, há que se destacar ainda, o fato da não participação do catador na cadeia produtiva como agente de parte do negócio e, com isso, não usufruir dos lucros.

Ao aproximar esta informação ao nosso contexto de pesquisa, afirmamos uma gravidade ainda maior pelo fato de muitos desses catadores não conhecerem a cadeia produtiva, de como esse processo é desenvolvido, do rendimento alcançado através de seu trabalho, colaborando, assim, para que sofram uma maior exploração, dificultando a possibilidade de se refletir acerca da formação e organização da categoria de catadores e, até mesmo, de buscar melhores alternativas frente a momentos de crise ou, ao contrário, em momentos de aumento de demanda e crescimento.

Tudo isso contribui para que haja uma naturalização da condição de trabalho dos catadores. Nas grandes metrópoles os catadores ressaltam que é muito difícil chegar próximo às grandes indústrias, deixando a negociação nas mãos dos sucateiros, que possuem o “poder do dinheiro” (BASTOS, 2008). Nas pequenas cidades como Bom Jesus, essa possibilidade é muito pouco experimentada ou pensada por estes trabalhadores que, de forma autônoma e individual, buscam garantir sua sobrevivência.

Mas como funciona a dinâmica de trabalho realizado pelos catadores de Bom Jesus? Quem são estes catadores de lixo? Quais as relações estabelecidas entre os atores do lixo (catadores, atravessadores...) desta cidade? Como é desenvolvido seu trabalho? O próximo capítulo tem por objetivo abordar essas questões a fim de compreender de que forma a cadeia produtiva do lixo se manifesta neste contexto, tendo por objeto central o catador, uma das principais fontes de sustentação de tal cadeia.

Este capítulo busca abordar o trabalho e as relações de trabalho dos catadores de materiais recicláveis de rua de Bom Jesus. Para tanto, num primeiro momento, descreveremos a entrada no campo de pesquisa, para, em seguida, identificar estes catadores, conhecer e avaliar seus relatos de vida. Por fim, trataremos de como o processo de trabalho se desenvolve, bem como, das relações que o estrutura.

### **III.I – A matéria viva por detrás do lixo**

Apesar de não ser novo, o fenômeno da reciclagem, na atualidade, torna-se fonte de elevados rendimentos para empresas e trabalhadores que se localizam nos pontos mais altos da cadeia produtiva. Por outro lado, esta cadeia é sustentada por aqueles que realizam a catação dos materiais de maneira precária e obtendo baixos rendimentos, mas que são fundamentais à garantia de sua sobrevivência.

No caso de Bom Jesus do Itabapoana, é notório um número considerável destes trabalhadores pelas ruas da cidade que, inicialmente, pode explicar-se pela falta de oportunidades de empregos em âmbito municipal, aliado a continuidade de uma inserção marginal no mundo do trabalho. Partindo destas observações, desenvolvemos uma pesquisa essencialmente qualitativa, aplicando a amostragem não probabilística “bola de neve”. Se a proposta inicial era trabalhar com formulários aplicando-os àqueles trabalhadores que chegavam ao depósito para vender seus materiais e, em seguida, selecionar alguns catadores para entrevistá-los, a fim de compreender melhor seus relatos de vida relacionados ao lixo, isso não foi possível.

O motivo que impossibilitou a operacionalização da proposta foi que durante a aplicação do formulário (em período de pré-teste) sempre havia uma terceira pessoa por perto, além do instrumento de coleta de dados restringir, quando na verdade, buscava-se ouvir o entrevistado.

Decidimos por alterar a nossa metodologia, realizando algumas modificações, tais como:

- Transformando o formulário em roteiro de entrevista (apêndice 1);
- Não efetuando as entrevistas no depósito, mas caminhar pelas ruas da cidade em busca dos catadores, realizando o que denominamos de “caminhada investigativa”.

A mudança visava garantir a validade das informações colhidas. E a “caminhada investigativa” possibilitou uma série de construções, problematizações, flagras e

conhecimentos. Desta forma, ao caminhar pelas ruas da cidade, pudemos observar os catadores em seu trabalho, em meio ao trânsito, com seus carrinhos, bicicletas, carroças, estabelecendo contatos com outras pessoas e descansando.

Ao abordá-los e apresentar a proposta de estudo, os próprios catadores nos convidava para efetuar as entrevistas em suas residências que são situadas, sobretudo, no bairro Aristides Figueiredo. Com hora e dia marcados, a pesquisa era realizada e o leque de informações tornava-se ampliado, por conhecermos algo além do trabalho, obtendo contato com seu ambiente familiar, doméstico, além de conhecer suas condições de moradia.

Ao nos defrontar com estes trabalhadores percebemos que identificá-los não é algo fácil, na medida em que ainda parece “se tratar de uma população flutuante” (JUNCÁ, 2004, p.102), que ora desempenha suas atividades relacionadas ao lixo, ora se propõem, em paralelo ou separadamente, a executarem outras ações. No entanto, existem àqueles que permanecem na catação, construindo uma história de trabalho relacionada ao resíduo.

Neste sentido, buscaremos a seguir, conhecer o perfil dos 10 catadores entrevistados no âmbito municipal, para tanto, apresentaremos duas tabelas com as principais informações destes trabalhadores, que serão simultaneamente analisadas a seguir.

**Tabela I – Dados pessoais dos entrevistados**

Nome	Sexo	Estado civil	Idade	Escolaridade	Filhos
João <sup>22</sup>	M	viúvo	81	analfabeto	20
Paulo	M	Divorciado com companheira	58	alfabetizado	03
Luzia	F	Divorciada	62	Ens. Fund. completo	01
Lucas	M	Solteiro	56	Ens. Fund. incompleto	00
Mateus	M	Separado	40	Ens. Fund. incompleto	05
Tereza	F	Solteira	47	Ens. Fund. incompleto em curso	02
Sônia	F	Casada	42	Ens. Médio incompleto	03
Jorge	M	Viúvo	56	Ens. Fund. incompleto	03
Pedro	M	Solteiro	46	Ens. Fund. incompleto	00
Graça	F	Viúva	56	Alfabetizada	02

Dos 10 entrevistados, 60% são homens e 40% mulheres, diferente do constatado por Azevedo et al. (2000), Araújo (1997) e Gonçalves (2004) em suas pesquisas, onde evidenciaram um maior número de mulheres em relação aos homens. Porém, há que se considerar que, apesar de nossa amostragem ser não-probabilística e não ter fins quantitativos, há indícios de um ingresso crescente de mulheres nesta atividade, como relata uma catadora: *“E agora ta aparecendo umas mulheres aí”*. (Depoimento de D<sup>o</sup> Sônia). O que também já foi verificado por outros estudos como de Juncá em 2004 e Bastos em 2008.

Já no que se refere à faixa etária, encontram-se entre 40 e 81 anos de idade, sendo que 80% possui entre 40 e 60 anos. Idade considerada produtiva, principalmente, para aqueles que já conquistaram seu espaço no mercado de trabalho. Todavia, os desempregados e/ou aqueles que se encontram no setor informal e que estão nesta faixa etária, possuem dificuldades para (re) ingressarem na formalidade, principalmente por possuírem baixo nível de escolaridade e, conseqüentemente, pouca qualificação (ANTUNES, 1998). É o caso destes trabalhadores em que muitos se quer concluíram o ensino fundamental, havendo casos de

<sup>22</sup> Trabalhamos com nomes fictícios a fim de manter o anonimato dos entrevistados.

analfabetos, mas também de ensino médio incompleto. Há que se considerar ainda uma parcela de pessoas idosas envolvidas neste trabalho, que acabam buscando-o como forma de complementar renda e manter-se exercitando fisicamente: *“Ah, eu cato pra num ficar parado meu fio, porque a pessoa véia não pode parar não, né!”* (Depoimento do Sr. João, 81 anos).

Por outro lado, essas informações não excluem também a possibilidade de haver pessoas jovens desempenhando o trabalho de catação. Em nossa pesquisa o único jovem encontrado e abordado não compareceu aos três encontros marcados para a entrevista.

Um fato a se destacar ainda a respeito deste jovem é que, durante a caminhada investigativa, pudemos observá-lo no dia 29/07/2008 por volta das 14:00 h., dormindo no banco da praça Amália Teixeira Chalhoub, centro da cidade, próximo a seu carrinho carregado de material, como se pode ver na foto a seguir:



**Foto: catador dormindo em banco de praça**

Cabe ressaltar ainda que ao redor desta praça está localizado um bar, no qual observamos este catador em seu interior por duas vezes. Isso nos faz refletir acerca da relação dos catadores de materiais recicláveis com o consumo do álcool.

Em conversa realizada com um catador no dia 28/07/2008 ele ressaltou o seguinte: *“Muitos catadores gostam de uma branquinha (referindo-se a cachaça), tem uns que são de segunda a segunda, não existe esse negócio de fim de semana não”* (Depoimento de um catador em conversa informal).

Em Vitória – ES de acordo com o site da Prefeitura, o vício corresponde a 98% dos casos de permanência de adultos em suas ruas. Segundo o levantamento da Abordagem de Rua da capital, o uso do álcool, associado a outras drogas é apontado em torno de 47% entre os seguintes grupos: pedinte, engraxate, carregador de sacola, flanelinha, malabares, vendedor de doce, catador de recicláveis, artesão, pessoas com transtorno mental, migrantes e moradores de rua.

Melman (1993) interpreta o alcoolista enquanto marcado por inconstante insatisfação em relação a si próprio devido a sua não realização pessoal na sociedade. Desta forma, o álcool se apresenta como refúgio para alcançar esta satisfação, pois sua existência é, muitas vezes, permeada de sofrimentos.

No caso dos catadores em Bom Jesus esses sofrimentos podem ser marcados por desempenharem suas atividades tendo como objeto de trabalho o resto, o rejeito, o que sobra dos outros, não possuem emprego formal e dificilmente terem acesso aos mecanismos de proteção social, além de possuírem idade avançada. Fatores que podem colaborar para o contato com o álcool.

Neste contexto não se pode desconsiderar a família, entendendo-a enquanto um conjunto de pessoas que compartilham ganhos e gastos e se abrigam sob o mesmo teto (AZEREDO et al., 2000). Pudemos observar que em relação aos catadores o fato de serem viúvos ou separados com ou sem companheiros, divorciados, solteiros e casados estreitam as possibilidades de estarem construindo novos arranjos familiares, principalmente, quando existem aqueles que não possuem filhos, vivendo com irmãos e sobrinhos, até aqueles que têm 20 filhos, sendo o último de 04 anos de idade, com uma namorada de 21 anos, como é o caso do Sr. João de 81 anos de idade. No entanto, a maioria possui entre 02 e 03 filhos, o que não exime alguns do convívio com genros e netos em suas residências.

Além disso, não se pode desconsiderar que esses novos arranjos familiares também se apresentam como uma articulação que garante a sobrevivência destes moradores, ou seja, a possibilidade de dividir o mesmo teto com pessoas que não necessariamente tem o mesmo sangue é uma maneira que muitos criam para enfrentar condições precárias de vida. Ao viver um dia após o outro, estas redes tornam-se fundamentais para que estes trabalhadores não se deparem com a pobreza extrema. Mas quais as características sócio – econômicas destes trabalhadores? A tabela a seguir aponta os seguintes resultados:

Tabela II – dados sócios - econômico

Nome	Bairro	Tipo de Moradia	Profissão	Outras ocupações	Rentabilidade (do lixo)	Tempo de trabalho
João	A. F. <sup>23</sup>	alugada	“Tirador de areia do rio”	Aposentado + catador	1 salário	4anos
Paulo	A. F.	alugada	Pedreiro	catador	600,00 reais	5anos
Luzia	Centro	alugada	Trocadora de ônibus	Aposentada + catadora	60 reais	3anos
Lucas	Centro	alugada	Auxiliar de serviços gerais	Aposentado + catador	60 reais	3anos
Mateus	A. F.	emprestada	Costureiro	catador	Não sabe	7anos
Tereza	A. F.	própria	Auxiliar de cozinha	Auxiliar de cozinha + vendedora de picolé + catadora	Meio salário mínimo	15 dias
Sônia	A. F.	emprestada	Doméstica	catadora	1 salário	7 anos
Jorge	Centro	Própria	Não soube definir	Tira areia do rio + faz frete com carroça + catador	40 reais	3 anos
Pedro	A. F.	Própria (herdad)	Pedreiro	catador	30 reais	4anos
Graça	Lia Márcia	alugada	Doméstica	catadora	1 salário	3anos

Todos são moradores da própria cidade, tendo como tipos de moradia, sobretudo a casa alugada, sendo os valores dos aluguéis, na maioria das vezes, baixos (R\$ 100, 200 reais) devido à precariedade das residências e sendo encontradas em locais mais periféricos, mas há aqueles que residem no centro da cidade, no entanto, em situações também precárias, outros, moram em casas herdadas, emprestadas e próprias.

Todas essas informações indicam uma realidade de pobreza. Esta última tão discutida no primeiro capítulo deste estudo. No entanto, documentários como o elaborado pelo projeto interdisciplinar II, que tem como tema o Instituto do lixo e a cidadania, aponta para o fato de

<sup>23</sup> A. F. é o significado de Aristides Figueiredo (bairro situado na periferia da cidade).

que alguns catadores entraram para essa ocupação após terem perdido bons empregos e, conseqüentemente, conquistas materiais. Chegando a encontrar profissionais de nível superior, como Advogados, desempenhando esta atividade.

Quanto à profissão, muitos pareciam considerar àquelas que desempenharam por mais tempo ou que ainda desempenham; outros tomaram por referência àquela que lhes garantiu a assinatura da carteira de trabalho, a exemplo dessas informações destacaram: Pedreiro, Trocadores de ônibus, Auxiliar de Serviços Gerais, Costureiro, Auxiliar de cozinha, Doméstica. Existiram ainda aqueles que não souberam definir uma profissão e os que ressaltaram nunca terem tido sua carteira de trabalho assinada: “*Quarenta e sete anos, nunca tive carteira assinada*”. (Depoimento de Teresa).

Atividades, trabalhos ou profissões que são comuns entre os catadores, sejam eles da região metropolitana do Recife (conforme ARAÚJO, 1997) ou do Rio de Janeiro (conforme JUNCÁ, 2004). E tudo isso demonstra que, no contexto local estes trabalhadores acabam reproduzindo uma luta pela sobrevivência ancorada em ocupações/ profissões precarizadas e marginais, indicando uma história marcada por desafios, nos quais a possibilidade de manter-se vivo de maneira digna pode ser o que impera em suas realidades.

No entanto, é uma dignidade com muita precariedade material, visto que o rendimento obtido através do lixo é muito baixo e não pode garantir muito conforto, ou talvez, nem o básico à sobrevivência. Mensalmente o dinheiro recebido varia entre 30 e 600 reais. Como sobreviver com 30 reais? Qual o diferencial que possibilita um catador receber 30 reais e outro 600 reais?

Ninguém sobrevive com 30 reais mensais “*Três quilo de papelão eles dão vinte centavo. Isso é salário? Não, vamos dizer a verdade*” (Depoimento de Luzia). Assim, estes trabalhadores ora desempenham outras atividades, ora são aposentados e utilizam o lixo como função complementar, ou ainda, não trabalham em outra função, mas recebem ajuda de vizinhos, familiares e igrejas.

Talvez essas informações também respondessem à segunda pergunta enunciada. Já que os que recebem por volta de 1 salário mínimo a 600 reais ou mais, são sobretudo, aqueles que se dedicam exclusivamente a esta atividade, desempenhando-a durante anos, todos os dias nas ruas da cidade, o que lhes possibilita estabelecer novos contatos para adquirir materiais e buscar melhores instrumentos para realização de seu trabalho, chegando a entregar até 300 quilos de material por dia. Para tanto, trabalham com carrinhos mais organizados e decorados como se pode ver na foto a seguir.



**Foto: catador e seu carrinho em Bom Jesus.**

Criatividade. Talvez esta palavra sirva como adjetivo a parte destes catadores que apesar de possuírem uma idade avançada, pouca escolaridade, condições insustentáveis de moradia, novos arranjos familiares, isto é, vivenciarem em um cenário marcado pela precariedade, possuem itinerários próprios, que traduzem histórias caracterizadas por vivências particulares.

Histórias que estão sendo construídas há 3 semanas para senhora Teresa (uma das mais recentes catadoras a entrar para o ramo do lixo) e há 7 anos para o Sr. Mateus: “*Sou um dos mais antigo*”. No entanto, há que se considerar que metade dos entrevistados desempenha esta atividade há 03 anos e existem outros que estão há 05 e 07 anos.

Segundo Gonçalves (2004) em Iguaba Grande - RJ, os catadores de lixo começaram a trabalhar ainda crianças, realizando pequenos serviços para ajuda econômica em casa. Essa inserção ainda jovem no mundo do trabalho dificultou o ingresso e a permanência na educação formal.

O que não é muito diferente do caso de Bom Jesus que, como constatamos, alguns desempenharam outras ocupações ao longo de suas vidas, que exigem pouca escolaridade, e que em alguns casos, são oriundos da zona rural do município ou do Estado do Espírito Santo, tendo trabalhado na roça e vindo para a cidade em busca de melhores condições de

vida, outros eram da zona urbana da cidade e chegaram a “tentar a vida” em metrópoles como o Rio de Janeiro, mas acabaram desistindo e retornando à cidade natal.

Os motivos que os levaram a desempenhar esta atividade são diversificados:

*Quem me ajudou a fazer isso foi um irmão meu que veio do Rio e tava parado, sem ganhar nada. Aí um dia eu falei com ele: L, você fica preocupado aí pensando, mas lá em casa é só a gente conseguir arrumar um carrinho aí, porque lá em casa tem muita coisa e de repente a gente arruma um dinheirinho aí. Lá tem caixa de geladeira jogada no quintal, tem lata de alumínio. Aí a gente foi lá e juntamos até as coisas e a gente levou, aí eu achei que aquilo dava certo e de repente eu arrumei um dinheiro, arrumei trinta reais. (...) Aí eu animei, falei: num vou largar isso mais não. Larguei obra pra lá, larguei tudo (Depoimento de Paulo)*

*Nasci aqui e fui embora pro Rio. Fui morar na Parada de Lucas. A firma veio a falência e eu vim embora pra cá. Aqui falta emprego. Em Bom Jesus não tem. Não tem nem firma nenhuma aqui e quando aparece é pra trabalhar dois meses e meio e pronto. É temporada de dois meses e meio, eles não gera emprego na cidade (Depoimento de Mateus).*

*É porque não tem serviço do Pedreiro, aí eu vou catar na rua (Depoimento de Pedro).*

*Aí como eu não conseguia emprego, aí eu vi esse senhor catando na rua, aí eu peguei e falei com ele: A reciclagem é bom? Aí ele pegou e falou pra mim: Ah, não é bom não, porque a gente tem que trabalhar o dia inteiro. Mas eu sei que ele tava me dando fora pra mim não entrar no ramo de serviço dele, né?  
Aí eu falei assim: Talvez eu entre trabalhando sim, porque a gente não tem emprego, a gente tem que ter um ganho, né? (Depoimento de Sônia).*

Esses relatos evidenciam que um grupo destes trabalhadores encontrou no trabalho com o lixo a forma de sobrevivência, visto que estavam desempregados e “*Isso é um ganho, né!*” (Depoimento de Teresa). O último depoimento demonstra que já existe concorrência entre os catadores. Talvez pelo fato de ser uma atividade autônoma em que o rendimento é garantido através do esforço e dedicação do trabalhador ao se colocar disponível para busca de materiais. Além disso, cabe considerar que, como os materiais são encontrados pelas ruas da cidade, o aumento no número de catadores acarreta maior dificuldade para achar materiais recicláveis e, conseqüentemente, uma diminuição na rentabilidade do trabalhador.

“Esse lixo é meu” esse é o título de um artigo publicado no site “vivafavela” (acesso: 15/01/2009) que evidencia o grande número de catadores nas ruas do Rio de Janeiro, destacando o seguinte depoimento de um trabalhador:

*Como há muita gente catando, só o que a gente pega nas ruas não dá. Porque agora quase não se vê garrafas pet na rua. Se por um lado é bom para o meio ambiente, para a gente dificulta. É por isso que bato de porta em porta e procuro fazer amizades com as donas-de-casa, combino com*

alguns comerciantes para que eles guardem alguns tipos de material para mim. Para eles, não custa nada e para mim vale a compra do mês.

Aos 48 anos, há três vivendo do que consegue catar, Arnaldo da Silva Fontes (Fonte: site vivafavela), também se queixa da concorrência. "A competição às vezes é até injusta. Tem catadores maiores que passam com carro de som pelas ruas pedindo garrações de vinho em troca de picolé ou outras mercadorias".

De acordo com o ambientalista Sérgio Ricardo, ao analisar a questão do lixo no contexto do Rio de Janeiro "O lixo bom não é mais encontrado nas ruas e nem chega a Gramacho. A concorrência hoje é grande". (Fonte: site abralatas)

Se, no que se refere a Bom Jesus, há indícios de concorrência entre estes trabalhadores, fica evidente que, nas grandes metrópoles, estes catadores buscam empreender diversificadas formas de adquirir o material e garantir sua renda. Talvez fosse possível afirmar que o nível de concorrência acompanha a constante proliferação de catadores, ou seja, quanto maior o número de trabalhadores do lixo, maior a concorrência existente entre eles.

Outros depoimentos destacam:

*Às vezes passa uma semana, duas semana sem parecer carroto na rua. É esse esquema aí, pra dar pra complementar mesmo, ordenado o sujeito tem que dar pra ganhar pelo menos um salário no mês. Então eu trabalho com esse tipo de coisa pra dá o salário. Tem mês que não dá o salário (...)* (Depoimento de Jorge).

*Vim pra qui pra Bom Jesus porque meu pai tava doente, tava com problema de próstata e aí morreu, né? Em 89 ele morreu. Aí como a gente vê o zoto catá também, vê as outra carroça, botando as coisas na carrocinha então a gente pega também, né? (...) como isso não é crime, então eu cato de vez em quando* (Depoimento de Luzia).

Os dois casos explicitados apresentam o trabalho com o lixo como uma forma de complementar renda "Dá pra comprar um pão, dá pra comprar um leite pra poder alimentar, porque com o salário que ganha num dá". (Depoimento de Luzia). No entanto, o segundo depoimento demonstra o papel da rede familiar enquanto determinante no relato de vida da catadora.

No primeiro caso, o dinheiro do lixo complementa a renda obtida a partir de atividades ("bicos") de caráter estritamente rural (que garante a rentabilidade de muitos moradores de pequenos municípios), como a retirada de areia do rio (que fica nos fundos da

casa do catador) e do fretamento de sua carroça. No segundo caso, o lixo complementa o dinheiro da aposentadoria.

Por outro lado, existiram aqueles que relacionaram a entrada para esta atividade com a falta de emprego e as influências que obteve a partir do momento que entrou para uma igreja evangélica:

*Tava desempregada, doente, fumava, quer dizer, tinha sofrido atentado, meu amante tinha tentado me matar, tentado estuprar minha filha. Aí igreja que me incentivou, foi lá que eu recebi o conselho que era pra eu fazer o carrinho e catar papelão que eu ia vencer (Depoimento de Teresa).*

Além da fala relatada, pudemos ao longo da pesquisa de campo, observar a influência da religião (sobretudo a evangélica) na vida dos catadores. Em suas residências, algumas entrevistas tiveram como “trilha sonora” hinos evangélicos, as vestimentas dos catadores e de seus familiares demonstravam certa influência religiosa, com camisa escrita “Fé” ou com saias compridas e coques no cabelo, os valores religiosos de alguma forma eram expressos.

Diante dessa informação, é preciso pensar o lugar da religião no cotidiano destes trabalhadores, seja enquanto forma de alienação ou de incentivo ao trabalho e a busca de superação de uma realidade de pobreza e carências.

Por fim, uma catadora que tinha sido empregada doméstica, comentou sobre sua entrada para o trabalho com o lixo:

*Tava difícil, aí então entrava pra trabalhar. Aí eu passava mal a patroa mandava eu ir embora. Aí eu falei assim: não, tem que dar um jeito. Aí eu comecei (referindo-se ao trabalho de catadora) e pronto acabou, não quero coisa mais (Depoimento de Graça, 56 anos).*

Há nesta fala algo curioso: o fato de a doença colaborar para entrada na atividade com o lixo. Talvez a contraditoriedade desta informação se apresente na medida em que é comum o apontamento de que o cotidiano e as condições de trabalho com o lixo podem favorecer o surgimento de doenças.

No caso descrito anteriormente a catadora ainda destaca que teve:

*(...) diabete muito alta, tonteira. Aí eu falei assim, porque isso aí eu saio a hora que eu quero, né? Não tem aquela coisa, como os outros, eu tenho que ir, então o negócio é esse. Isso aí eu to passando bem, eu saio de manhã, aí só saio de manhã, porque aí a tarde costuma me dar uma tonteira que eu tenho que correr e deitar. Aí eu falo que na casa dos outros você ta passando bem ou num ta, você tem que ta ali. Aí eu falei assim, não vou parar com isso (Depoimento de Graça).*

Todavia, se a falta de rotina de trabalho estipulada por um patrão pode colaborar para que uma pessoa com problemas de saúde inicie esta ocupação, cabe considerar, também, que

a própria atividade, pode agravar e/ou gerar ainda tantas outras doenças, por toda exposição gerada a este trabalhador e já destacada neste estudo. No caso analisado, as questões podem se tornar ainda mais agravantes, na medida em que a catadora realiza o trabalho de “formiguinha”<sup>24</sup> - o material catado é colocado dentro de um saco plástico e transportado em sua cabeça pelas ruas da cidade até chegar a sua residência, aonde faz a separação deste lixo reciclável.

Um outro fator a se considerar é que independente do que levou essas pessoas a desempenharem suas atividades durante esse tempo de trabalho com o lixo, mais da metade dos entrevistados sofreram influência direta ou indireta de outro trabalhador para sua entrada no circuito da reciclagem. *“Eu tive idéia sim, porque o meu colega sempre tava me chamando pra ir trabalhar lá no outro comprador de mercadoria”* (Depoimento de Teresa).

Essa informação retoma uma discussão do primeiro capítulo deste estudo: o papel fundamental das redes na caracterização dos mercados de trabalho em países em desenvolvimento (LAUTIER e PEREIRA, 1994). Conforme destacado, as formas e estratégias que ela assume se processam a partir da articulação com outras pessoas (familiares, amigos...) que contribuem na obtenção de um emprego ou no desenvolvimento de uma atividade.

E, se antes ressaltamos a questão da concorrência existente entre os catadores de lixo, agora, aliado às redes, cabe considerar não apenas a influência direta ou indireta de outro trabalhador para o início de sua atividade, mas, também, a questão da solidariedade, o fato de que mesmo sendo mais uma pessoa a percorrer as ruas da cidade em busca de materiais para comercializar, não impediu que aquele que já está desempenhando esta ocupação se tornasse uma influência a este que necessitava encontrar uma estratégia de sobrevivência capaz de contribuir para a garantia de vida.

Por outro lado, há os que ressaltaram não terem sofrido influência de outro catador de lixo antes de começar a trabalhar no ramo, já que não conhecia ninguém.

*Isso aí foi parado em casa, sem nada a fazer. Aí tinha uma caçamba com ferro velho, aí fomo vender. Ah, já que tá parado mesmo, vamo fazer isso aqui, não tem nada pra fazer, vamo mexer com isso aí. Continuamo toda vida, o rapaz que tava comigo parou também. Eu continuei até hoje nesse ramo* (Depoimento de Mateus, 7 anos na atividade de catação).

Entretanto, este mesmo catador que comercializou a caçamba que havia em seu quintal, não possuía o instrumento básico de trabalho do catador: *“O carrinho eu peguei emprestado (...) aí o caminhão foi descarregar no mercado ali, bateu nele, amassou e foi embora”*.

---

<sup>24</sup> Expressão trabalhada no site “vivafavela”.

Apesar do catador não necessitar de capital inicial para investir em seu trabalho, o instrumento fundamental para o desenvolvimento de sua atividade é um veículo (carrinho, carroça, bicicleta) que possa conduzir as mercadorias coletadas. “O carrinho é o principal instrumento de trabalho do catador de lixo. Sua capacidade máxima chega a meia tonelada, puxada apenas com a força dos braços e das pernas”<sup>25</sup>. No entanto, o trabalho com este veículo deve ser realizado de forma cuidadosa, visto que é desenvolvido no trânsito ao lado de veículos automotores, estando expostos a acidentes como foi explicitado na fala anterior. Por outro lado, não é raro encontrar catadores que não possuem estes instrumentos de trabalho e acabam transportando os materiais, embalados em sacos plásticos, em suas costas. Para não fazer isso, uns investiram na compra de carrinhos (chegando a pagar R\$ 50,00, 60,00 reais para sua elaboração), outros pegaram emprestado e, existiram aqueles que, com uma caixa de geladeira e outros objetos montaram seu instrumento de trabalho.

Ao ir para as ruas, estes trabalhadores tiveram impressões a partir de diferenciadas situações que vivenciaram no início da catação. Situações ora marcadas por estigmas e preconceitos de uma realidade em que os valores são baseados em padrões de normalidade, ora marcadas pela contribuição daqueles que guardam materiais para o catador. Estas informações sugerem que o espaço urbano se torna um lugar caracterizado pelo processamento de relações sociais capazes de interferir diretamente no trabalho do catador de lixo, como se pode observar na fala de alguns catadores:

*Ah, quando a gente começou, não é todas não, mas tinham umas que até zombavam da gente. Elas falavam como é que a gente pode viver fazendo uma coisa dessas, mas não sabiam que além da gente viver assim, a gente ta defendendo o dinheiro da gente sem prejudicar ninguém, ajudando eles mesmo, limpando até a cidade (Depoimento de Sônia).*

*Tem alguém que acha que sempre ta mendingando. Aí houve até o caso de dois menino, ali próximo ao Jardim Valéria (Bairro de classe média da cidade), aí falou assim: Ih, ali a mendinga! Aí eu disse: não meu filho, não sou mendinga não! Isso aqui dá dinheiro. Aí eu até aconselhei eles a continuar estudando porque eu peguei um serviço mais bruto, né! Mais bruto, mais sujo porque eu não tenho estudo, porque se eu tivesse estudo eu teria várias oportunidade nas loja, porque eu tenho várias irmã de igreja que tem loja, vários irmãos que tem escritório, mas como eu num tenho estudo fica mais difícil (Depoimento de Teresa).*

*(...) o pessoal zombava, olha o lixeiro! Falava que a gente ficava catando lixo igual mendingo, mas eu nunca esquentei minha cabeça com isso não (Depoimento de Paulo).*

<sup>25</sup> Informações destacadas no site “reciclocultural”. Acesso em 29/12/2008.

Opiniões negativas que reduzem, degradam e desvalorizam o trabalhador do lixo enquanto podem coincidir com a valorização do material. Trabalhador que se torna vítima de atitudes hesitantes e desdenhosas daqueles que, inicialmente, não estão ligados a esta atividade.

Por outro lado, existiram aqueles trabalhadores que ressaltaram o seguinte:

*Não tenho nada a dizer não. Não tenho nada a dizer das pessoas não. Eu passo e alguém fala: tenho umas caixa pra você aqui. (...) Lá uma vez ou outra, num é sempre não. É lá uma vez ou outra, o caminhão da prefeitura vem cheio, joga umas caixa aí pra mim (Depoimento de Jorge).*

*Tem muita gente que ajuda a gente, guarda as coisa em casa, marca o dia da gente pegar, tem muita gente boa, dá muita coisa boa a gente (Depoimento de Lucas).*

Talvez por esses catadores desempenharem suas atividades há um tempo razoavelmente curto, muitas questões relacionadas ao passado são vivenciadas no momento atual de suas vidas, o que torna estes aspectos do passado ainda presentes em suas realidades, seja através de estigmas e preconceitos “*eles não vê boa coisa não, eles olham muito pro lado de que a pessoa que vai catar papelão esteja mendingando Eles acham assim, fulano virou mendingo por isso ta catano lixo, trazendo lixo*”. (Depoimento de Teresa). Ou através de pessoas, lojas e mercados ainda guardarem materiais para eles: “*Tem mercado que dá as coisa pra gente também. Essas loja dá papelão, mercado dá também*” (Depoimento de Paulo).

Entretanto, alguns já perceberam mudanças, por parte dos estabelecimentos comerciais da cidade (sobretudo os mercados) nos últimos anos:

*Os mercado hoje em dia eles não tão jogando caixa fora. Você já pensou se os mercado jogasse fora? Eu podia comprar meu terreno, alugar, ou comprar, porque quando eu comecei a catar o (...) me deu as caixa. (Depoimento de Sônia).*

E ainda houve os que confirmaram: “*Mercado também vende, tudo vende*” (Depoimento de Mateus).

Essas informações confirmam a abordagem realizada no capítulo anterior, quando destacamos que na base da cadeia produtiva em Bom Jesus existem diferenciados tipos de vendedores de materiais recicláveis, sejam os catadores permanentes, os eventuais ou àqueles comerciantes que vendem os materiais que podem ser reciclados para os depósitos. Tudo isso demonstra o grande movimento inerente a esta cadeia, que acaba contribuindo para que essa população possa ser caracterizada como “flutuante” (JUNCA, 2004). Todavia, ao longo deste estudo, também estamos ressaltando o fato de sua desvalorização perante a sociedade. Desta

forma, a partir de seu olhar, procuramos identificar a maneira com que as pessoas viam seu trabalho quando começou a desenvolvê-lo.

O preconceito se apresentou como o mais citado entre os catadores. Por outro lado, existiram aqueles que ressaltaram não ouvirem as outras pessoas falando nada acerca de seu trabalho, na medida em que sempre mantiveram seus quintais limpos: “*você não vê sujeira (...) Dei uma carroçada levo logo (...) Tudo protegido, num tem rato, num tem nada aqui, porque eu não deixo juntar*” (Depoimento de Mateus).

Ao longo do tempo, os catadores percebem uma mudança de postura a seu respeito: *Hoje eles já ajuda a gente. Hoje eles já mudaram* (Depoimento de Valter).

*Algumas pessoa elogia, né? Elogia porque tanto trabalho (...) só vê eu no movimento, então não tem como o pessoal tentá botar um defeito, todo mundo só me vê eu trabalhando. Chega aqui agora eu tô trabalhando, daqui a pouco eu saio, vou ali embaixo, volto, depois vou noutra lugar. Então assim, não dá motivo pro pessoal ficar falando: Ah, o cara não faz nada. Então num ponto eu sou até privilegiado. Ah, o pessoal fala assim: pessoa muito trabalhadeira* (Depoimento de Mateus).

*(...) tem um senhor ali perto da rodoviária que falou comigo: É muito bom, gosto desse trabalho da senhora. Desde quando a senhora começou a trabalhar na rua com reciclagem e esses catadores que cata aí também a gente vê a limpeza na rua, a gente vê a limpeza urbana. (...) a maioria reconhece* (Depoimento de Sônia).

Há indícios de que aquilo que era estranho aos membros da cidade inicialmente, vem gradualmente, tornando-se familiar e, conseqüentemente, menos objeto de preconceitos e discriminações (mas ainda passando por esses processos).

A esse respeito, Gilberto Velho (1978) ressalta a necessidade de transformar o exótico em familiar e a não naturalização de questões complexas cotidianas podem se apresentar como as alternativas mais plausíveis na construção de um olhar mais atento e crítico perante a realidade. Contudo, nessa construção, é de suma importância dar voz àquele que vivencia esta realidade, ouvindo-o e identificando seus posicionamentos.

Neste caso, ao considerar o olhar do catador acerca de seu trabalho no início da catação, identificamos que as respostas estiveram relacionadas a contribuições e aspectos individuais, que o caracterizam no desenvolvimento de seu trabalho ou até mesmo, o que este trabalho pode lhe proporcionar.

*Ah, com muita satisfação. Me sinto muito orgulhosa de poder trabalhar, muito satisfeita mesmo* (Depoimento de Graça).

*Na época que eu comecei, você não via ninguém na rua assim, como mulher trabalhando com reciclagem. (...) A gente ficava até sem jeito, sem controle da situação. Hoje em dia a gente sabe, você olha um material assim, você sabe o que é alumínio, você sabe o que é metal, é cobre ou ferro, entendeu? A gente sabe onde que vai botar aquele material. Não, esse aqui tem um valor e esse tem aquele outro, entendeu? Naquele tempo tudo era uma coisa só. (Depoimento de Sônia).*

*Eu achava sei lá, um trabalho honesto, né! (Depoimento de Lucas).*

Satisfação, orgulho, falta de experiência inicial, honestidade, rentabilidade são eixos que caracterizam abordagens iniciais de seu trabalho. Algumas dessas categorias são de grande relevância quando se discute a construção identitária de trabalhadores. Entendendo a identidade enquanto expressão subjetiva que é apreendida através da representação de si mesmo. Sendo que ao papel social do trabalhador (o que alguém é) estão agregadas outras qualificações exigidas pelo exercício laboral que são substanciadas através de atributos definitórios do eu: ativo, forte, bravo, honesto, etc. (JACQUES, 1997)

Por outro lado, houve uma resposta que considerou uma dimensão coletiva

*É importante, porque você ajuda a limpar a cidade. Porque antigamente passava e esses quintal aí era tudo cheio de lata, balde. Hoje em dia não, você passa e os quintal tão limpo. Então é um trabalho importante de limpeza. Acho que deveria ter um apoio (Depoimento de Mateus)*

Ao considerar o meio ambiente, o catador vai além do trabalho em si, define a função social do seu fazer que contribui significativamente para limpeza urbana, ou seja, para melhoria das condições ambientais do espaço urbano, apesar de não possuírem nenhum apoio municipal para tal exercício.

De acordo com Ferreira (2005) os catadores despontam como atores indispensáveis, na medida em que o gesto cotidiano de descartar o lixo seletivamente e entregá-lo a reciclagem torna-se um fator importante na conservação do meio ambiente. Neste sentido, todos se tornam agentes capazes de modificar a natureza, conservando-a ou degradando-a. Mas se a coleta seletiva não é habitual à população, o catador desempenha o papel de disseminar uma nova cultura enquanto agente ambiental e social.

Em pesquisa realizada em Uberlândia - MG, Ferreira (2005) constatou que a atividade destes trabalhadores tem proporcionado benefícios à natureza, além de gerar reflexões aos próprios membros da cidade, estimulando-os a introduzirem a separação de lixo em suas próprias residências, se atentando, segundo Ferreira, para a degradação do solo e da natureza.

Independente da localidade, a função social do trabalho desenvolvido pelo catador está estreitamente relacionada a limpeza do meio ambiente urbano. No entanto, no contexto

de Bom Jesus, não há estímulo por parte do poder público acerca da separação dos materiais nas próprias residências dos moradores da cidade. Estas ações, ainda muito tímidas, quando desenvolvidas, são por iniciativa dos próprios moradores.

Cabe ressaltar ainda que o passar do tempo e a maior experiência em relação ao trabalho com o lixo não proporcionou muitas alterações no que se refere a definições por parte de nosso sujeito de estudo, em relação a como via seu trabalho e como vê atualmente. O que indica, mais uma vez, haver uma ponte estreita que estabelece conexões entre o passado e o presente de forma cada vez mais consistente.

Neste contexto, a maior parte dos entrevistados destacou questões relacionadas ao meio ambiente. Alguns se referiram a rendimento, no entanto, como fator negativo: *“O ruim, o que desanima a gente que trabaia catando assim, é o preço deles que pagam muito poquinho. Invés deles aumentar, eles tão diminuindo o preço”* (Depoimento de Jorge). E ainda tiveram aqueles que também relacionaram a aspectos pessoais: *“Eu acho um trabalho bom, eu acostumei também, né! Todo serviço que eu pego eu faço com amor, eu agarro mesmo, aí eu continuo nele”* (Depoimento de Paulo).

E, por fim, há que se ressaltar um caso que destacou três aspectos: rendimento, meio ambiente e consciência dos membros da sociedade, como se pode verificar a seguir:

*Vejo como meio de renda, né? Pra gente lucrar e pra limpar a cidade. Eu também percebi que já tem diminuído bem esse negócio de botar muita coisa no lixo, tem gente que já põe na sacola já separada, tem gente que põe junto com o lixo, mas tem gente que já tem a consciência de que tem que separar pra reciclagem. Às vezes eu vou pegar certa coisa aí já tem gente que fala: Pode pegar essa sacolinha aí que já ta separado, já tem só reciclagem. Quer dizer, a pessoa já ta tendo consciência que a gente já trabalha pra isso. Pra manter a limpeza urbana e ter o ganho financeiro pra gente* (Depoimento e Sônia).

Este depoimento colabora para a seguinte reflexão: apesar de estes trabalhadores estarem situados, enquanto base de sustentação, em um circuito complexo de reciclagem, eles não possuem conhecimento mais detalhado acerca da cadeia produtiva e sua dimensão. O fato de possuírem idade avançada, baixa qualificação, terem uma história de vida relacionada ao trabalho marcada por ocupações/profissões desvalorizadas, que tinham como objetivo central manter sua sobrevivência, assim como, no momento atual de suas vidas, pode contribuir para que o pensamento destes trabalhadores não esteja relacionado a questionamentos maiores acerca de seu lugar, seu espaço e reconhecimento neste mercado, mas, sobretudo ou apenas, na busca de manter o básico à sua vida. No entanto, ao desempenhar suas atividades, a função

social de seu trabalho (relacionada à limpeza do ambiente urbano), vai tornando-se, aos poucos, reconhecida por algumas pessoas da sociedade, o que pode colaborar para possível redução de preconceitos e melhorias no desempenho de sua ocupação, quando um cidadão já inicia a separação do material em sua residência (como encontrado na fala anterior).

No entanto, certamente este é o início de algumas ações que podem colaborar para o trabalho do catador. Ações que não podem ser desenvolvidas apenas pela sociedade, mas, sobretudo, pelo poder público. Todavia, conhecer o processo de trabalho do catador de lixo é fundamental antes de se pensar em qualquer forma de se implementar políticas em sua realidade. É isso que faremos a seguir.

### **III.II – Entre as ruas: o processo de trabalho dos catadores de materiais recicláveis no município de Bom Jesus do Itabapoana - RJ**

É inquestionável a diversificada contribuição social da reciclagem e, conseqüentemente, os que atuam no circuito produtivo. Contraditoriamente, suas atividades são desvalorizadas no que se refere à cadeia produtiva e a própria sociedade. Mas, apesar da desvalorização simbólica, existem alguns aspectos atrativos para os trabalhadores, como por exemplo, a possibilidade de não ter horário, desenvolvendo a catação em qualquer hora e/ou dia que desejar, mas compreendendo que o ganho é obtido a partir de uma rotina mais intensa de trabalho, isto é, para se ganhar mais, é necessário intensificar seu trabalho.

Em pesquisa realizada por Juncá (2004) constatou-se que a maioria dos entrevistados trabalha em tempo integral (o dia todo), mas existem os que trabalham em tempo parcial, em dias seguidos ou alternados. Já Azeredo et. al (2000) ressaltou, em estudo desenvolvido no aterro de Campos dos Goytacazes – RJ, que 75,5% dos trabalhadores possuem uma rotina de 8 horas de trabalho/dia, enquanto 14,3% de 6 a 8 horas e 10,2% de 6 horas. Ainda destacou o fato de desenvolverem suas atividades à noite com a claridade da lua ou acendendo fogueiras. De acordo com estas autoras (2000, p.58), a maioria dos catadores (61,2%) usam o domingo como dia de folga. Existem, no entanto, outros que preferem “*rodá direto*”.

Por não atuarem em um lixão ou aterro, os catadores de rua no Município de Bom Jesus não dependem da entrega do lixo por caminhões coletores para executarem a “catação”. Mas as atividades do comércio da cidade são importantes, na medida em que a cidade passa a ter um movimento maior e algumas lojas ainda os oferecem materiais. “*Sábado eu só trabalho assim na parte da manhã, porque as loja não abre aí não vão colocar as caixa pra fora, nem sábado, feriado, nem domingo*”. (Depoimento de Sônia)

Todavia, nos dias considerados “úteis”, a maioria trabalha nas ruas em turnos integrais:

*Saio de manhã cedo. Começo segunda-feira de manhã cedo. Saio assim umas 6:00, 6:30 e volto assim onze e meia, meio dia já to de volta. Eu levo pra vender o que eu já catei ontem a noite no caso. Depois encho meu carrinho e venho embora. Aí chego aqui já reciclo tudo, separo, deixo tudo arrumadinho no carrinho, de manhã cedo levo tudo pra vender. Ou um pouco, às vezes vem muita coisa aí tem que levar aos pouquinho, né? Aí vou levando assim aos pouquinho, porque o caminhão deles lá não dá conta de ficar buscando na casa dos outro. Então eu vou levando devagar, aí vou levo o carrinho cheio, vendo lá e volto catando. Vou botando tudo junto dentro do carrinho, chega aqui que eu vou separar tudo, entendeu? Aí a noite eu volto de novo pra rua, todo dia da semana é assim (Depoimento de Sônia).*

*Eu saio de manhã, por exemplo, e só volto à noite. Deu oito, nove hora da noite, dez hora, não tem horário, enquanto tiver serviço pra gente fazer a gente vai fazendo (Depoimento de Mateus).*

Alguns trabalhadores, por falta de horário específico, criam sua própria rotina de forma metódica, a partir de certa experiência com esta atividade, que lhes garante a sobrevivência; outros trabalham só no período da manhã, seja porque exercem outras atividades e a catação se apresenta como complemento de renda, seja por opção própria.

*Sete e meia eu desço, né e vou vender. Na volta eu já passo também nos pontos que já tem material guardado pra mim. Mas se eu encontro também nas lixeiras, nas sacolas eu paro a carrocinha e complemento a minha carga, aí venho com uma boa carga e deixo separado tudinho. Aí é rapidinho. Aí eu tenho trinta minutos pra poder tomar banho, almoçar e vender picolé. Em torno de meio-dia e dez eu já to saindo com o picolé (Depoimento de Teresa).*

*Eu saio de casa sete hora da manhã e chego meio-dia, meio-dia e meio. (...) aí só vou no outro dia (Depoimento de Pedro).*

No primeiro caso relatado, verifica-se é que a luta pela sobrevivência está ancorada em atividades informais, precárias e que exigem, além do esforço físico, certo “poder” de comunicação capaz de criar vínculos entre donos de lojas e casas de família, que passam a guardar materiais para esta catadora. Além da venda do picolé - que confronta diretamente vendedor-comprador exigindo do primeiro uma boa comunicação capaz, inclusive, de ampliar a rede de conhecimento possibilitando estabelecer laços para o desenvolvimento do

trabalho - a entrevistada estuda no período noturno. Nas noites de sábado e domingo trabalha de cozinheira de um restaurante, mas sem carteira assinada.

Se por um lado, encontramos àqueles que sonham e buscam, dentro de suas possibilidades, um futuro melhor, outros, optam por trabalhar meio período, o que traz como consequência um rendimento menor, necessitando muitas vezes, de ajuda de vizinhos, familiares e igrejas na garantia do básico à sobrevivência, já que não desenvolvem outra atividade em paralelo a esta.

Há aqui um caso singular, que pôde não apenas demonstrar a pobreza econômica, mas também, a falta de perspectivas, sonhos e projetos.

O Sr. Pedro, de 46 anos, solteiro, com baixa escolaridade, morador de uma casa herdada dos pais, reside no primeiro piso de um prédio de dois andares, em que sua irmã, casada, mora no segundo andar. Seu ambiente de moradia se apresenta em condições de limpeza e estruturais inadequadas.

O fato de necessitar de ajuda para sobreviver não parece o incomodar, demonstrando estar satisfeito com suas condições de vida. Entretanto, é um fato que chama atenção, na medida em que a “falta” de qualidade de vida parece não fazer tanta falta em sua vida. Não há revolta, não há reclamação, não há vontade de superação, mas há tristeza, há inércia, solidão, falta de vida....

Em busca de ampliar nossas análises, vale a pena reconhecer que com um ritmo de trabalho variado em que depende, sobretudo, do significado da atividade em sua vida, ou seja, se é para complementar renda ou garantia de sobrevivência, os catadores saem pelas ruas, na maioria das vezes, sozinhos e transitam, empurrando seus carrinhos, em busca de materiais. Para tanto, se aproximam de lixeiras, latas, sacolas em busca do que reciclar, catando tudo que pode ser comercializado (papelão, vidro, latas, ferro, plástico, latinha, garrafa pet...). No entanto, neste processo de trabalho, o clima se apresenta como fator primordial, já que em períodos chuvosos as dificuldades se ampliam, por trabalharem ao ar livre.<sup>26</sup>

Depois da catação, o próximo passo é separar o material, colocando juntos os que conferem a mesma qualidade (garrafa pet com garrafa pet, latinha com latinha...) para em

---

<sup>26</sup> No apêndice 2, trabalhamos com um mapa que demarca as principais ruas da cidade em que encontramos estes trabalhadores no período de pesquisa. Vale a pena reconhecer que a área central da cidade, principalmente a Avenida Dr. Abreu Lima e a Rua Roberto Silveira são fundamentais à rota do lixo, na medida em que fazem a ligação entre os bairros principais de Bom Jesus. Bairros em que os catadores também percorrem, como: Aristides Figueiredo, Jardim Valéria, Santa Rosa e Lia Márcia. Visto que alguns são bairros onde eles residem (Aristides Figueiredo), outros possuem comércio (mercado e pizzaria) que pode favorecer o seu trabalho, além de ser bairro de classe média (Jardim Valéria) e o volume do lixo poder ser maior. E por fim, aquele em que se encontra os depósitos de lixo da cidade (Lia Márcia).

seguida, transportá-los até o depósito e realizar a comercialização. Todavia, mais da metade dos entrevistados, explicou que para desenvolverem este processo de trabalho, eles enfrentam algumas dificuldades.

*O mais difícil é quando você não acha o material, né? Você roda e não acha o material. Tem aumentado os pessoal cada vez mais. Tem pessoas aí que é dono de empresa e tá catando também. Tem pessoa bem de família, de carro do ano que tá catando, aí atrapalha mucado. Pessoas aposentada tem muita gente aposentada ganha três, quatro salário e vai catando material na rua. Aí atrapalha nós trabalhar. (...) A dificuldade é essa. Gente que não precisa catando material (Depoimento de Mateus).*

*(...) eu queria ver se eu conseguia comprar um carrinho né? Vou até ver isso pra mim, mas aí ele falou cinqüenta, fora a solda. Ah, agora não dá não. Dificuldade de carregar as coisas 'nas costa' (Depoimento de Graça).*

*(...) se eu tivesse um terreno pra mim ir juntano o meu material pra vender no fim de semana, pra mim seria melhor porque aí eu juntava mais quantidade. Porque o tempo que eu levo pra mim ir daqui lá levar de manhã cedo, se eu saísse daqui só pra catar e guardar lá no terreno eu lucrava mais, entendeu? Ou se eu tivesse um carro de carroceria, por exemplo, um reboque ou qualquer coisa, adiantaria também minha parte (Depoimento de Sonia).*

Se o catador recebe pela quantidade de material que seleciona, “quanto mais extrai, mais ganha” (SOUZA, 1995, p. 113) o seu colega de trabalho se apresenta como um concorrente, o que pode levantar a suspeita de que isso pode favorecer o isolamento entre os catadores, impossibilitando-os de se organizarem coletivamente.

No geral, as questões apontadas pelos entrevistados ficam restritas a um contexto de si mesmo (o que eu tenho e poderia ter) ou de si em relação ao outro (caso da concorrência), mas ainda de maneira restrita aos próprios catadores. Apesar de vivenciarem questões mais amplas, que demandam maior complexidade, como por exemplo, a falta de apoio público para realização de suas atividades, que não são citadas.

Por outro lado, alguns atributos como: jeito, força, disposição, paciência, saúde, não ter vergonha na realização das atividades, bons relacionamentos, dentre outros, são destacados como qualidades que um catador deve ter para desempenhar seu trabalho.

*Disposição, porque sem disposição não anima não. É sol, chuva... Jeito tem que ter força também, porque dependendo do carrinho é pesado, tem que subir morro para puxar. Tem que ter amizade também, saber fazer amizade com o pessoal (Depoimento de Mateus).*

*Ser desinibido, né? Ter paciência, né? Se alguém passar ali perto - Ah, ali a lixeira, ih, que coisa horrível ali, mexendo no lixo! - não fique com vergonha, bobice. Eu não dou nem ouvidos. Tem que ser desinibida, porque de repente você passa pertinho de pessoas que você jamais esperava te ver. Eu sexta-feira última eu deparei numa rua, né, num ponto onde eu mais arrecado material da pizzaria, um dos moradores, né, um oficial de justiça, que jamais esperava ver. Ele parou o carro e ficou esperando eu revirar o lixo. Aí, viu olhou o tipo de material que eu arrecadei, eu fechei a boca da sacola, botei tudo no lugar, ele afastou o carro. (...) ele tá apavorado, né? Ele não tá entendendo, as pessoas as vezes tem estudo e num entende o que leva alguém a levar um trabalho honesto (Depoimento de Teresa).*

“Ser desinibido”. Característica relevante na medida em que é mencionada em um sentido amplo. Isto é, para que este trabalho seja desenvolvido, além de força, jeito, disposição que acabam sendo inerentes à própria atividade em si, é necessário que você seja desinibido, ou seja, não tenha vergonha do olhar, dos gestos ou de atitudes de outras pessoas em relação ao fazer, mesmo porque, estabelecer bons relacionamentos, ampliar seu círculo de amizade é importante no desempenho do trabalho (como já foi ressaltado ao longo deste estudo).

No entanto, por mais que eles afirmem não importarem com as ações ou até mesmo, a falta de ação dos outros em relação a seu fazer, não esquecem do ocorrido e conseguem descrever detalhes, demonstrando como diz Bauman (2003, p.07) que “as palavras tem significado: algumas delas, porém, guardam sensações”.

Sensações que são destacadas no segundo depoimento e que demonstram o estigma por parte dos próprios catadores ao relatar a possibilidade de ver pessoas conhecidas pelas ruas da cidade durante a catação, tendo que manter o desenvolvimento da atividade, sem sentir vergonha. Ou seja, há uma aproximação por parte destes trabalhadores entre o exercício da atividade e sentimentos de vergonha ou inibição (como forma de “coagi-los”).

Por outro lado, “*O arrecadamento financeiro*” (Depoimento de Teresa), a possibilidade de receber diariamente pelo trabalho realizado se apresentou como o que há de mais positivo no desenvolvimento do trabalho.

*Não precisa ficar esperando todo mês” (...) “Eu posso tá sem um centavo que se eu sair eu já volto com um dinheiro pra comprar um arroz, um açúcar. É só eu descer com o carrinho pra lá e já volto com um trocado pra comprar qualquer coisa (...) (Depoimento de Paulo).*

Esta informação também foi constatada por Araújo (1997, p.95) ao pesquisar os bagulhadores do lixão de aguazinha em Recife. “*Catar lixo tem suas parte boa, moça. Veja*

*só: eu amanheço o dia sem um tostão, venho aqui, cato, vendo e já 'livro' o dinheiro do café”.*

Ao viver um dia após o outro, o dinheiro imediato se apresenta como fator de extrema relevância, capaz de garantir o alimento que está faltando e sanar aquele momento de fome. Contudo, assim como o rendimento vem em pouca quantidade, ele é gasto rapidamente, o que não permite inicialmente, realizar planos futuros.

Mas, se por um lado, existe a liberdade na rotina de trabalho desenvolvida, em que o próprio catador opta por seus horários, dias, locais em que realizará suas atividades, por outro, esta liberdade se torna ilusória, na medida em que seu rendimento depende da intensidade do trabalho.

Neste caso, existiram aqueles que destacaram como positivo no desenvolvimento de seu trabalho a noção de que *“Ali eu pego, vendo, por minha conta” (...)* *“a gente é o próprio patrão da gente, né!”* (Depoimento de Graça).

Ainda existiram os que disseram não haver nada de especial no desenvolvimento de seu fazer e outro que ressaltou:

*Às vezes acha alguma coisinha que a gente dá valor, costuma achar até cimento às vezes. Olha aí ó, aí que filtro show. Achei. Até passei sabão nele, mas não ta vazando.* (Depoimento de Jorge)

A “sedução” exercida pela possibilidade de encontrar objetos é verificada na realidade destes trabalhadores, seja no aterro metropolitano de Jardim Gramacho (JUNCA, 2004, p.106) em que é possível encontrar roupas, calçados, utensílios domésticos etc., seja em Bom Jesus, quando um catador ressaltou o quanto é natural achar pertences não tão valiosos de outras pessoas: carteiras com documentos e dinheiro, celulares, cimento, dentre outros. E se, segundo o catador, *“achado não é roubado, quem perdeu é relaxado”*<sup>27</sup>, suas ações são as seguintes: aquele que perdeu a carteira com dinheiro e documentos, ele retira o dinheiro e deixa o restante. Quando acha um celular, guarda, espera um tempo até parar de tocar e depois vende.

Justifica suas atitudes, dizendo que a cada mil pessoas que encontram algum pertence, um devolve. E que, ele mesmo, já esqueceu uma sacola com dinheiro do material catado durante um dia de trabalho em um dos depósitos da cidade e alguém pegou e não devolveu.

---

<sup>27</sup> Estas informações foram colhidas através de conversa realizada com um catador, que não se dispôs a realizar a entrevista, mas que colaborou sumariamente, através de uma longa conversa, com a pesquisa proposta.

Além disso, é possível perceber a idéia de estigma gerada a partir do momento em que o catador produz uma noção acerca de sua realidade e passa a justificar suas ações. Estas que sofrem com os padrões valorativos da sociedade. Ou seja, em cima de suas ações são construídas justificativas enquanto estratégias que objetivam driblar os estigmas.

Por outro lado, a forma como essas informações são expressas, parecem alertar para o fato de que nesse “jogo” a regra é ser esperto, conquistar uma lucratividade maior, já que as expectativas geradas a partir da atividade com o lixo, não são muitas. Neste caso, a possibilidade de se ter um rendimento extra pode ser alcançada com sorte, mesmo que tal sorte não esteja acompanhada de alguns valores que possam ir além do que é melhor pra mim, independente do outro, o que contribui para se refletir acerca da relação entre ética e trabalho informal.

A possibilidade de encontrar pertences é algo positivo. No entanto, fatores como falta de incentivo do poder público, falta de proteção social, preconceito por parte da sociedade, dificuldades em encontrar materiais recicláveis nas ruas foram os mais apontados quando questionados acerca do que há de negativo no desenvolvimento do trabalho, apesar de quase a metade dos entrevistados terem dito gostar de tudo, sendo contraditórios a alguns momentos anteriores, em que reclamaram, sobretudo, do preconceito em que os catadores passam ao desempenharem suas atividades.

Entretanto, dos que destacaram questões negativas ressaltamos o seguinte:

*O ruim é que você pode ter uma doença de repente e não ter recurso. Ficar doente sem recurso nenhum. Não tem ganho, não tem nada, aí é cada um pra si e Deus pra todos.*

Há, neste depoimento, uma estreita relação com a abordagem realizada no capítulo 01 deste estudo. Isto é, o fato de que os que estão incluídos nos circuitos econômicos marginais praticamente não possuem acesso aos mecanismos de Proteção Social. E, conforme Souza (1995) a solução a essas questões estão cada vez mais direcionadas à ação individual.

Essas informações teóricas e práticas sinalizam para o fato de que a falta de proteção social aos trabalhadores do setor informal, vinculada a responsabilização individual por questões relacionadas a (falta de) emprego, que são decorrentes de macro transformações, necessitam ser refletidas no campo das políticas sociais, pelo fato de alijarem trabalhadores precarizados, contribuindo, ainda mais, para complexificação de sua qualidade de vida.

Além destas informações, cabe considerar que quase todos os entrevistados mantêm-se “fiel” ao depósito em que vendem seu material. Apenas a Sr<sup>o</sup> Graça, ora comercializa com

um depósito, ora com outro. No entanto, a maioria dos entrevistados vende para o depósito mais antigo<sup>28</sup>, justificando da seguinte forma: *“Porque na época só tinha ele. Esse outro começo agora né! Então não posso trocar o certo pelo duvidoso”* (Depoimento de Mateus). Assim, por mais que pertençam a uma realidade instável, existe a busca de certa estabilidade em relação ao comércio do material, que acaba sendo construída, também, através do estreitamento das redes de contatos.

Na relação entre catadores e sucateiros, constata - se em alguns locais (como em Jardim Gramacho – RJ) algumas divergências em relação à fixação dos preços ou na pesagem dos materiais. Já no contexto bonjesuense, segundo os entrevistados, isso não é muito usual, na medida em que *“(...) eles são bom, trata a gente bem”*. (Depoimento de Paulo). No entanto, isso não anula a possibilidade de haver algum conflito em tal realidade: *“Até na hora que a gente vai vender a gente tem que ficar de olho, tem que ficar em cima (...) Tem muito explorador mermo”* (Depoimento de Graça).

Talvez, o que contribua para uma relação mais amigável no contexto local seja o fato de que a grande maioria dos entrevistados não sabe como os preços das mercadorias são fixados e nem questionam o motivo dos valores, o que os torna mais vulneráveis e menos consciente de seu real papel no circuito da reciclagem. Por outro lado, houve aqueles (em menor proporção) que disseram:

*O preço vem de lá pra onde eles vende. Eles manda pra cá, aí ele coloca. Se eles aumentar ele aumenta também, se o preço abaixar ele também abaixa. (...) às vez aumenta, abaixa (...) não é certo não* (Depoimento de Paulo).

Nestes casos, os catadores demonstram certo conhecimento do “caminho que o lixo percorre”. Compreendem que, para além do depósito, existem outros interesses, seja de tornar o material reciclado, seja de obter lucro com esse trabalho.

É possível inferir que esta melhor compreensão refira-se a experiência de trabalho enquanto um diferencial na construção de um olhar menos “inocente” acerca de determinadas questões inerentes à atividade. O que permite a Dona Sônia (07 anos na catação) sugerir o seguinte:

*(...) eu penso assim, pra nós que andamos na rua andando, catando, eles tinham que fazer um preço em quinze, vinte centavo e pra quem é, por exemplo, dono de mercado, eles tinha que vender por dez centavo mermo, porque eles não precisam, eles vende pra ter um ganho extra.*

---

<sup>28</sup> Como já ressaltado no capítulo anterior, em Bom Jesus existem dois depósitos principais: um acerca de 12 anos e outro há menos de 03 anos.

As entrevistas mostram também que os catadores (os que sobrevivem desta atividade) se sentem prejudicados pela concorrência (comerciantes ou os que vendem material como forma de complementar renda), demonstrando insatisfação em relação à atividade desempenhada, na medida em que eles estão diariamente nas ruas, em ritmos mais acelerados de trabalho, possuindo certa experiência no ramo. Enquanto outros ou trabalham em períodos menos intenso nas ruas ou nem para as ruas vão catar (caso de donos de estabelecimentos comerciais que vendem o material que pode ser reciclado). Nestes casos, há a sinalização de que é necessário um tratamento diferenciado entre os “vendedores” de materiais recicláveis para os depósitos, devendo privilegiar àqueles que se dedicam exclusivamente a esta atividade.

Curiosamente, nenhum dos entrevistados disse que não gosta de nada em seu trabalho atual, justificando que a flexibilidade de horários é o diferencial que permite tranquilizá-los. O que contradiz toda abordagem apresentada anteriormente quando chamam atenção para fatores como: preço baixo dos materiais, preconceito, falta de incentivo do poder público, falta de proteção social, dentre outros. Até mesmo a idéia da atividade possuir riscos não foi citada entre os fatores que eles não gostam em seu trabalho atual, apesar da grande maioria reconhecer que pode ser contaminados por algum material cortante, ou sofrer algum acidente de trânsito, como se pode observar:

*Num lugar de lixo pode ter caco de vidro, pode ter uma cobra lá dentro. Ah, qualquer coisa, ué. (...) É caco de vidro, é panhar aquelas pilhas que ta falando na televisão que a gente tem que separar elas porque elas contamina, é ou não é? Isso é contaminação (Depoimento de Luzia).*

*O risco que tem é a saúde, né? De sofrer um acidente também na rua, um motorista bêbado (Depoimento de Mateus).*

Acidente de trabalho, este é o maior risco reconhecido entre os entrevistados, que pode concomitantemente, gerar problemas de saúde e fazer com que as atividades de catação sejam interrompidas. Mas se por um lado, esta atividade gera riscos ao trabalhador, por outro, sua importância é valorizada, seja porque “*Dá um dinheirinho*” (Depoimento de Pedro), ou “*(...) porque eu to criando um contato maior com as pessoa, né!*” (Depoimento de Teresa) e até mesmo “*porque distrai minha cabeça (...)*” (Depoimento de Graça) e “*porque é limpeza urbana que evita de dar muito mosquito*” (Depoimento de Sônia).

Depoimentos que, sob perspectivas diferenciadas, ressaltam a possibilidade da distração, da limpeza do ambiente urbano, de socialização, ampliação de contatos e da

rentabilidade a partir da realização de seu trabalho. Esta última foi a mais citada quando questionados acerca do que esta atividade lhes proporciona.

Cabe considerar ainda que durante toda pesquisa de campo, muitos eixos analíticos se despontaram, seja em referência aos aspectos históricos da vida deste catador, seja em relação a seu trabalho e suas relações de trabalho na atualidade. No entanto, muitos destes eixos podem ser caracterizados como vantagens ou desvantagens relacionadas à atividade de catação, que, muitas vezes, vem se reproduzindo ao longo do desenvolvimento de seu fazer, demonstrando que questões do passado acabam se tornando ainda presentes em seu cotidiano.

Assim, se fatores como: limpeza do ambiente urbano, rentabilidade, construção de redes de contatos/solidariedade são vantagens ressaltadas pelos entrevistados desde o início do exercício de catação - o tempo de exercício de trabalho permite que estes catadores ampliem seus olhares acerca das desvantagens, possibilitando-os identificar além do que já percebiam (concorrência e estigma), a possibilidade que seu trabalho pode gerar riscos, inclusive, à sua saúde e que, caso isso ocorra, eles não desfrutam de nenhum mecanismo específico que lhes garanta algum tipo de proteção social. Percebem, também, que para aumentar os ganhos e diminuir os gastos, precisam de local para armazenar materiais ou um meio de transporte capaz de conduzir um maior volume de recicláveis.

Por outro lado, não se pode desconsiderar o que se tornou claro no desenvolver das entrevistas: ao explorar ruas, percorrer caminhos, trilhar quilômetros, garimpar materiais recicláveis, o objetivo maior do catador é a obtenção dos rendimentos a partir da atividade. No entanto, enfrenta preconceitos, riscos e concorrência. O que não impossibilita a ampliação de suas redes de contatos, ao desempenhar um trabalho honesto, que contribui para sociedade, apesar de não possuir seu reconhecimento.

Quando ouvidos, estes trabalhadores, em alguns casos, permaneciam sem uma postura valorativa de seu trabalho e questionadora das dificuldades, talvez por receios em relação às conseqüências que poderia acarretar. Conseqüências que, para eles, poderiam ser atreladas diretamente a sua rentabilidade. Isto é, é possível refletir que pela falta de um engajamento coletivo, de uma auto - valorização da atividade e sua função, da possibilidade de cobrar do setor público reconhecimento formal de seu trabalho, ou seja, um envolvimento para além da atividade em si, estes trabalhadores se tornam meramente executivos, que praticamente não levantam questionamentos acerca do que lhes prejudica, não compreendendo como funciona o circuito do lixo, o estabelecimento do preço das mercadorias, como se temessem o fato de perderem o pouco que já conquistaram, como por exemplo, a amizade dos sucateiros e possíveis benefícios adquiridos a partir deste relacionamento, por ambas as partes.

Finalizando, acrescentamos que essas análises permitem refletir o fato de que se torna difícil construir uma “cultura” de que é preciso reciclar e que um dos protagonistas desta ação é o catador, que precisa ser valorizado dentro e fora do processo produtivo, se suas ações não sobrepõem à execução de atividades de forma individual e isenta de maiores questionamentos. Para este olhar, há a necessidade de se construir estratégias/alternativas direcionadas aos diferentes agentes deste circuito. Estratégias que serão abordadas no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO IV – Políticas sociais, trabalho informal e catadores de lixo**

Os catadores constituem um caso bem específico de economia informal. Não é possível relacioná-los diretamente às mudanças recentes do mundo do trabalho, visto que suas trajetórias são economicamente “marginais”, em que poucos foram trabalhadores protegidos, até porque, quando empregados, seus salários eram baixos, sendo obrigados a buscarem outras maneiras de trabalho para se garantir o mínimo à sua sobrevivência. Assim, cabe-nos efetuar algumas considerações sobre a relação destes trabalhadores com a política social. Acreditamos que mesmo que a experiência seja restrita a Bom Jesus, ela é expressiva de um universo maior.

### **IV. I – Para além do trabalho: reflexões acerca de alternativas para trabalhadores do lixo.**

Para realizar algumas reflexões acerca da desproteção social por parte dos trabalhadores informais, particularizando a realidade dos catadores de materiais recicláveis, fazemos referência, novamente, a um fenômeno vivenciado na atualidade: a crise econômica mundial. Como ressaltamos no capítulo 2, ela não é nosso objeto de estudo, no entanto, suas conseqüências incidem diretamente na realidade dos catadores de recicláveis, tornando o cotidiano destes trabalhadores ainda mais instável.

No contexto bonjesuense, os dois depósitos de sucata principais da cidade encontram-se fechados (06/02/2009). A “estratégia” de reduzir os preços das mercadorias não conseguiu superar as dificuldades advindas da crise, os pátios das empresas continuaram lotados e a demanda reduzida, resultado: prejuízos. O que cooperou para o fechamento temporário dos depósitos de Bom Jesus, trazendo implicações não apenas aos donos e funcionários dos estabelecimentos e seus familiares, mas também aos catadores, principalmente, àqueles que sobrevivem exclusivamente desta atividade e que, por estarem na informalidade, não possuem acesso a mecanismos de proteção social como o seguro – desemprego.

Denunciamos assim a necessidade emergente de se pensar e implementar políticas protecionistas voltadas à informalidade. No caso específico, se observa uma realidade em que há a proliferação de catadores de materiais recicláveis justificada, muitas vezes, enquanto luta pela sobrevivência e/ou melhores condições de vida daqueles que possuem baixos níveis de escolaridade e acabam, através da criatividade, dando continuidade a antigas formas de sobrevivência em condições precárias. Já que, como vimos, seu trabalho é realizado em

situações climáticas adversas, em meio às ruas, ao trânsito intenso, em horários variados, estando sujeitos a múltiplas implicações a partir do exercício da atividade, apesar de não terem nenhum apoio público, mesmo gerando benefícios para a sociedade.

No entanto, a partir de questões mais amplas (a crise mundial), estes trabalhadores acabaram sendo “impedidos” (por tempo indeterminado) de realizarem seu trabalho mesmo nestas condições precárias, estando sujeitos, principalmente àqueles que se dedicam exclusivamente a estas atividades, a não manterem o básico a sua sobrevivência e de seus familiares. Neste caso questionamos: a problemática inerente aos trabalhadores do setor informal não deveria ser tratada de maneira mais profunda, já que a informalidade passa a ser concebida como um traço característico, uma marca permanente de países como o Brasil?

Apoiado por uns, criticado por outros, o setor informal vem conquistando cada vez mais seu espaço na sociedade atual. No entanto, por outro lado, a partir de 1990, o discurso oficial de base de ação do Estado no social, não esconde a idéia de que a pobreza e a miséria constituem caracteristicamente a sociedade brasileira. (THEODORO, 2000).

Ao assumir um papel de gestor, de acordo com Theodoro (2000), a palavra de ordem, por parte do Estado, é governar a miséria e reduzir conflitos. Entretanto, pode-se afirmar que, em relação aos catadores e muitos daqueles que estão na informalidade, nem isso vem acontecendo, já que a metade do grupo pesquisado não possui acesso a nenhum benefício assistencial do governo, apesar de alguns serem caracterizados enquanto população objeto de algumas políticas.<sup>26</sup> Mas, como ressaltado por Behring e Boschetti (2008), os serviços e programas da Assistência Social atingem entre 15% e 25% da população que deveria acessá-los.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Atualmente, se percebe que a tendência geral tem sido a de restrição e flexibilização de direitos, com a justificativa da crise fiscal do Estado, transformando as políticas sociais em ações pontuais e compensatórias. As ações preventivas, redistributivas se tornam limitadas, prevalecendo o trinômio neoliberal para tais políticas: a privatização, a focalização e a descentralização.

O acesso aos princípios promulgados no artigo 194 do Capítulo II da Seguridade Social, do Título VIII da Ordem Social, da Constituição Federal confirmam o exposto. A título de exemplo, destacamos o princípio da universalidade e da seletividade e a distributividade. Neste caso, o princípio da universalidade da cobertura não tem por objetivo garantir direitos iguais a todos os cidadãos, apesar de assegurar a política de saúde como direito universal, a assistência é direcionada aos que dela necessitam e a previdência é submetida à lógica do seguro, na medida em que o acesso aos direitos depende de uma contribuição anterior. A seletividade e a distributividade na prestação dos serviços indicam a possibilidade dos benefícios serem orientados a partir da “discriminação positiva”. Não se referindo apenas aos direitos sociais, esse princípio permite tornar seletivos os benefícios derivados das políticas de saúde e assistência, sugerindo uma tensão com o princípio da universalidade (BEHRING; BOSCHETTI, 2008)

<sup>27</sup> Soares (2000) reifica que o quadro de retrocesso social com aumento da extrema e nova pobreza é acompanhado por políticas sociais pauperizadas. Esta autora acredita ainda que o aumento da demanda por benefícios e serviços está atrelada a produção de um Estado de mal estar social que é consequência da contenção/limitação/desintegração das experiências de Seguridade Social na América Latina e no Brasil em

O que se percebe então não é apenas a focalização e seletividade das políticas, mas uma focalização que não consegue evidenciar segmentos que estão no bojo de uma realidade refratária e geradora de processos e relações discriminadas. Discriminação que a própria seletividade desenvolve de modo restrito, inclusive entre aqueles que estão enquadrados em seus critérios. Já que muitos acabam dependendo, por falta de ações públicas, da solidariedade dos demais membros da sociedade na garantia ao básico à sua sobrevivência, conforme relata um catador: “*Cesta básica eu ganhei ontem que o vizinho dali de cima me deu*” (Depoimento de Pedro).

Com programas tímidos e residuais no âmbito da assistência e previdência, expressões objetivas da questão social se tornam ainda mais dramáticas, pelo fato do não acesso a partir de critérios altamente vexatórios ou por sequer obter informação/orientação acerca do que lhe é de direito, mesmo estando enquadrados nos critérios exigidos.

No entanto, quando questionamos aos catadores se poderia ser desenvolvida alguma política municipal que lhes fosse destinada e se apresentariam alguma sugestão, a grande maioria respondeu que “sim” e suas sugestões estiveram relacionadas ao seguinte:

*Eu mesmo se tivesse condição organizava uma cooperativa, uma coisa qualquer. (...) Ainda mais cidade pequena igual isso aqui tem que ter um recurso, um lugar pra trabalhar melhor, uma organização melhor; dá um mucado de carteira pro pessoal fazer também. Dá não, contribuir para o INPS do pessoal. Aposentar ou encostar se for um caso necessário* (Depoimento de Mateus).

*Tivesse um galpão assim, pra gente juntar. Todo mundo. E ninguém explorasse um ao outro, porque também tem muito explorador* (Depoimento de Graça).

*Eu ouvi um comentário uma vez que o prefeito ia distribuir uma cartilha pra cada um, cada família separar os lixo da sacolinha. O que é lixo fica numa sacola o que é reciclagem ficaria na outra. Só você chegar, pegar e ir embora (...). Ajudaria e muito. Você vai chegar e não vai precisar ficar escolhendo material* (Depoimento de Sônia).

Diante destes relatos, percebe-se por um lado, uma preocupação em relação ao futuro, a falta de estabilidade, as dificuldades que podem encontrar se forem “impedidos” de exercerem sua atividade (como estão sendo no momento atual). Apesar de haver depoimento como: “*No dia de amanhã eu não sou de pensar muito não. Bati a cabeça no travesseiro e*

---

particular. Assim, se há restrição do acesso universal a bens de consumo coletivo e aos direitos sociais, há também uma articulação entre assistencialismo focalizado e mercado livre, este último voltado ao cidadão consumidor (MOTA, 1995).

*vou dormir (...)*” (Depoimento de Jorge). No entanto, a noção de que *“o pobre precisa ser ajudado”* (Depoimento de João) e que *“se os ‘tubarão’ não ajudar o pobre, o pobre ta morto pra vida”* (Depoimento de Paulo) é algo de relevância entre eles, na medida e, que buscam *“uma coisa segura”* (Depoimento de Teresa).

Todavia, ao expor a idéia de que precisam ser “ajudados”, os catadores bonjesuenses vão de encontro com o ideário do movimento nacional de catadores (desconhecido por muito deles), que objetiva além do reconhecimento legal da categoria no dia-a-dia, um novo espaço de trabalho, em condições mais dignas, como também, a garantia de alimentação, moradia e condições mínimas de sobrevivência, não como uma forma de ajuda, mas como um direito a ser conquistado pela categoria e implementado a ela <sup>28</sup> .

Por outro lado, destacaram ações por parte do governo no sentido de mobilizar a consciência da população como uma política de esclarecimento acerca do verdadeiro sentido da reciclagem e dos trabalhadores que estão inseridos na cadeia produtiva.

Em artigo publicado no site Agência Brasil (2007), o consultor para organizações de catadores de materiais recicláveis do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), Jorge Artur de Oliveira, afirmou esta outra função do trabalho dos catadores. Para ele, seria interessante que os resíduos chegassem aos catadores já tendo passado por uma triagem na origem, como separação entre o orgânico e o restante do lixo, enquanto tarefa de cada cidadão.

Além desta possibilidade, a plataforma de Educação Socioambiental do Programa Coleta Seletiva Solidária do Instituto Polis de março de 2003, ressaltou quatro conjuntos de estratégias<sup>29</sup> para implementação de ações e programas de educação socioambiental, que serão adaptadas ao este trabalho de acordo com a realidade atual municipal. Neste caso, serão abordadas três estratégias imprescindíveis no tratamento da temática: Estratégias do poder público, do setor empresarial e direcionadas aos catadores.

No que se refere às **estratégias do poder público** pode-se ressaltar a necessidade de se elaborar campanhas e materiais para divulgação acerca da reciclagem do lixo, através de uma abordagem porta-a-porta, além de escolas e demais locais públicos e privados, e até mesmo, ser trabalhadas em contas de luz e água, além de poder utilizar a mídia. Havendo possibilidade ainda de organizar fóruns de discussão, cursos de capacitação, seminários e debates que possam discutir conceitos básicos, terminologias, assim como, as implicações e

---

<sup>28</sup> Informações colhidas no site do Movimento Nacional de catadores de materiais recicláveis.

<sup>29</sup> Estratégias gerais, do setor empresarial, do poder público e direcionadas aos catadores. (Fonte: site: [http://www.polis.org.br/obras/arquivo\\_213.pdf](http://www.polis.org.br/obras/arquivo_213.pdf)).

vantagens da reciclagem para o município, possibilitando a definição de estratégias educativas, em parcerias com os catadores, de médio e longo prazo.

Além disso, há a necessidade de identificar melhor essa população para incluí-las em programas assistenciais. A partir do perfil traçado, pode-se ainda objetivar criar novas políticas voltadas a estes trabalhadores. Políticas que podem ser estimuladas e integradas entre as secretarias do município, a fim de compreender o catador em sua integralidade, mas que tomem por fundamento a possibilidade de se criar melhores condições de trabalho a estes trabalhadores. Pois, a partir de uma abordagem intersetorial, poderá se considerar todas as conseqüências das condições de trabalho atuais na vida do catador (saúde, educação, habitação, Assistência, cultura...), tendo como foco de ação a possibilidade de se criar mecanismos que possam contribuir para proteção do catador, devendo para isso, realizar uma articulação entre os governos municipal e estadual. Por outro lado, pode-se apontar ainda a criação de uma assessoria voltada para questões trabalhistas.

Já as **estratégias do setor empresarial** aqui adotadas, incorporam não apenas as poucas empresas do município, mas também, os próprios donos dos depósitos que compram material dos catadores.

No que se refere às empresas, há a necessidade de estimulá-las a realizarem pesquisas acerca do ciclo de vida de seus produtos, assim como de participar efetivamente da educação socioambiental na sua comunidade, envolvendo seus funcionários. Para tanto, há a necessidade de divulgar instrumentos que as habilitem como instituição social e ambientalmente segura.

Já em relação aos depósitos, com base nas informações colhidas na pesquisa de campo, sugeriu-se por parte dos entrevistados (como demonstrado no capítulo anterior deste estudo), a necessidade dos sucateiros valorizarem os catadores em situação ativa de trabalho. Uma alternativa a tal valorização seria a garantia de melhores preços dos materiais catados a estes que se dedicam integralmente à atividade em relação aos demais “vendedores” de lixo. Para tanto, podem utilizar do estudo proposto ao poder público, a fim de traçar um perfil destes trabalhadores, para tomarem tal iniciativa.

Neste caso, não há uma desvalorização do “vendedor” de materiais recicláveis, mas a valorização daquele que é uma das bases de sustentação da cadeia produtiva, que se dedica exclusivamente a esta atividade, sobrevivendo dela, e, como demarcamos, exercendo uma função social de sua ocupação que não é inerente apenas ao trabalho em si, mas trazendo contribuições para a sociedade de modo geral.

Por outro lado, vale a pena reconhecer que estes trabalhadores também devem desempenhar algumas estratégias (**estratégias direcionadas as catadores**), seja trocando experiências com outros trabalhadores de outras localidades, seja criando reuniões, grupos que possam discutir e participar das decisões no que diz respeito ao seu trabalho, assim como, obter contato com movimento nacional dos catadores, para que possam tornarem-se conscientes acerca de seus direitos e deveres, além de terem clareza acerca de seu papel na cadeia produtiva, desenvolvendo um olhar politicamente crítico em torno da catação. É evidente que essas são algumas alternativas à realidade identificada. Ações que não esgotam outras possibilidades e que podem ser reeditadas a partir de um debate entre os “setores” apontados.

No entanto, cabe mencionar que o objetivo das estratégias propostas relaciona-se a garantia de direitos que caracterizem melhores condições de trabalho e vida dos catadores, assim como ocorre em Porto Alegre (RS) onde o Estado criou uma política específica e vem desenvolvendo um trabalho sistemático com a categoria. Por causa disso, o nível de vida, de consumo e as possibilidades dos catadores são melhores em comparação a outros locais.

Diante das informações apresentadas, finalizamos este capítulo ressaltando a necessária articulação entre políticas sociais e trabalho informal, na medida em que este passa a ser, a partir da segunda metade de 1980, segundo Lautier (1994), um dos pilares da absorção e da reprodução da força de trabalho. No entanto, há a necessidade de se refletir acerca de cada política, estratégia e/ou ação implementada, a fim de se evitar ao máximo, possibilidades de clientelismo político, já que este último se torna mais presente a partir da descentralização político-administrativa em processo de implementação no Brasil a partir da Constituição Federal de 1988.

No que se refere ao contexto particular de pesquisa, a possibilidade de se gerir políticas e estratégias, devem ser acompanhadas por uma maior consciência dos catadores (acerca do circuito da reciclagem, do seu papel na cadeia produtiva, de suas conquistas históricas e de seus limites e possibilidades atuais), sujeitos – objeto de tais articulações, capazes de capacitá-los à participação social de forma crítica e a criação de mecanismos que possam torná-los empoderados<sup>30</sup> na luta por melhores condições de trabalho que, certamente, contribuirão nas relações desempenhadas no e para além do exercício da atividade.

---

<sup>30</sup> Empoderamento que é entendido como o mecanismo através do qual, pessoas, organizações e comunidades tomam controle de seus próprios assuntos e de sua própria vida, desenvolvendo uma consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir. Isto envolve os seguintes parâmetros: construção de uma auto-imagem e confiança; desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente; construção da coesão de

### Afinal, que processos construímos?

*“Olha, eu vou te falar uma coisa, pobreza é ruim, muito ruim a pessoa ser pobre, porque não tem condição de vida, é horrível”* (Depoimento de Luzia). Este depoimento expressa um sentimento capaz de definir a pobreza e, além disso, concebê-la através de sua vivência e experiência cotidiana.

Expressões desta ordem foram possíveis nos instantes de encerramento das entrevistas, quando abrimos espaços para os entrevistados ficarem livres acerca do que falar ou, pudessem manifestar seus sonhos e perspectivas futuras. Uma curiosidade é que dos 10 entrevistados, metade não quis manifestar nenhum comentário adicional acerca do seu trabalho, acreditando que as questões perguntadas abrangeram os aspectos mais importantes de sua atividade. Além disso, ressaltaram não sonharem mais, justificando da seguinte forma:

*Num tenho sonho nenhum, porque eu já passei da idade de sonhar. Sonhar é pra vocês que são novo assim, agora eu não. Passou dos cinquenta ano não precisa de sonhar mais não. É viver o dia-a-dia e pronto* (Depoimento de Jorge, 56 anos).

*Que que você acha que uma pessoa de sessenta e dois ano vai ter sonho? Ah não, eu não tenho sonho de ter nada, eu não. Já to com sessenta e dois ano, vou sonhar em que?* (Depoimento Luzia, 62 anos).

Os sonhos acabaram, o tempo apagou a possibilidade de idealização. Do passado restam histórias, lamentos, casos e experiências. Do presente a luta pela vida e do futuro nada se espera. Esses depoimentos traduzem o desabafo, a falta de perspectivas e o descontentamento com condições de vida que se processam ao longo de suas trajetórias. Condições marcadas por dificuldades econômicas que acabam transformando o cotidiano destes catadores como um dia após o outro, em que cada instante se processa a busca pela sobrevivência de modo imediato, sem maiores expectativas futuras.

Por outro lado, existiram aqueles que sonham com sua casa própria, a aposentadoria ou até mesmo, a possibilidade de melhorar, crescer através de seu trabalho.

*É até difícil explicar. A vontade é melhorar, né! Se pudesse melhorar, era bem melhor, mais enquanto isso não puder, meu sonho é continuar trabalhando e tocar a vida pra frente, com saúde e muita força pra trabalhar* (Depoimento de Mateus, 40 anos).

Não dispomos de elementos para afirmar ou negar a relação existente entre a faixa etária dos catadores e a possibilidade de sonharem, entretanto, ao comparar as informações, fica evidente que os trabalhadores mais jovens acreditam na construção de novas possibilidades, seja para o trabalho que realizam, ou a partir da atividade do trabalho que desempenham.

Essas informações se tornam relevantes quando buscamos compreender se a recente proliferação destes trabalhadores possui relação com as transformações no mundo do trabalho ou se é uma nova expressão da “velha marginalização” rural e de habitantes de cidades pequenas. Problemática esta que se tornou o foco de interesse da presente dissertação, acompanhada de questões como: Qual a relação dos catadores de materiais recicláveis com as mudanças no mundo do trabalho? Que rupturas e continuidades a realidade dos catadores apresenta com as antigas formas de sobrevivência e marginalidade? O que explica a proliferação de catadores de materiais recicláveis em municípios pequenos?

Para tanto, o objetivo central deste estudo pautou-se em estudar o trabalho e as relações de trabalho dos catadores de materiais recicláveis de rua no município de Bom Jesus do Itabapoana – RJ em 2008.

É possível inferir que, por um lado, o cenário de pesquisa encontrado aparenta estar despreparado para tantas transformações ocorridas no mundo do trabalho que acabam propiciando a flexibilização do trabalho e de suas relações, o aumento no número de trabalhos precários e desprotegidos socialmente e o surgimento da informalidade enquanto possibilidade de criação de novas estratégias de sobrevivência. Ao atrelar informalidade a atividades precárias, estas estratégias desenvolvidas pelos catadores acabam sendo objeto de preconceitos por parte da sociedade. Esta última, que cria padrões de normalidade capazes de depreciar os chamados “atributos impuros” do outro, tornando – o, segundo Goffman (1988), diferente, menos desejável e diminuído. Por outro lado, por não ter acesso a direitos trabalhistas, por desempenharem sua ocupação na informalidade, este trabalhador pode ser classificado como um “pré-cidadão”, visto que precisa comprovar seu estado de miserabilidade para se ter acesso a algum direito social.

Não se pode desconsiderar ainda que os catadores estejam inseridos em um circuito de reciclagem, em que são uma das bases de sustentação capaz de movimentar todo o processo produtivo ao realizar o trabalho mais árduo e precarizado. Processo que possui uma dinâmica própria e estabelece relações de dominação (implícitas ou explícitas) entre catadores, sucateiros e empresas de reciclagem. E que, ao mesmo tempo, sofre implicações, turbulências e instabilidades advindas da sociedade de forma geral, como vem acontecendo a

partir de outubro de 2008 em relação à crise econômica mundial, que está repercutindo de maneira devastadora no campo da reciclagem, gerando a baixa dos preços dos produtos ou, até mesmo o fechamento de depósitos.

As conseqüências destas questões na vida dos catadores bonjesuenses se agravam na medida em que há falta de conhecimento, por muitos destes trabalhadores, acerca da cadeia produtiva, de como o processo de reciclagem é desenvolvido, do lucro alcançado com o seu trabalho. Tudo isso contribui para que se propague, ainda mais, uma cultura voltada para uma maior exploração e submissão de sua mão de obra, além de dificultar a reflexão acerca da formação e organização da categoria de catadores ou, até mesmo, de buscar melhores alternativas frente a momentos de crise ou, ainda, de aumento de demanda e crescimento.

Além desta questão, não se pode desconsiderar um outro fator de relevância na dinâmica desenvolvida em tal circuito: a concorrência existente entre os catadores. Que pode ser explicada pelo fato de ser uma ocupação autônoma, onde a rentabilidade é garantida através do esforço e dedicação do trabalhador, ao buscar materiais, criar laços de amizade, ampliando suas redes de contato que se processam a partir da articulação com outras pessoas. Por outro lado, o aumento no número de catadores acarreta maior dificuldade para encontrar materiais pelas ruas da cidade e, conseqüentemente, uma diminuição no rendimento do trabalhador.

Conforme registra o estudo Avaliação técnico-econômica e social de sistemas de coleta de resíduos urbanos existentes no Brasil (1999) não há força no individualismo dos coletores e sua união representa uma arma poderosa. Vale a pena reconhecer que a concorrência, não exclui a possibilidade de se implementar, entre os trabalhadores, dinâmicas de solidariedade. Isto quer dizer que por mais que se vejam, em alguns momentos, como concorrentes, há certa influência de catadores mais antigos na entrada de outros no trabalho com o lixo (mesmo que seja em número reduzido).

Além disso, foi possível identificar que os entrevistados possuem alguns pontos em comum acerca de suas histórias de vida, como por exemplo, o fato de possuírem uma idade avançada, baixa qualificação, possuírem uma fé consistente, terem trabalhado em ocupações/profissões desvalorizadas, que tinham como objetivo central manter sua sobrevivência. Talvez algumas destas questões possam contribuir para a resposta acerca do número considerável de catadores pelas ruas da cidade de Bom Jesus, justificando assim, a proliferação destes trabalhadores em municípios pequenos. Fato que acaba aliado a uma realidade (por parte dos catadores) de continuidade às antigas formas de sobrevivência e marginalidade, mas não estando desvinculada das atuais transformações no mundo do

trabalho, que traçam algumas exigências (qualificação, elevados níveis de escolaridade...) que muitos destes trabalhadores nunca possuíram possibilidade de responderem.

Neste contexto, também pudemos analisar algumas contradições existentes entre as respostas destes trabalhadores. Metade dos entrevistados relatou que gosta de tudo no desenvolvimento de sua atividade, embora em alguns momentos anteriores tenham reclamado acerca do preconceito e desvalorização profissional perante a sociedade, expressos através de gestos e palavras depreciativas, sendo confundidos com mendigos pelas ruas da cidade. Assim como, terem realizado reclamações acerca do baixo preço das mercadorias, falta de incentivo do poder público, falta de proteção social, além dos riscos que a catação pode gerar para suas vidas, dentre outros.

No entanto, o trabalho com o lixo, também possui seu lado positivo para os catadores, seja enquanto expressão de sua função social de limpeza do ambiente urbano, os tornando agentes ambientais ou, até mesmo, uma forma de socialização, autonomia, ampliação de contatos e de rendimentos. Rentabilidade esta, que serve como um combustível a estes que percorrem ruas garimpando materiais, seja enquanto complemento do salário adquirido por outra função ou pela aposentadoria, ou enquanto garantia de sobrevivência.

Mas o fato de terem se tornado trabalhadores meramente executivos nos levou a traçar algumas reflexões, na medida em que a informalidade, relacionada a atividades precarizadas, deve ser revista e trabalhada por políticas sociais que garantam o exercício básico de uma vida digna, minorando as deficiências verificadas neste âmbito.

No caso específico, se observa uma realidade em que há a proliferação de catadores, justificada muitas vezes, enquanto luta pela sobrevivência e/ou melhores condições de vida destes que, através da criatividade, dão continuidade a antigas formas de sobrevivência em condições insustentáveis. Já que seu trabalho é realizado em situações climáticas adversas, em meio às ruas, ao trânsito intenso e em horários variados.

No entanto, mesmo nestas condições, estes trabalhadores correm o risco de não desenvolverem suas atividades, como vem acontecendo a partir da crise econômica mundial. Desta forma, sinalizamos a necessidade de se refletir, de maneira mais aprofundada, acerca do setor informal e suas implicações para seus trabalhadores, já que ele se apresenta enquanto lugar de grande expressão para boa parcela da população. Reflexão que deve ter como pano de fundo programas menos tímidos e residuais, além de propostas que devam contemplar uma perspectiva intersectorial.

Propostas, programas e políticas protecionistas que devem ser acompanhadas por uma maior consciência e participação crítica dos trabalhadores na luta por melhores condições de

trabalho. Neste caso, o eixo participação social se apresenta enquanto categoria fundamental neste processo de tamanha falta de ação e inércia, tanto por parte da sociedade, quanto por parte do poder público, cada vez menos responsável por suas atribuições, e ainda por parte dos próprios trabalhadores no contexto local.

O que se processa enquanto construção maior neste estudo é a possibilidade de - além de identificar e analisar questões relacionadas ao trabalho e as relações de trabalho dos catadores de materiais recicláveis de rua no Município de Bom Jesus do Itabapoana - refletir acerca de alternativas e parcerias capazes de responder demandas de diferentes ângulos (dentro de um mesmo contexto: o lixo) e com diversificadas possibilidades. Algumas alternativas foram propostas, no entanto, a construção de outras probabilidades depende daqueles atores que se encontram direta e indiretamente envolvidos neste contexto, ou seja, a sociedade e o poder público. Lança-se assim uma proposta que se processa para além desta dissertação: a idéia de que cada um de nós deve estar atento a esta problemática com o objetivo de construções e regulações capazes de, antes de tudo, apreciar a opinião, a fala e o olhar destes que vivenciam esta realidade.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Érica T. Vieira de. Assistência social e cidadania: um diálogo necessário. **Rev. Vértices**, Campos dos Goytacazes: CEFET Campos, v.6, n.1, jan./abr. 2004.

ALVES, Giovanni; Antunes, Ricardo. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335 – 351, maio/ago. 2004.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. Campinas - SP: Cortez, Universidade Federal de Campinas, 4º ed. 1999.

ARAÚJO, Lídice Maria Silva de. **Trabalho, sociabilidade e exclusão social: o caso dos bagulhadores do lixo de Aguazinha**. Recife, 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.

ARCOVERDE, Ana Cristina Brito. **Questão social no Brasil e serviço social**. Brasília: CEAD, 1999.

AWI, Felipe. Histórias da carrocinha. **O Globo**, Rio de Janeiro, v.4, n. 183,27 de jan.2008.

AZEVEDO, Verônica Gonçalves; GONÇALVES, Marilene Parente; JUNCÁ, Denise. **A mão que obra no lixo**. Niterói: EDUFF, 2000.

BALANCO, P.A.F.; PINTO, Eduardo Costa. **Dimensões do capitalismo contemporâneo: alguns aspectos do debate acerca do Estado-nação e do novo imperialismo**. In: Encontro Nacional de Economia, 33.,2005, Natal. Anais do XXXIII Encontro Nacional de Economia da Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia. Natal: ANPEC, 2005. V.1, P. 1-20.

BASTOS, Valéria Pereira. **Catador: profissão. Um estudo do processo de construção identitária do catador de lixo ao profissional catador**. Jardim Gramacho, de 1995 aos dias atuais. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. 5. ed., São Paulo: Cortez, 2008.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Política social e capitalismo tardio**. São Paulo: Cortez, 1998.

BOM JESUS DO ITABAPOANA. Secretaria geral de planejamento **Estudo socioeconômico 2005**. RJ, 2003.

BOM JESUS DO ITABAPOANA. Secretaria geral de planejamento **Estudo socioeconômico 2005**. RJ, 2005.

BOUGET, D; NOGUES, H. **La notion de l'exclusion sociale**. DPH Passereles, 1993.

BURRSZTYN, M; ARAUJO, C.H. **Da utopia à exclusão: vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond; Brasília: Codeplan, 1997.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Setor informal urbano e formas de participação na produção. São Paulo, 1983. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

CAMPOS, A. et. al. (org). **Atlas da exclusão social no Brasil: dinâmicas e manifestação territorial**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 2.

CAPECHI, Vitorio. **La economía informal y el desarrollo de la especialización Flexible**. 1989.

CARVALHO, Raul de; IAMAMOTO, Marilda. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação teórico – metodológica**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, Maria do Carmo Albuquerque. **Participação social no Brasil hoje**. Instituto Polis, 1998.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_.As transformações da questão social. In: WANDERLEY, Mariângela Belfiori; BORGUS, Lúcia; YASBEK, Maria Carmelita. (orgs). **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 1997, p. 161-190.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues et al. **Ações ambientalmente sustentáveis para geração de renda e qualidade de vida dos catadores de recicláveis em Manaus**. 60° Reunião Anual da SBPC.

CIPRIANI, Roberto et al. Experimentos com histórias de vida. São Paulo: Vértice, 1988.

COSTA, Ricardo César Rocha da. **Notas sobre exclusão social**. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, V. 29, n.96, p 93 – 109, nov. 2008.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Notas sobre cidadania e modernidade**: debates sobre “modernidade”. Estudos de política e teoria social. Rio de Janeiro, v. 1, n.1, 1997.

COUTINHO, Ronaldo do Livramento. **Operário de construção civil**: urbanização, migração e classe operária no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

CUNHA, Fabiana Lopes da; MELCHIOR, Livian. Cooperativas populares: a (re) qualificação dos catadores de resíduos sólidos recicláveis em Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo – SP. **Revista Ciência em Extensão**, v. 2, n. 1, p.93, 2005.

DEMO, Pedro. **Charme da exclusão social**: polêmicas do nosso tempo. 2.ed. Campinas, SP : Autores Associados, 2002.

DUTRA, Antônio. **Páginas memoráveis de Bom Jesus do Itabapoana**. Rio de Janeiro: Ed. Rio - Textus, 2004.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu**. trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

FIGUEIREDO, Eurico de Lima. **Sociologia da modernização**: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1978.

FLEURY, Sônia. **Estado sem cidadãos**: seguridade social na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

FONTES, Virgínia. Capitalismo, exclusões e inclusão forçada. **Tempo**, v. 2, n. 3, p. 34 – 58, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GONÇALVES, Raquel de Souza. **Catadores de materiais recicláveis**: trajetórias de vida, trabalho e saúde. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2004.

Governo Federal. Plataforma de educação socioambiental do programa coleta seletiva solidária, 2003. Acesso em: [http://www.polis.org.br/obras/arquivo\\_213.pdf](http://www.polis.org.br/obras/arquivo_213.pdf)

HARVEY, David. **Condição pós – moderna**. São Paulo: Loyola. 1992.

JACQUES, Maria da Graça. Identidade e trabalho. In: CATTANI, Antônio David, org. **Trabalho e tecnologia**: dicionário crítico. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 1997. 292p.

JUNCA, Denise Chrysóstomo de Moura. Trajetórias de sujeitos no lixo. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo: Cortez, v. 26, n.84, p.169 – 189, nov. 2005.

\_\_\_\_\_. **Mais que sobras e sobrantes: trajetórias de sujeitos no lixo.** Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/ FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2004.

JUSTO, José Sterza; NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. Vidas errantes e Alcoolismo: Uma questão social. **Psicologia: reflexão crítica**, v.13, n. 3, p. 529 – 538, 2000.

KOWARICK, Lucio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina.** 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LAUTIER, Bruno; PEREIRA, Jaime Marques. Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina. **Cad. CHR.** Salvador, n..21, p.121-151, jul./dez.1994.

\_\_\_\_\_. Informalidade das relações de trabalho e cidadania na América Latina. **Cad. CHR.** Salvador, n. 18, p.5-48, 1993.

LEMONS, Linovaldo Miranda. **As sociabilidades na informalidade: uma investigação sobre a interação de diferentes contextos sócio – organizativos no camelódromo em Campos, 2001.** Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2001.

MACHADO, Luane Rubim. **Economia informal e mercado de trabalho: uma análise da informalidade no comércio do centro de Campos dos Goytacazes/ RJ.** Campos dos Goytacazes, 2008. Trabalho Final de Curso (graduação em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2008.

MAMANI, Hernan Armando. Economia informal, mercado de trabalho e políticas públicas: notas iniciais para um estudo do Norte Fluminense. **Revista do Programa de Políticas Sociais**, Campos dos Goytacazes: UENF, v.1, n.1, p. 34-56, jan./ abr. 2007.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, Clitia Helena Backx. **Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento.** Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARX, Karl. Transformações de mais – valia em capital. In: **O capital.** São Paulo: Abril Cultural, 1983, cap 22, p. 10-20.

MAYER, Ricardo. Lutas por reconhecimento em Associações de Catadores de lixo no Sul do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, 2007, Recife: **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2007, p. 1 - 27.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** 5.ed.rev. ampl. São Paulo: Loyola, 1996.

MELMAN, C. Alcoolismo e toxicomania: uma abordagem psicanalítica. **Temas**, v. 23 n. 45, p. 41 – 49.

MINAYO, Maria Cecília Gomes. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. (org). **pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, Cap. 1, p.9-30.

MOTA, A. E. **Cultura da crise e seguridade social: um estudo sobre as tendências da previdência e da assistência social brasileira nos anos 80 e 90.** São Paulo: Cortez, 1995.

MONTEIRO, Karla. O luxo do lixo: as voltas que o lixo dá. **O Globo**, Rio de Janeiro: O Globo, v. 4, n.182, jan. 2008.

Movimento Nacional de catadores de materiais recicláveis. Acesso em: <http://www.movimentonacionaldecatadores.org.br>

NASCIMENTO, Eliminar Pinheiro do. A exclusão social no Brasil: algumas hipóteses de trabalho e quatro sugestões práticas. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 152, 1994.

NETTO, José Paulo. Transformações Societárias e Serviço Social. Notas para uma análise prospectiva da Profissão no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v.17, n°50, abr. 1996.

NOGUEIRA, Jozeni. Viver sobre o lixo e sobreviver do lixo. um estudo com os catadores de lixo em Vitória – ES. Vitória, 1996 Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória- ES, 1996.

NORONHA, Eduardo G. Informal, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 18. n 53, p. 111 – 129, out. 2003.

NUN, José. Superpoblación relativa, ejército industrial de reserva y masa marginal. **Revista latino americana de Sociologia**, v. 5, n°2, p.178-235, 1969.

OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**: transformações contemporâneas do trabalho e da política. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Cristiano Benites. **Catadores de materiais recicláveis**: processos organizacionais, redes de conflito e desdobramentos sociais. Porto Alegre: PUC-RS, 2008.

OLIVEIRA, Luciano. “Os excluídos ‘existem?’”: notas sobre a elaboração de um novo conceito. **Ver. Brás. Ciências Sociais**, n° 33, p. 49 – 61, 1997.

PASTORINI, Alejandra. Delimitando a “questão social” o novo e o que permanece. In: \_\_\_\_\_ . **A categoria questão social em debate**. São Paulo: Cortez, cap. 4, p. 10-20.

PAUGAM, S. **La disqualification sociale . essai sur la nouvelle pauvreté.** 3 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

PELEGRINO, Isabel de Carvalho. Trabalho informal: a questão das mulheres das favelas de Praia Rosa e Sapucaia. In: GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques (org). **Cidade, transformações no mundo do trabalho e políticas públicas.** a questão do comércio ambulante em tempo de globalização. Rio de Janeiro. DP&A, 2006. Cap 2, p.32 – 49.

PINHEIRO, Vinícius C. **Modelos de desenvolvimento e políticas sociais na América Latina em uma perspectiva histórica.** Planejamento e Políticas Públicas, n° 12 – Jun/ Dez de 1995.

PORTO, M. F. S. **Relatório resumido do questionário sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho/RJ.** Projeto Intitulado – “Saúde, Ambiente e Desenvolvimento: Degradação ambiental e efeitos sobre a saúde decorrentes da disposição de resíduos na Baixada Fluminense” FIOCRUZ/CESTEH. Agosto de 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: Biblioteca Básica de Ciências Sociais. v.7, 1991.

Revista Reciclagem moderna, nov/dez 2008. Os efeitos da crise mundial no setor da reciclagem, n°13. Acesso em: <http://cviewer.com.br/RMDN/cViewer/edicao.asp?ed=13>

ROSANVALLON, P. **La nueva custión social:** repensar el estado providencia. Buenos Aires: Manantial, 1995.

SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. **Além da fábrica.** trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, out. 2003.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e justiça:** a política social na ordem brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

SCHWARTZMAN, Simon. **As causas da pobreza.** Rio de Janeiro; FGV, 2007.

SILVA, Luiz Antonio Machado. **Mercados metropolitanos de trabalho manual e marginalidade**. Rio de Janeiro, 1971. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1971.

SOARES, Maria Cássia de Moraes. **No despertar de nossas origens**. Produção independente. Impressão, composição e diagramação Almeida artes Gráficas.

SOARES, L. T. **Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2000.

SOTO, Henando de. **Economia subterrânea, uma análise da realidade peruana**. São Paulo: Globo, 1987.

SOUZA, Fátima Valéria Ferreira de. **Sobrevivendo das sobras: as novas formas de miséria urbana**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Escola de Serviço Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 1995.

SPOSATI, Aldaíza. **Vida urbana e gestão da pobreza**. São Paulo: Cortez, 1988.

STROMQUIST, N. La búsqueda del empoderamiento: en qué puede contribuir el campo de la educación. In. LEON, Magdalena (org) **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá: MT Editores, 1997.

SUISSO, FLÁVIA. **Trabalho informal no Brasil Contemporâneo**. 2008. Disponível em [http: <www.fdc.br/revista2006>](http://www.fdc.br/revista2006). Acesso: maio/2008.

TAVARES, Maria Augusta. **Trabalho necessário: o trabalho informal deslocado da economia para a assistência social**. Trabalho. Ano 4, número 4, 2006.

TELLES, Vera de Souza. **Pobreza e cidadania**. notas de palestra proferida na UNB. Brasília: UNB, 1993.

THEODORO, Mário. **As bases da política de apoio ao setor informal no Brasil**. Brasília, 2000.

TOKMAN, Vitor E. **El sector informal: quince años después**. 1986.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, cap. 2, p.36-46.

VELLOSO, Marta Pimenta. Os restos na história: percepções sobre resíduos. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 13, n 6, p. 1953 – 1964, 2008.

XIBERRAS, Martine. **Lês théores de l'Exclusion: pour une construction de l'imaginaire de la deviance**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1993.

YASBEK, Maria Carmelita. Pobreza e exclusão social: expressões da questão social no Brasil. **Temporalis**, Porto Alegre: ABEPSS, v.2 , n.3, 2004.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_ **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Ed. Escuta; Campinas: Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_ **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro, Revan, 1994.

\_\_\_\_\_ Comentários dos assessores sobre perfil da população de rua. In: Rosa, C. M. M. (org) **População de rua: Brasil e Canadá**. São Paulo: Hucitec, 1995. P. 53 – 61.

APÉNDICE I

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINESE**

**CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM**

**MESTRADO EM POLÍTICAS SOCIAIS**

**TEMA: CATADORES DA SOBREVIVÊNCIA: ESTUDO DO TRABALHO E DAS  
RELAÇÕES DE TRABALHO ENTRE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS  
DE RUA NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DO ITABAPOANA – RJ EM 2008.**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**I) IDENTIFICAÇÃO:**

1.1) Profissão:

Ocupação atual:

1.2) Idade:

1.3) Estado Civil:

1.4) Escolaridade:

1.5) Filhos:

1.6) Ocupação dos filhos:

1.7) Renda mensal:

1.8) Em que tipo de casa você mora?

1.9) Como é o relacionamento com os vizinhos? Justifique.

2.9.1) Como é o relacionamento com os residentes na mesma casa? Justifique.

## **II) RELATOS DE VIDA**

- 2.1) Há quanto tempo você desempenha esta ocupação?
- 2.2) Você desempenhava outra atividade profissional antes de entrar para esta ocupação?  
Caso sim, qual?
- 2.3) Você desempenha, paralelamente, outra ocupação?
- 2.4) O que o levou a desempenhar esta estratégia de sobrevivência?
- 2.5) Você conhecia alguma pessoa que trabalhava com o lixo antes de sua inserção neste ramo?
- 2.6) De que forma iniciou nesta atividade?
- 2.7) Existiu algum tipo de preconceito por parte das pessoas (amigos, familiares, desconhecidos) quando começou a trabalhar no ramo do lixo? Caso sim, que tipo? De quem?
- 2.8) Como as pessoas viam seu trabalho no início?
- 2.9) Como elas vêem seu trabalho atualmente? Há diferenças em relação ao início?
  - 2.9.1) Como você via seu trabalho no início?
  - 2.9.2) Como você vê seu trabalho atualmente? Há diferenças em relação ao início?
  - 2.9.3) Por que não desempenhar outra ocupação?

## **III) TRABALHO DO CATADOR**

- 3.1) Em que consiste o trabalho do catador de lixo reciclável (horários, rotinas, instrumentos)?

3.2) Você enfrenta alguma dificuldade na realização cotidiana de seu trabalho? Caso sim Justifique.

3.3) Quais são as qualidades que o Catador deve ter para desempenhar este trabalho?

3.4) Para você, há algo de positivo no desenvolvimento de seu trabalho?

3.5) Para você, há algo de negativo no desenvolvimento de seu trabalho?

3.6) Qual é o tipo de lixo catado?

3.7) Quem compra as mercadorias catadas?

3.8) Por que vende as mercadorias a este comprador?

3.9) Com quem você se relaciona para vender estas mercadorias?

3.9.1) Como os preços das mercadorias são fixados?

3.9.2) Há conflitos na fixação dos preços? Justifique.

3.9.3) Existe algo que você não gosta em seu trabalho atual? Caso sim, justifique.

3.9.4) Seu trabalho possui riscos? Caso sim, quais?

3.9.5) Que importância você atribui a seu trabalho?

3.9.6) O que este trabalho lhe proporciona?

#### **IV) POLÍTICAS SOCIAIS**

4.1) Você recebe algum benefício assistencial do Governo?

4.2) Caso receba algum benefício, ele tem colaborado em alguma coisa? O quê?

4.3) Você acredita que poderia ser desenvolvida alguma política municipal voltada para os catadores? Caso sim, o quê?

4.4) Gostaria de colocar alguma coisa que não foi perguntado?

### **AGRADECIMENTOS**

### **OBSERVAÇÕES:**

---

---

---

---

---

---

---

---

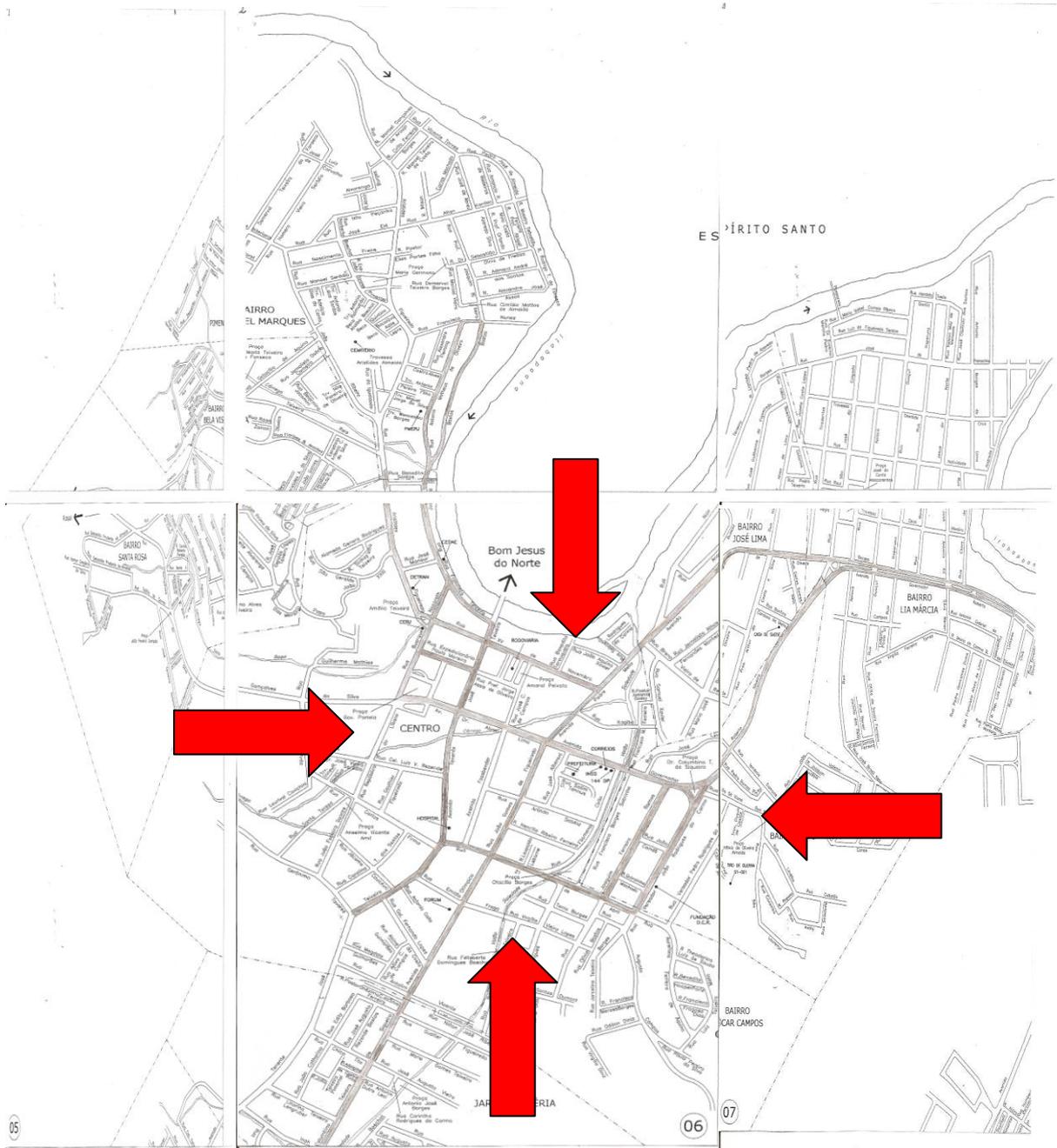
---

---

**DATA** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**ASSINATURADO PESQUISADOR:** \_\_\_\_\_

APÊNDICE II



**Mapa da rota do catador de lixo pelas ruas de Bom Jesus.**